

Pensar o espaço

O território e seu movimento

Bernard Francisco I Haumont

Dissertação

**Mestrado em Gestão do território: ambiente e recursos
naturais**

Bernard Francisco I Haumont, Pensar o
espaço o território e seu movimento,
2014

Outubro 2014

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em **Gestão do território : ambiente e recursos naturais**, realizada sob a orientação científica de Pedro Cortesão Casimiro.

*À minha mãe, árvore-raiz que tornou
e torna tudo possível.*

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Pedro Casimiro, pela sua confiança e ajuda.

Ao João-padrinho, por tudo.

Ao Mouro, por me ter construído desde que cá estou, por me aturar tanto, pelas conversas leves e obsessivas, pela sua sensibilidade, pelas diversas situações e pelo seu sentido do espetáculo.

Ao Berhan, que também me contruiu, pela sua presença, suas palavras, sua música, por Lisboa e todas aquelas situações que outorgaram saúde, bravura e jovialidade.

Ao Zé, pelos reforços, seu sorriso, sua leveza, pela sua moderação moderadamente moderada e aquelas mesmas situações.

À Mariana, por tudo.

À Maria, outro sorriso, por todas as situações lisboetas, pelas bolas de sabão que proporcionam vários divertimentos inolvidáveis.

A Pedro, jamais fatigué, toujours si près.

A Max, Samuel, Mario, Carole, Plume, Filipa, Quentin, Elias, Nico, Simon, Roy, Miguel, Zico, Madalena, Bernardino, Carlos, Zé-Maria pour m'avoir construit, moi, Bruxelles et Lisbonne.

Pensar o Espaço

O território e seu movimento

Bernard Francisco I Haumont

RESUMO:

Pensar o espaço implica perceber as características e as problemáticas que surgem quando se fala dele. Implica estudar que definições e concepções lhe foram dadas para ter uma base sólida de reflexão. Desde modo, é necessário rever as concepções políticas, etológicas, geográficas e sociológicas do espaço para entender o tipo de territórios que elas sugerem. É necessário também perceber como um território é percebido e se deixa perceber pelo um agente constituindo o espaço vivido desse agente. O território nasce pelas relações e ações que os vários agentes têm enquanto as determina. Essas ações e relações estão ligadas ao corpo da terra e as técnicas presentes num determinado território no qual um agente se insere, em função do capital cultural e econômico desse agente. Existe um espaço social (Bourdieu, 1979) e um imaginário espacial que determina e é determinado por um ambiente territorial. É esse imaginário e esse ambiente que determina as ações, os desejos e as criações dos agentes e que atualizam o agente. É desta forma que se tem de falar do devir, de um constante “tornar-se” tanto para o agente que para o território. Não se pode pensar o território humano sem as interações que os agentes têm entre eles é com o território. Interações que são, como veremos, ligadas a percepção (imaginário) do espaço em função do tipo de espaço. Desde modo, não se pode separar o imaginário do espaço real tal como não se pode separar as interações entre os homens das interações com as técnicas. Este todo, com a noção do constante “tornar-se”, é o território, já é o território. O que nos leva a falar do movimento do território que não para de tornar-se, de mudar, que não para de se

desterritorializar e de se reterritorializar. O território é assim inseparável de um agente tal como é inseparável da desterritorialização. Ao aprofundar essa noção de G. Deleuze e F. Guatarri, poderemos pensar no território como um agenciamento ou uma multiterritorialidade tanto de forma micro como macro-política. No entanto, antes dessa afirmação, será necessário entender como se pode conceitualizar o espaço, que características e intensidades um certo espaço reflete. Para tal, veremos a distinção e a relação entre o espaço do sedentário dito estriado, e o espaço do nómada dito liso (Deleuze, Guatarri, 1980). Dois espaço que fluem e se alimentam um no outro em função das suas características e dos agentes que se inserem neles.

Contudo, pensar o espaço é o contrário de o fechar numa nova definição, mas é entender que movimento ele sugere e como esse movimento pode responder a compreensão do homem e da sociedade. Como é que hoje, o ambiente ou o agenciamento territorial pode ser considerado como móbil, ou seja, como surge uma multiterritorialidade e como passar de um território a outro pelo movimento de territorialização. Desde modo, é preciso pensar no espaço como algo de aberto, de móbil.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço, desterritorialização, multiterritorialidade, território, imaginário.

ABSTRACT:

To think about space implies understanding the characteristics and the problematic that arise when we talk about it. It implies a study about the definitions and the conceptions that were already given to have a solid base for our reflection. Thus, it's necessary to review the political, the ethological, the geographical and the sociological conceptions of space to spell out what kind of territory they propose. It's also necessary to understand how a territory is perceived and how it allows itself to be perceived by an agent, constituting the lived-in space of the agent. The territory rises with the relations and the actions of the agents whilst it determines them. Those actions and relations are connected to the body of the earth as to the technics prevailing on a specific territory in which an agent is implanted, according to the economic and cultural capital of that agent. There is a social space (Bourdieu, 1979) and an imaginary space that defines and is defined by a territory ambience. That ambience and that imaginary determine the actions, the desires and the creations of an agent and actualize the agent. Considering that, we have to talk about the becoming of the beings, about the constant "becoming" of an agent as of a territory. It's not possible to think the human territory without the interactions that the agents have with others and with the territory. Interactions that are, we'll see, linked to the perception (imaginary) of space and depending on the kind of space. Thus, we cannot separate the imaginary from the real space as we cannot separate the interactions between men from the interactions with the technics. This whole, with the notion of "becoming", is the territory, is already the territory. Whole that brings us to talk about the territory movement that is always becoming, changing, that don't stop to deterritorialize and to reterritorialize. The territory is, in this way, inseparable from an agent as it is inseparable from deterritorialization. By deepening this notion from G. Deleuze and F. Guattari, we will be able to think the territory as a layout or a multiterritoriality either in a macro and micro politic way. However, before this affirmation, it will be necessary to apprehend how it is possible to conceptualize the space, what characteristics and intensities a certain space reflect. For that, we will see the distinction and the relation between a sedentary space called *striated*, and a nomadic

space called *smooth* (Deleuze, Guattari, 1980). Two spaces that flue and feed one in another depending on its characteristics as depending on the agent.

Therefore, thinking about space is the opposite of closing it in a new definition. But it is about understanding the movement that it suggests and how this movement can respond to a comprehension of men and society. How today, the ambience or the territorial layout can be considered as mobile; how does a multiterritoriality arise and how can we pass from territory to another one by the territorialisation movement. Thus, it is necessary to think space as open, as mobile.

KEYWORDS: space, deterritorialization, multiterritoriality, territory, imaginary.

Pensar o espaço

O território e seu movimento

INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I) O TERRITÓRIO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	3
1) O Território nos dicionários de geografia humana.....	3
2) <i>Fim dos territórios versus ainda e sempre mais territórios</i>	7
3) Territórios do cotidiano.....	12
4) Espaço social de Bourdieu : gênese das classes e poder simbólico.	17
CAPITULO II) O TERRITÓRIO, A TÉCNICA E A PERCEÇÃO. FALAR, VER E MOVER-SE NUM TERRITÓRIO.....	28
1) A territorialização da topologia: o exemplo dos <i>Inuítes do couro</i>	29
2) O território e seu movimento pela técnica: uma construção humana.	36
3) Percepção do território e movimento. Mapas mentais.	41
a) <i>The image of the city</i>	41
b) Espaço social, espaço real, percepção do espaço e movimento.	45
CAPITULO III) ESPAÇO LISO E ESPAÇO ESTRIADO: CONCEÇÃO DELEUZE-GUATTARIANA DO ESPAÇO.....	57
1) A diferença entre o espaço liso e o espaço estriado.	59
2) Espaço liso e espaço estriado: a passagem de um ao outro.....	66
3) Expressar o espaço, expressão do espaço.....	71
CAPITULO IV) TERRITÓRIO E DESTERRITORIALIZAÇÃO: AGENCIAMENTOS E MULTITERRITORIALIDADE.	77
1) Uma concepção micropolítica do território.....	78
2) Uma concepção macropolítica do território e da sociedade.....	83
<i>SÍNTESE</i>	92

<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	95
*GLOSSÁRIO/ DICIONÁRIO.....	98
<i>Anexo N°1 : Espaço social de Bourdieu em La Distinction</i>	i
<i>Anexo N°2 : espaço social de Bourdieu simplificado</i>	ii
<i>Anexo N°3 a N°31 : Mapas mentais jovens de Bruxelas</i>	iii

Introdução

Pensar o espaço é o âmbito deste trabalho. Não tanto para o fechar numa nova definição mas para tentar perceber as problemáticas e as características principais que surgem quando se pensa nele. O espaço e o território são inseparáveis, não vamos aqui tentar marcar uma diferença entre os dois pois essa diferença não aparece como relevante no fluxo deste trabalho.

Queremos mostrar que o território tem de ser pensado em função do seu movimento de desterritorialização. Movimento que permite passar de um território a outro modificando e criando novos territórios. Esse movimento é inseparável das ações e relações que os agentes têm num determinado espaço e que são definidas por esse espaço; ações e relações que atualizam constantemente o agente que por sua vez atualiza constantemente os territórios. Existe um constante “tornar-se” tanto para o agente como para os territórios. Esse “tornar-se” ou devir é o resultado de linhas – linhas de capital, linhas emotivas, linhas culturais - que atravessam o espaço e que se exprimem no agente e no território. Como veremos, isto leva-nos a considerar o território como um agenciamento, um território-rede ou uma multiterritorialidade

Antes de perceber que o território é inseparável do seu movimento vai ser necessário voltar as conceções gerais que se tem dele. Para tal, e é o propósito do primeiro capítulo, teremos que analisar como é que o território é percecionado e analisado nas várias ciências sociais. Análise que permitirá pôr as definições que consideramos obsoletas de lado e realçar as conceções que entram em harmonia com este trabalho. Depois de analisar algumas definições gerais sobre o território vamos tentar entender como ele é definido numa conceção política e estadual. Aqui, o território é o Estado com suas fronteiras e competências. Entretanto é com a etologia e as análises sobre o espaço quotidiano que o território aparece como inseparável de uma ação e relação dos seres nele. Essas ações e relações podem ser entendidas pela distribuição dos agentes no espaço social de P. Bourdieu. Aqui, as ações e as relações que os agentes têm com os outros e com mundo dependem da posição deles numa hierarquia social.

Este espaço social é o resultado de uma análise das classes sociais (campos sociais) no qual os agentes ocupam posições diferentes em função do capital económico e cultural deles. P. Bourdieu mostra que os agentes têm consciência da posição que ocupam nesse espaço e o percebem em função dessa posição. Existe portanto uma subjetividade na percepção do espaço em função de cada agente.

No segundo capítulo, o objetivo é entender como é que a subjetividade de cada agente se reflete no espaço, e como é que o espaço, com seus atributos, se reflete no agente. Para tal é preciso entender o peso dos artefactos presente num determinado espaço que vem moldar a percepção e ação dos agentes, tal como vêm modificar os territórios. Usaremos um exemplo de P. Claval sobre a sedentarização dos Inuites do Couro e analisaremos que peso tem a técnica no homem e nos territórios. Entretanto veremos dois casos práticos para perceber de que maneira uma cidade se reflete no homem e de que maneira o homem percebe uma cidade.

O terceiro capítulo é de ordem mais concetual e propõe analisar um conceito de dois filósofos franceses, Deleuze e Guatarri, sobre dois tipos de espaços: o espaço liso e o espaço estriado. Esses espaços podem ser opostos porque têm atributos e intensidades diferentes que influenciam o movimento dos agentes nele. O espaço liso é o espaço do nómada (estepes, mar ou deserto), o espaço estriado é o espaço do sedentário (cidade). Veremos de que maneira os dois espaços entram em oposição, em relação e como é que eles se alimentam e se desterritorializam um no outro. Nesta análise também veremos a importância da percepção que o agente tem no espaço e do espaço.

O último capítulo tem como propósito destacar a importância do movimento do território numa concepção micropolítica e macropolítica. Vamo-nos concentrar no espaço estriado pois ele é quem melhor define a sociedade atual. Em ambas as concepções o território aparece como um multiterritório em virtude do seu movimento, dos seus agenciamentos, e do imaginário de cada agente. O território tem nele uma multitude de outros territórios sejam estes do imaginário, políticos, familiares ou outros. Uma sociedade é assim composta por um ambiente que se deixa compreender apenas se consideramos o território como uma rede, ou melhor, um rizoma.

CAPITULO I

O território nas ciências sociais.

O território tem uma denotação polissêmica. Cada ciência social o estudou em função dos seus propósitos. É necessário rever as definições de território para perceber como ele foi estudado e analisado. Este capítulo não é apenas um estado de arte mas é também uma análise das várias definições. Análise que permitirá não só pôr de lado as definições que consideramos como caducas, mas que irá fortalecer conceitos e concepções do mundo que nos parecem entrar em harmonia com o trabalho aqui apresentado. Veremos que não é sempre na geografia onde se encontra uma definição propriamente territorial, ou melhor, uma definição que é suficientemente clara para entender o território de forma a entender a sociedade. É neste propósito que serão escolhidos os conceitos que nos parecem mais relevantes.

1) O Território nos dicionários de geografia humana.

O termo território começa a ser discutido com F. Ratzel no final do século XIX. Para Ratzel o território surge com aparição do estado que defende uma área determinada, fala-se aqui do território do estado.¹ No entanto, a palavra é realmente reconhecida no mundo francófono no princípio dos anos 1980: “*dans la production francophone on peut en repérer l’entrée officielle avec l’édition de 1982 des rencontres Géopoint, “les territoires de la vie quotidienne”*”². É só em 1993 que a palavra – com sua definição própria - aparece no dicionário de Pierre George : « *espace géographique qualifié par une appartenance juridique – territoire national –ou par une spécificité naturelle ou culturelle (le mot culturel apparaît), territoire montagneux ou territoire*

¹ RAMOS Rodrigo, *transformação no conceito de território: competição e mobilidade na cidade*, GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 15, pp. 119 - 126, 2004.

² LEVY J., LUSSAULT M., *Dictionnaire de la géographie et de l’espace des sociétés*, Pelin, 2003

linguistique, la notion de territoire est associée à celle de frontière »³. Esse novo uso pela geografia coloca o território num sistema espacializado⁴ - característica que não era óbvia antes dos anos 1980 – permitindo estudar o território como objeto primeiro e jamais em função de algo de maior que ele (política).

As primeiras definições são maioritariamente de tipo político mas vão-se alargando de tal forma que o termo se torna rapidamente polissémico. O *dictionary of human geography* define o território desta forma:

*“A general term used to describe a portion of space occupied by a person, group, local economy or state. When associated with the state the term has two specific connotations. The first is of territorial sovereignty, whereby a state claims exclusive legitimate control over a given area defined by clear boundaries. The second is of an area not fully incorporated into a state, as with a colonial territory (British Antarctic Territory) or frontier region (northern Territory in Australia). More generally, territory refers to the bounded social space occupied and used by different social groups as a consequence of following strategies of territoriality. Sometimes territory is used as equivalent to such spatial concepts as place and region, conveying the sense of a clustering or concentration of people or activities (e.g. Storper, 1997). It also finds increasing use as a metaphor; as, for example, in the “territory” of the geographer, with reference to the academic division of labour, or the “territory” of the imagination, to symbolize both an inner psychological “terrain” and personal ownership of it. This latter metaphor betrays the modern origins of the term as associated with state sovereignty: in the definition of private property rights guaranteed by the state and the modern “self” owning or investing exclusively on its territory (Wikse, 1997; Agnew, 1994).”*⁵

A definição dada pelo dicionário da geografia humana é multidireccionada. Primeiro ela tenta dar uma visão geral do território como “espaço ocupado” por pessoas, grupos ou instituições. Transmite uma ideia de algo de muito estático, “*uma porção de espaço ocupado*” dá a sensação que o espaço já estaria cortado em fatias sendo apenas necessário ocupar essas delimitações. Mas estriar o espaço com pontos e linhas, ou seja, cortar o espaço é já um processo de territorialização. O território só pode ser porção de espaço pela ação de um indivíduo ou animal. É possível perguntar: Quem veio primeiro,

³PITTE J.R, *introduction au débat Badie Lacoste*, http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers08-09/010014865-80.pdf, consultado dia 23/09/2014 (é o J.R Pitte que sublinha que a palavra cultural aparece : « *le terme culturel apparait* »)

⁴<http://grain-de-geo.ens-lyon.fr/> consultado dia 23/09/2014

⁵JOHNTSON R.J, GROGORY Derek, PRATT Geraldine, WATTS Michael, *The dictionary of Human geography*, Blackwell publishing, 4th edition, 2000, Malden USA.

o território ou o mundo das coisas e dos indivíduos? Foi provavelmente o mesmo processo, é difícil separar assim o espaço e o que está no espaço, o que faz parte dele e o que esta integrado a ele. É, como veremos, o que defende Deleuze e Guattari na *Qu'est-ce que la philosophie*: “*Ce sont deux composantes, le territoire et la terre, avec deux zones d'indiscernabilité, la déterritorialisation (du territoire à la terre) et la reterritorialisation (de la terre au territoire). On ne peut pas dire lequel est premier.*”⁶

O dicionário da geografia humana prossegue a sua definição com uma concepção política onde o Estado é a instituição dominante que é preciso entender para perceber o seu território. Temos que rejeitar também essa noção. Primeiro porque ela submete o território a uma concepção política, não deixando estudar o território como algo de independente. Depois, porque ela não entra na “realidade” da sociedade neocapitalista como o define muito bem Bertrand Badie no *La fin des territoires*. Essa definição política, que tem origem nas ciências políticas, permite explicar o território vestefaliano* e pós-vestefaliano com base no poder político nacional e internacional. No entanto, hoje, ele já não tem esse poder, pois as instituições transnacionais (ONG, multinacionais, associações, bancos centrais...) fazem concorrência aos estados quebrando e atravessando as fronteiras territoriais definidas e protegidas pelos estados⁷.

A segunda parte da definição é mais ampla e mais geral, ela dá ao território funções que não podem ser postas de lado. O território da imaginação - ou o território de uma ciência social (como a geografia) - atribui ao conceito uma força que não é apenas visível e palpável mas também inteligível e literária. Cada vez mais, por exemplo, a geografia se expande na literatura - ou a literatura usa a geografia - sobretudo em França com a *géographie littéraire*.

« *Tout autant qu'une histoire, la littérature a un géographie, [...] elle a été longtemps délaissé en France [...] sous l'influence du linguistic turn[...]. Ces questions [de geografia literária] sont revenues sur le devant de la scène depuis les années 1980, à la faveur du spatial turn*, et les études littéraires font de plus en plus appel aux méthodes et aux instruments de la*

⁶ DELEUZE Gilles, GUATTARI Felix., *Qu'est-ce que la philosophie*, 2011, Lonrai (France), p.86.

⁷ BADIE Bertrand, *La fin des territoires : essai sur le désordre international et sur l'utilité social du respect*, Fayard, Paris, 1995.

*géographie, pour analyser l'inscription de la littérature dans l'espace et/ou les représentations de l'espace dans les textes. »*⁸

A geografia literária tenta perceber o imaginário do autor transmitido nos romances. Tenta opor a vida do autor com seus escritos e, de forma mais “imaginária” ainda, tenta entender os percursos dos protagonistas numa obra.

Esta definição do dicionário permite propor territórios intensivos e intensos tal como desejos e emoções; permite também dar um lugar a teologia e à mística. Em geral, a expansão da definição de território transforma a palavra *território* como um sujeito com infinitas significações e denotações.

No *Longman dictionary of geography, human and physical* também é dada à ciência política uma força importante. Essa importância é facilmente compreensível, pois, acreditando no *centre national de ressources textuelles et lexicales* francês os primeiros usos da palavra “território” tiveram sempre uma forte conotação política⁹. Já em 1278 era definido como “*área [étendue] de um país formando um distrito político*”¹⁰. É só no fim do século XIX que começa a sair de uma noção iminentemente política para a biologia (1878), ou para falar da alma (1910)...¹¹ Como vimos, em geografia, só aparece no final do século XX.

*“1. The area of land and adjacent seas, and the air space over both, ruled by a sovereign authority 2. An area dependent on a sovereign state, but having some autonomy, e.g. an area supervised by a sovereign state on behalf of the United Nations 3. Historically, in Australia, Canada and USA, an area not admitted to full rights as a state or province, having a separate legislature under an administrative authority appointed by the central government. 4. Any large tract of land, a region, a district, with unified boundaries. 5. In zoology, the area of the habitat occupied by an individual animal or group of animals which will be defended by them, attacks being made especially against a trespasser or trespassers belonging to the same species.”*¹²

⁸ COLLOT Michel, *Pour une géographie littéraire*, éditions Corti, 2014

⁹ Centre national de ressources textuelles et lexicales <http://www.cnrtl.fr/etymologie/territoire>, consultado no dia 23/09/2014

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ *Ibid.*

¹² N. CLARK Audrey, *Longman dictionary of geography human and physical*, Longman group limited, Harlow UK, 1985

A quinta definição do dicionário Longman transmite uma ideia de território bastante diferente. Definição que sugere um acto de defesa, não por uma instituição ou indivíduo mas por animais com relações sociais conflituosas (com os invasores (*trespasser*)) ou pacíficas (grupo de animais). Esta definição etológica é bastante estudada pela geografia. A inserção do território na etologia (ver 3. território na etologia) abre as portas para pensar o território não só como uma relação de poder entre o Estado e os indivíduos, mas também como relações sociais entre os ocupantes. O território é constituído como tal pela ocupação de um ser na terra. As ações desse ser serão de tal forma que ele vai criar – com a relação entre seu corpo e o corpo da terra - um território que ele ocupará, alterando o território e sendo alterado por ele, um certo tempo.

2) Fim dos territórios versus ainda e sempre mais territórios.¹³

A Origem da palavra território é política:

“Du latin territorium, mot qui a aussi désigné terroir. Territorium a d’abord désigné au Moyen Age un certain nombre de fiefs et de localités sur lesquelles s’étend l’autorité d’un pouvoir ecclésiastique, puis les terres sur lesquelles s’exercent les lois et les pouvoirs d’un Etat. [...] Chacun d’eux [les Etats] considère qu’il s’agit de la portion d’espace terrestre délimité par ses frontières et sur laquelle s’exercent son autorité et sa juridiction »¹⁴

A definição aqui acima não permite compreender a essência do território, pois ela não realça nem o seu movimento, nem a sua constituição intrínseca, nem responde (corresponde) a política e ao jogo de poder que existe atualmente. Bertrand Badie é quem define e analisa melhor essa atualidade política com o que ele chama *a crise do princípio de territorialidade* (la crise du principe de territorialité). Essa crise explica B. Badie, é a crise do território vestefaliano* e pós-vestefaliano. Durante muito tempo, depois de 1648 (tratado de Vestefália), os estados foram crescendo, foram fazendo guerras territoriais e foram defendendo seus territórios delimitados por fronteiras. O

¹³ Tentamos repor de forma mais exaustiva e exemplar possível a introdução ao coloquio entre Badie e Lacoste organizado na universidade de Paris IV por J.R PITTE. Esta introdução encontra-se facilmente na internet; A comunicação de B. Badie tem como nome *Fin des territoires*, a do Y. Lacoste *Encore et toujours des territoires*: PITTE J.R, *introduction au débat Badie Lacoste*, http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers08-09/010014865-80.pdf

¹⁴ LACOSTE Yves, *De la géopolitique aux paysages*, Dictionnaire de la géographie, cité para Besancenot F., *territoire : un espace à indentifier*, Grain de géo, 2006 : http://grain-de-geo.ens-lyon.fr/article.php3?id_article=165

poder do estado era total no seu território e nulo nos territórios que não lhe pertenciam. Até há pouco a construção territorial foi a única base dos estados e das relações internacionais; é com base nesse território estadual que foi possível a codificação das instituições e das organizações internacionais¹⁵. Hoje, se há crise é porque o território já não pode responder a essa função de base. B. Badie com essa constatação quer responder a duas perguntas essenciais: “*existe-t-il des substituts fonctionnels au territoire? Quels risques de crise internationale, de crise humaine et de crise sociale tendent à dériver de cet affaiblissement du fondement territorial du système interétatique?* »¹⁶ Para responder a essas perguntas é necessário perceber qual a origem da *crise do princípio de territorialidade*.

Primeiro B. Badie destaca um paradoxo: há crise de territorialidade mas nunca se falou tanto de território, nunca se reivindicaram tantos territórios, nunca foram produzidos tantos imaginários territoriais. Os exemplos são quase infindáveis, seja no Cáucaso, nos Balcãs, na Bélgica, em Espanha, no Reino Unido, etc.. A vontade de novos territórios é um sintoma da crise do princípio de territorialidade, mas é um sintoma que alimenta essa crise.

*« Pourquoi ce paradoxe ? Il tient, à mon sens, à ce que j'appellerais la crise du principe de territorialité, s'il y a paradoxe, ce n'est pas parce que le territoire est malmené comme mot mais parce que les rapports internationaux qui se sont construits à partir d'un certain usage politique du territoire, sont en crise. »*¹⁷

B. Badie destaca dois elementos essenciais do princípio de territorialidade:

- O território atribuiu uma competência e uma fidelidade/obediência (*allegiance* em francês) ao estado. É pelo facto de pertencer a um certo território que o estado criou/estabeleceu uma hierarquia de fidelidades e de competências.

- O princípio de territorialidade também é fruto do político que assemelhou território à política, fez do território um “produto” político.

¹⁵ PITTE J.R, *introduction au débat Badie Lacoste*, http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers08-09/010014865-80.pdf, consulté le 23/09/2014

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

É com ajuda de uma definição do Max Weber que B. Badie explica, tendo em conta esse princípio de territorialidade, que o território é “instituidor, produtor e criador” da ordem política, dentro do que se chama a modernidade política, ou seja, o sistema inter-stato-nacional.¹⁸ A construção do território vestefaliano, segundo B. Badie, seria justamente uma vontade de transcender os particularismos e as etnias com algo de socialmente construído. Ele cita a esse propósito Robert Sack desta forma:

*“Espace dont la configuration et le bornage deviennent le principe structurant de la communauté politique et le mode discriminant de contrôler une population, de lui imposer une autorité, d’affecter et d’influencer son comportement ».*¹⁹

Com R. Sack o autor certifica que o território é 1) uma construção social feita de cultura, de história e portanto não é uma necessidade²⁰. Ele distingue-se de outro tipo de espaços pois o espaço e o território não são sinónimos; 2) é a partir dessa conceção que se constrói o território ponde de lado um conceção herderiana* de construção da sociedade, estadual ou territorial; 3) o autor certifica que não há nenhuma ordem internacional que não se baseia nessa conceção de território²¹.

A crise surge com a modernização e a *reinvenção das tradições*, ou seja, surge com novos fluxos que vão quebrar esta conceção do território. Aparecem, com a modernização, novos fluxos transnacionais, sejam eles económicos, comerciais, financeiros, mafiosos, migratórios, etc.. Fluxos que vão desterritorializar esses territórios inter-stato-nacionais, que vão repor em questão, desde 1648, o princípio de territorialidade estabelecido²². Essas linhas transnacionais que repõem em causa o território alimentam-se dele e das suas fraquezas; fraquezas tanto do próprio conceito de território como das competências das instituições que o ocupam. Linhas que desclassificam, deestratificam²³, descodificam o território vestefaliano²⁴. Juntamente à modernização a *reinvenção das tradições* também vem enfraquecer o território estabelecido. Como dissemos, o identitarismo constitui um dos paradoxos do *la fin des*

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ Aqui B. Badie quer mostrar que o território político é construído de forma social, não de forma natural. Pois existem varias outras formas politicas, outras conceções que esta.

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*

²³ Palavra de Deleuze e Guattari : designa o oposto de estratificar.

²⁴ *Ibid.*

territoires. É uma reinvenção que cria um movimento peculiar ao reivindicar novos espaços e diferentes concepções de território (Bascos, Flandres, norte da Geórgia, Catalunha, Nagorno-Karabakh). Este processo é peculiar porque pode ser considerado como um avanço da democracia como o defende Yves Lacoste²⁵, mas também repõe em causa os territórios Estado-nacionais do interior. Consegue enfraquecer potências mundiais com apenas alguns milhares de homens que se associam e reivindicam uma certa cultura, uma certa identidade (*identitarisme*), um certo património (o património dos Bascos é tal Montanha, tal Rio, é deles e não da nação)²⁶.

É preciso entender que o território visto por B. Badie tem apenas uma concepção e é com essa concepção que ele estabelece a teoria do *fim dos territórios*. Mas a visão do autor está fechada nela própria: o território sendo uma construção social do político é a base do território político; ele (o território) atribui assim competências e fidelidades ao estado e vice-versa; território e estado são interdependentes. Qualquer fluxo que não seja produto desta concepção pode ser considerado como desterritorializante diz B. Badie; qualquer linha que não seja uma linha do poder inter-stato-nacional enfraquece e põe em crise esse princípio de territorialidade. Quando B. Badie fala de desterritorialização ele fala de fim de territórios porque o território está fechado numa construção política ela própria fechada (quase fixa). É o fim dos territórios vestefalianos, mas não é o fim dos territórios, antes pelo contrário. Pois o movimento de desterritorialização funciona com uma reterritorialização, é um movimento criativo de atribuição de novos territórios.²⁷

Esta análise conduz-nos ao pensamento que Yves Lacoste propõe, ele diz que há *encore et toujours des territoires*²⁸. Quando se fala de deslocalização diz Y. Lacoste, fala-se de novos territórios, de uma concepção nova do território:

“Bertrand Badie dit qu’il n’y a pas d’ordre territorial mais pourquoi devrait-il y avoir un ordre? Je ne suis pas un partisan du désordre

²⁵ *Ibid.*

²⁶ PITTE J.F, *loc.cit.*

²⁷ DELEUZE G., GUATTARI F., *loc. cit.*

²⁸ Nome que Yves Lacoste deu à sua comunicação frente a Bertrand Badie.

permanent, mais un ordre cela signifie une réalité simple et qui doit pouvoir se formuler en termes juridiques »²⁹

É possível estudar o caos, a desordem. “Outros territórios” não quer dizer o fim dos territórios. Podemos concordar com fim do estado dito vestefaliano mas é mais correto destacar vários territórios numa só nação. A realidade de hoje o mostra com o modernismo e o apelo as “identidades”.³⁰ Quando Y. Lacoste define *geopolítica* ele descreve uma rivalidade de poderes entre nações, grupos e etnias. Significa que não há apenas fluxos de poderes entre territórios stato-nacionais mas também rivalidades dentro de um território estadual. Essas rivalidades mostram quão possível é ter territórios imaginários dentro de um só país. Mostra também que é necessário (possível) partir de um ponto de análise diferente de B. Badie. Tal como Fernand Braudel, é necessário diz Y. Lacoste, estudar o espaço por ordem de grandezas, do maior ao mais pequeno, não como algo de matemático, mas tendo em conta as redes, as linhas territoriais, as pessoas, e os fluxos de interações, de poderes, de vontades³¹. Os grandes espaços são de ordem mais abstrata, os mais pequenos permitem entrar numa forma mais concreta do território. É Possível estudar a desordem, o movimento e a complexidade do território. Pois, finaliza Lacoste, o território politico constitui-se por: um estado onde há uma maioria de pessoas que se diz desse estado (nacionalidade, patriotismo, país); uma minoria noutra território (portugueses em Paris, Suíça) mas com um sentimento de pertença a algo de externo (afetivo); a presença de um território noutra num passado mais ao menos curto que deixou uma grande influência ou património (Bósnia no Kosovo por exemplo)³². Lacoste dá ao território uma conceção muito mais “humana”, propõe a noção de pertença a um certo lugar, de percepção, de representação e de objetivação de uma certa cultura (arquitectura).

Bertrand Badie tem a virtude de ter destacado, nas ciências políticas, um conceito de território e do estado quase como o mesmo produto, como algo de fechado em si-mesmo. No entanto, essa conceção parece não corresponder nem ao movimento do território de que fala Lacoste, nem a complexidade deste. Não permite de todo ver as

²⁹ PITTE J.F, *loc. cit*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² *Ibid.*

várias camadas do espaço, não permite perceber o deslizamento e o emaranhamento dos vários territórios entre eles.

3) Territórios do quotidiano.

A definição do território na etologia parece clara, ampla e globalizante. Ela aparece em vários trabalhos ³³ bem que de formas diferentes - como definição-mãe e como ponto de partida para definir o território e a territorialização.

“Le territoire est une aire sur laquelle la présence de l’occupant exclut la présence simultanée de congénères de même sexe (à l’exception des jeunes), ou – en cas de territoire individuel – de tous les congénères (éventuellement d’individus d’autres espèces). Dans ce dernier cas, on parle de territorialité interspécifique pour décrire la manifestation du comportement territorial entre individus d’espèce différentes : marquage olfactif, attitude de menace ou combat »³⁴.

Esta definição sugere dois tipos de territórios : um familiar (ou de grupo), outro individual. É dado aqui um grande valor ao direito do primeiro ocupante, que estabelece por actos específicos, o seu poder ao excluir seres que não considera como bem-vindos. Esta definição sugere que o território é um espaço ligado ao poder exercido pelo ocupante, poder que é visível, personalizado e objetivado em ações. Neste sentido o território seria o poder do ocupante numa delimitação onde esse poder é efetivo. Aqui – ao contrário do dicionário de geografia humana – o território não é apenas o lugar onde há apenas presença de um agente mas é o lugar onde o agente age, mexe, vive. É feita uma relação entre espaço e as ações de um indivíduo ou um conjunto de indivíduos. Nesta conceção parece difícil tirar do território a influência que pode ter um agente nele, da mesma forma que *mutatis mutandis* a terra tem influência no agente. Algo de parecido com o que “*Pierre Legendre (1976) relembra tendo em conta a etimologia clássica transmitida pelo imperador Justiniano, o território, é o jus terrendi, o direito de aterrorizar*”³⁵.

Ao fazer uma ligação com as ciências sociais podemos destacar a conceção de Yves Barel, mais ampla e transposta ao indivíduo : “*milieu de vie, de pensée et d’action*

³³ HAESBAERT Rogério, *O mito da desterritorialização*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.

³⁴ DI MEO Guy, *Les territoires du quotidien*, Harmatan, Condé-sur-Noireau, 1996 p.19

³⁵ *Ibid.*, p.20 (traduzido do Francês)

*dans lequel et grâce auquel un individu ou un groupe se reconnaît, dote de ce qui l'entoure de sens et se dote lui-même de sens, met en route un processus identificatoire et identitaire »*³⁶. Y. Barel ao definir território fala de « território humano » sugerindo que existem outros territórios, que o território tem à partida de ser definido com um adjetivo (humano por exemplo) para poder ser realmente estudado. Philippe Tezon reproduz as três características da conceção do território de Barel³⁷:

- É o “espaço vivido/habitado” (espace vécu), Lugar onde o *agente*³⁸ sente que sua existência e suas ações fazem sentido, seja este sentimento fundamentado ou não;

- É um espaço social da diferença. É específico e delimitado de forma objetiva e subjetiva;

- As relações sociais encontram também algo de “não-social”, algo que não se pode definir como práticas sociais nem estudar com análises da sociabilidade. “*Espace géographique, langue et accent, mémoire collective, histoire du groupe, relèvent “de quelque chose comme une écologie sociale, substance de la sociabilité” (Barel 1990)*”³⁹

Quando Deleuze e Guattari definem na *qu'est ce que la philosophie* o território e a terra, vê-se uma grande influência da etologia:

“Déjà, chez les animaux nous savons l'importance de ces activités qui consistent à former des territoires, à les abandonner ou à en sortir, et même à refaire territoire sur quelque chose d'une autre nature (l'éthologue dit que le partenaire ou l'ami d'un animal « vaut un chez soi », ou que la famille est un « territoire mobile ».) A plus forte raison l'hominien : dès son acte de naissance, il déterritorialise sa patte antérieure, il l'arrache à la terre pour en faire une main, et la reterritorialise sur des branches et des outils. Un bâton à son tour est une branche déterritorisée. Il faut voir comme chacun, à tout âge, dans les plus petites choses comme dans les plus grandes épreuves, se cherche un territoire, supporte ou mène des

³⁶BAREL Yves, *territoires et corporatismes, économie et humanisme* n°314, 1990 citado em DI MEO GUY, *op. cit.*, p 21

³⁷TEZON Philippe, *qu'est-ce que le territoire* em DI MEO Guy, *Les territoires du quotidien*, Harmatan, Condé-sur-Noireau, 1996, p.21

³⁸Palavra de Bourdieu

³⁹DI MEO Guy, *Les territoires du quotidien*, Harmatan, Condé-sur-Noireau, 1996, p.21

déterritorialisations, et se reterritorialise presque sur n'importe quoi, souvenir, fétiche ou rêve. »⁴⁰

A definição dos dois filósofos já é tem nela um conceito de movimento, já fala de uma desterritorialização e reterritorialização. Vamos falar deste movimento no próximo capítulo. Na etologia o território tem uma dimensão escondida pelas próprias ações, essa dimensão é uma distância espacial entre o adulto dominante e os seus com os outros. O território aqui pode ser apenas as relações “*com amigo ou família*” que equivale a um “*em casa, um território móbil* [no sentido de movimento]”. Essas ações podem claramente ser vistas em territórios humanos onde há uma presença forte do poder seja ele simbólico - como nos animais - ou pelas diversas formas e instituições públicas e privadas.⁴¹ Ver o espaço de forma mais consciente, ter a consciencialização de um certo espaço, parece ser importante: nós pertencemos a ele e ele pertence-nos.⁴² É assim que Guy Di Méo pensou o território de forma bastante influenciada por Barel:

« “Une construction, produit de l’histoire que reconstitue et déforme, au fil de ses pratiques et de ses représentations, chaque acteur social”. Pour lui, deux sortes très étroitement mêlés forgent le territoire : un rapport personnel et socialisé entre l’individu et l’espace (la «géographicité») et un « nous » spatial qui démarque chaque groupe sur une base géographique »⁴³

Para Guy Di Méo, quanto mais a relação pessoal e o “nós” é próxima mais o território tem uma validade social.⁴⁴ É importante destacar aqui a noção subjetiva e pessoal de um território (imaginário territorial) e o território com fluxos de poder vindo das instituições, cultura... (“vivido quotidiano” (vécu quotidien)). Esse imaginário e o “*vécu quotidien*” representam a globalidade de um território, bem que essa globalidade nunca possa ser realmente definida e racionalizada, pois é preciso “*estar e sentir-se de algum lugar*”⁴⁵. Tal como o território “*desenha bem, “para além das marcas dos seus limites sociais, uma área emotiva”, legível “pelos seus símbolos, seu conteúdo cultural,*

⁴⁰ DELEUZE G, GUATARRI F, *Qu’est-ce que la philosophie*, édition de minuit, Paris, 1991, p.66

⁴¹ BAREL Y., *op. Cit.*, p.20: ligado a teoria de Raffestein

⁴² *Ibid.*, p.21

⁴³ *Ibid.*, p.23

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ *Ibid.*

histórico, religioso e artístico transmitidos pela educação, a arte e a política” (Gallais, 1982.)⁴⁶

É necessário ter em conta essa dupla visão do espaço, próxima de uma subjetividade de cada um que se orienta, pensa e vive o espaço, mas que o faz dentro de algo mais englobante. Um “nós” e um “eu” que são as relações sociais; mas também algo de maior que vem da história como as diversas instituições sejam elas visíveis ou invisíveis.

O espaço não é dado por si e em si mesmo. Ter cuidado com essa concepção espacial parece importante (veremos adiante a grande diferença entre um espaço liso e estriado), pois para falar do espaço com concepções espaciais implica também dar conta que ele muda, age, se move e é movido por um conjunto de ações, agentes, máquinas, etc.. O termo “territorialidade” quer justamente pôr em evidência as interpenetrações complexas que um território ou um espaço determinado tem. P. Tezon, no seu artigo, tenta esclarecer essa noção ao fundamentar que é necessário uma abordagem sociológica da questão tal como uma compreensão cultural desta.⁴⁷ Para Tezon o espaço tem várias linhas que o percorrem e tem uma grande influência do *habitus* de Bourdieu. Ele faz a apologia de um espaço diferente para cada agente, as diferenças entre as representações podem não ser grandes mas a percepção de um agente para outro vai mudando.⁴⁸ A importância aqui é dada às relações sociais, com suas linhas e potencialidades, com suas linhas formatadas, emotivas, culturais e religiosas: tudo o que corresponde a uma visão do mundo sociológica e antropológica. Algo que seja relacional mas com uma dimensão mais cultural e subjetiva dificilmente definível. A relação individual d’um território diz P. Tezon,

“Est donc à la fois subi, contraint (la dimension espace-temps du territoire) et choisi, souhaité. [...] C’est dans l’affirmation d’un « nous » face au « autres » que le « moi » exprime son ancrage territorial. »⁴⁹

⁴⁶ *Ibid.* (traduzido do francês)

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ *Ibid.*, p.25

Este excerto é um dos mais relevantes de Tezon. Existe aqui uma noção muito importante de um “nós” que estabelece um “eu”. Uma ontologia dependente de outra que engloba a primeira. Recusa-se a ideia de uma subjetividade individual e de uma subjetividade de grupo separadas. Há uma inter-relação dos dois, uma dialética. O geógrafo já tem na sua concepção de território uma concepção relacional bem que influenciada por estruturas estruturantes (ver 4. Bourdieu).

Claude Raffestein também define a territorialidade com uma concepção relacional,

“Celle [a territorialidade] d’ “d’un système de relations qu’entretient une collectivité, partant un avec l’extériorité”. Celle, en somme, d’un système de « relations à l’altérité » cette dernière étant entendue comme « non pas seulement l’Autre, le semblable, mais tout ce qui extérieur à soi-même »⁵⁰.

Aparece aqui a noção do outro, não apenas como a diferença, mas como tudo o que não Eu; não apenas como outro indivíduo com quem se tem uma relação social seja ela forte ou não, mas como qualquer outra coisa que esta fora de nós. Seria possível aqui considerar qualquer objeto, estado, instituição, telemóvel, carro. Qualquer relação que se possa ter com qualquer objeto. A distribuição dos recursos e o acesso que têm os agentes a esses recursos é o que faz do território um sistema simbólico marcado por estilos de vidas diferentes. Essas diferenças vão não só formar percepções individuais (“eu”), mas também sentidos comuns (“nós”) dependentes de estruturas (instituições...) e vice-versa.

« Autrement dit, à travers la distribution des propriétés, le monde social se présente, objectivement, comme un système symbolique qui est organisé selon la logique de la différence, de l’écart différentiel. L’espace social tend à fonctionner comme un espace symbolique, un espace de styles de vie et de groupes de statut, caractérisés par différents styles de vie. »⁵¹

Os geógrafos como Barel, Tezon, Raffestein pensam o território pelas relações. Ele (o território) não é separável das relações tal como elas não se podem fazer sem ele. O território é um espaço social que tem de ser analisado objetivamente e subjetivamente.

⁵⁰ *Ibid.*, p.25

⁵¹ BOURDIEU Pierre, *3ème partie, ouvertures, espace social et pouvoir symbolique*, mars 1986 p.158

Com uma dialética entre esses dois momentos. As percepções dos agentes não podem ser estudadas sem o impacto que têm os grupos, os sentidos comuns, as instituições, as associações, etc., tal como esses grupos, instituições, etc., não podem estudar sem que se estude também o impacto que as percepções têm neles. Deste modo, é preciso analisar com mais profundidade o contributo dos estudos de Pierre Bourdieu.

4) Espaço social do Bourdieu : génese das classes e poder simbólico.

Falar de território e seu movimento acreditando que o território só é possível pelas interação e inter-relação obriga-nos a analisar o conceito de Pierre Bourdieu sobre o espaço social. Tal como foi feito no subcapítulo das ciências políticas vamos seguir de forma linear a estrutura que propõe P. Bourdieu em ambos os textos *espace social et pouvoir symbolique* e *espace social et genèse des "classes"*. Seguir a estrutura do autor é quase inevitável pois a complexidade da sua análise pode facilmente ser perdida numa reestruturação.

« Dans un premier temps, la sociologie se présente comme une topologie sociale. On peut ainsi représenter le monde social sous la forme d'un espace (à plusieurs dimension) construit sur la base de principes de différenciation ou de distribution constitués par l'ensemble des propriétés agissantes dans l'univers social considéré, c'est-à-dire propres à conférer à leur détenteur de la force, du pouvoir dans cet univers. Les agents et les groupes d'agents sont ainsi définis par leurs positions relatives dans cet espace. Chacun d'eux est cantonné dans une position ou une classe précise de positions voisines (c'est-à-dire dans une région déterminée de l'espace) et l'on ne peut occuper réellement, même si on peut le faire en pensée, deux régions opposées de l'espace. Dans la mesure où les propriétés retenues pour construire cet espace sont des propriétés agissantes, on peut le décrire aussi comme champ de forces, c'est-à-dire comme un ensemble de rapports de force objectifs qui s'imposent à tous ceux qui entrent dans ce champ et qui sont irréductibles aux intentions des agents individuels ou même aux interactions directes entre les agents »⁵²

P. Bourdieu destaca-se do Marxismo e do estruturalismo do seu tempo:

⁵² Bourdieu Pierre, *Espace social et genèse des "classes"*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 52-53, juin 1984. Le travail politique. pp. 3-14.

“Si j’avais à caractériser mon travail en deux mots,[...], je parlerai de constructivism structuralism ou structuralism constructivism, en prenant le mot structuralisme dans un sens très différent de celui que lui donne la tradition saussurienne ou Lévi-straussienne. Par structuralisme ou structuriste, je veux dire qu’il existe, dans le monde social lui-même, et pas seulement dans les systèmes symboliques, langage, mythe, etc., des structures objectives, indépendantes de la conscience et de la volonté des agents, qui sont capables d’orienter ou de contraindre leurs pratiques ou leurs représentations. Par constructivisme, je veux dire qu’il y a une genèse sociale d’une part des schèmes de perception, de pensée et d’action qui sont constitutifs de ce que j’appelle habitus, et d’autre part des structures sociales, et en particulier de ce que j’appelle des champs et des groupes, notamment de ce qu’on nomme d’ordinaire les classes sociales »⁵³

P. Bourdieu é estruturalista pois ele considera que os factos sociais, que influenciam e impactam nas práticas e representações, podem ser visto como objetos, deixando de lado tudo o que eles devem ao facto de serem objetos de conhecimento (objetivismo)⁵⁴. Bourdieu também é construtivista pois ele considera, ao contrário do Durkheim, que o mundo social também é influenciado pela percepção e representação que os agentes têm dele e deles próprios (*habitus**) dentro desse mundo social (subjetivismo; *account of the account*)⁵⁵. O pensamento de Bourdieu ultrapassa o objetivismo e subjetivismo trabalhando com as duas concepções ao mesmo tempo, com uma interpenetração constante de ambas. Significa “*que les deux moments, objectiviste et subjectiviste, sont dans une relation dialectique*”⁵⁶. O estruturalismo tem uma grande importância pois vê o espaço social não como substância (grupos reais, números de pessoas no grupo) mas já de forma relacional. O espaço é algo que se constrói pelas relações: “*realidade social*” de Durkheim.

“L’apport majeur de ce qu’il faut bien appeler la révolution structuraliste a consisté à appliquer au monde social un mode de pensée relationnel et qui est celui de la mathématique et de la physique modernes et qui identifie le réel non à des substances mais à des relations »⁵⁷

⁵³ BOURDIEU Pierre, *choses dites, 3ème partie, ouvertures, espace social et pouvoir symbolique*, mars 1986

⁵⁴ P. Bourdieu redefine o estruturalismo (mencionado no texto dele) para se destacar do Lévi-Strauss e de Ferdinand de Saussure.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 148

⁵⁶ *Ibid.*, p. 150

⁵⁷ *Ibid.*

Bourdieu guarda esse momento estruturalista na sua análise ; ultrapassa-o mas para continuar com uma análise que dá importância às representações que os agentes têm deles próprios, do seu espaço social e da posição que eles ocupam nesse espaço social (construtivismo). Há aqui rutura com o economismo (visão do mundo de forma económica) que considera um *campo social (champ social)* como apenas um *campo económico*.⁵⁸ O objetivismo ignora “*les luttes symboliques dont les différents champs sont le lieu qui ont pour enjeu la représentation même du monde social et notamment la hiérarchie au sein de chacun des champs et entre les différents champs*”⁵⁹. A rutura que faz Bourdieu em não considerar o espaço como submisso ao *económico* é a mesma que faz Lacoste em não considerar o território como apenas produto e alimento do político. Bourdieu, no entanto, vai mais longe.

Os poderes sociais a que Bourdieu se refere são a primeira fase do seu pensamento, o momento objetivo, que se destaca pelos recursos (capitais) de cada agente :

*“Ces relations objectives sont les relations entre les positions occupées dans les distributions des ressources qui sont ou peuvent devenir agissantes, efficaces, comme les atouts dans un jeu, dans la concurrence pour l’appropriation des biens rares dont cet univers social est le lieu.”*⁶⁰

- O capital económico: salário, dinheiro de família, património económico, etc...

- O capital cultural que tem três formas: o *capital incorporado (capital incorporé)* que está no “organismo” e que é o conhecimento de uma pessoa ligado ao trabalho e ao tempo para adquirir esse conhecimento; os *bens culturels* podem ser quadros, livros, objectos sejam eles de família ou de acumulação própria; *capital institucional* que podem ser os diversos estatutos que tem um agente (graus escolares, diplomas, medalhas...) ⁶¹.

⁵⁸ BOURDIEU Pierre, *espace social et genèse des “classes”*, *op.cit.*

⁵⁹ *Ibid.*

⁶⁰ *Ibid.*, p.152

⁶¹ BOURDIEU Pierre. *Les trois états du capital culturel*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 30, novembre 1979. L’institution scolaire. pp. 3-6.

- O capital simbólico: é a forma como os outros capitais são vistos e considerados como legítimos dentro dos diversos *campos sociaux* e no espaço social global⁶².

O sociólogo distingue duas dimensões: a primeira é a do capital global que define a posição do agente no espaço social global; a segunda é o peso relativo de cada capital dentro de um campo social determinado (*champ social*)⁶³.

O espaço social que Bourdieu apresenta é um espaço onde as pessoas e instituições que estão próximas umas das outras têm propriedades em comum; as que estão afastadas não têm propriedades em comum⁶⁴. Mas atenção, essas distâncias, no papel (ver figura 1.), se coincidem com as distâncias sociais não coincidem da mesma maneira no espaço real. Podemos, como faz Bourdieu, considerar o espaço social como um espaço geográfico no qual se cortam regiões⁶⁵. Essas regiões seriam separadas justamente em função das propriedades comuns. Se não coincide com o espaço real é porque, mesmo se há tendência para uma segregação do espaço, é possível cruzar pessoas no dia-a-dia mesmo quando a distância social é grande (interacionismo).⁶⁶ As interações não condizem sempre com o espaço social. Elas são visíveis e dão uma “*satisfaction immédiate aux dispositions empiristes*” mas escondem o que as determina⁶⁷. Tudo o que se vê não é apenas a razão da interação em si. É necessário deste modo fazer a diferença entre o momento estruturalista e o momento interacionista⁶⁸.

O primeiro momento (estruturalista, objetivo) da análise de Bourdieu consiste em estudar as relações objetivas que determinam um espaço social. Neste primeiro

⁶² *Ibid.*, p.152

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ BOURDIEU Pierre, *choses dites, 3ème partie, ouvertures, espace social et pouvoir symbolique*, mars 1986

⁶⁵ *Ibid.*

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ *Ibid.*, p. 151

⁶⁸ *Ibid.*, p.151. Bourdieu dá um exemplo no seu texto onde mostra que o interacionismo da etno-metodologia é um momento importante para análise sociológica do mundo social : “*je pense à ce que j’appelle les stratégies de condescendance, par lesquelles des agents occupant une position supérieur dans une des hiérarchies de l’espace objectif nient symboliquement la distance sociale qui ne cesse pourtant pas d’exister, s’assurant ainsi les profits de la reconnaissance accordée à une dénégation purement symbolique de la distance [...] qui implique la reconnaissance de la distance* » (p. 152)

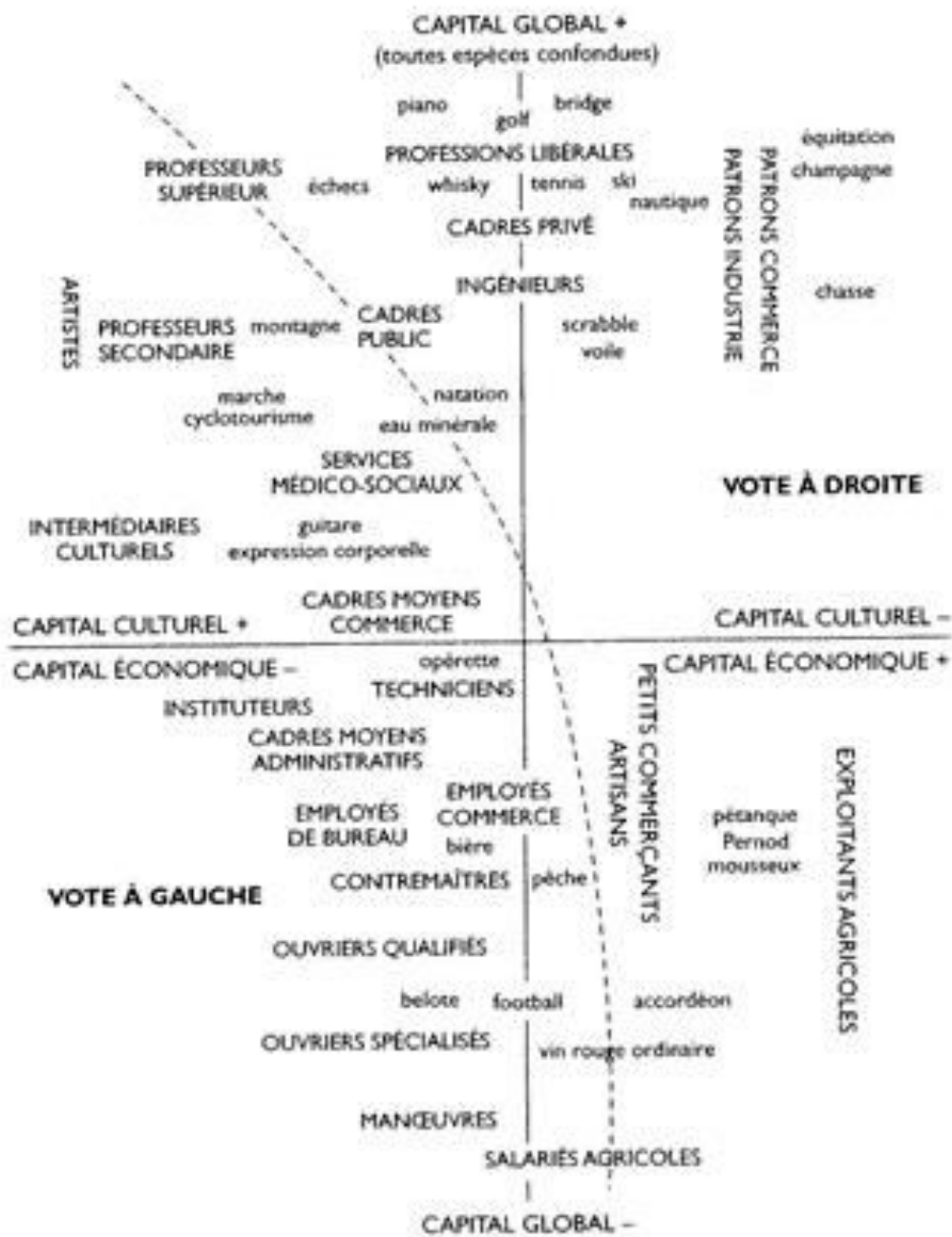
passo põe-se de lado o interacionismo. Como dissemos, o capital simbólico e cultural de cada agente são recursos que vão marcar a posição do agente dentro do espaço social. Ao estudar o capital global veremos que as pessoas com um grande capital económico ou cultural estarão numa posição “confortável” tanto no papel como no espaço social.

Não se pode opor simplesmente o capital cultural ao económico mas é necessário dar conta do valor relativo de cada um destes capitais⁶⁹. Pois os campos sociais são constituídos de campos artísticos, literários, desportivos, etc., um agente pode ser muito bem-sucedido num campo particular e ter uma posição diferente no campo económico ou no global. Por exemplo, um bom jogador de andebol pode, no seu campo (campo desportivo), ser considerado como tal e ter o reconhecimento de uma posição forte e elevada mas situar-se abaixo do quadro no espaço social global. A posição que cada agente ocupa tem propriedades diferentes (cada agente é diferente) mas existe uma relação que liga as várias propriedades⁷⁰. Segundo Bourdieu, um agente que pratica equitação tem bastantes probabilidades de beber champagne e de ir ao teatro. Esses agentes opõem-se aos que bebem whisky mas opõem-se mais ainda aos que bebem vinho tinto⁷¹. Lembra-mos que a distância no papel é a mesma que a distancia no espaço social, – não é a do espaço real –, portanto pessoas próximas no espaço tem mais probabilidades/tendências para terem praticas, condições, posses, atividades parecidas.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ *Ibid.*, p.158

⁷¹ *Ibid.*



Espaço das posições sociais e espaço dos estilos de vida.

Este gráfico é desenhado pelo BOURDIEU P., *Raisons Pratiques théorie de l'action*, Seuil, Paris, 1994, p. 21.

“Diagrama das páginas 140-141 de *La Distinction* (Bourdieu 1979) simplificado e reduzido a indicadores significativos no desporto, bebidas, instrumentos de música ou jogos de sociedade”. (BOURDIEU P., *Raisons pratiques*, 124)

Ver Anexo N°1: Gráfico original da *La Distinction*.

Ver Anexo N°2: Gráfico simplificado de Nicolas Lardot.

No entanto este momento objetivo tende a considerar o espaço social – as classes – como grupos reais. É uma das críticas que faz Bourdieu a Marx que considerou as classes como elas estão estudadas e definidas pelos sábios. Esta tendência é mais forte ainda, explica o sociólogo, porque as pessoas têm uma disposição tácita em ajustar-se na sua posição, a ver o mundo em função dessa posição e aceitar a posição na qual estão⁷². É por esta razão que é necessário chegar ao segundo momento do pensamento do sociólogo. Bourdieu utiliza a expressão de Goffman *the sense of one's place*⁷³.

*“C’est ce sense of one’s place qui, dans les interactions, conduit les gens qu’en français on appelle “les gens modestes” à se tenir à leur place “modestement” et les autres “à garder les distances” ou “à tenir leur rang”, à “ne pas se familiariser”.*⁷⁴

Esta « lógica » tende a juntar as pessoas que estão situadas na mesma zona do espaço social. Seja pelos casamentos, pelas amizades, associações, virtudes, saídas... Pessoas que estão no mesmo espaço social tendem a ter as mesmas condições e condicionamentos, a praticar e a pôr em prática o mesmo tipo de atividades e ações⁷⁵.

Se Bourdieu estuda também o interacionismo ou melhor dizendo, a fenomenologia social, é porque é preciso inserir à sociologia as percepções que têm os agentes no seu espaço.⁷⁶ Para poder estudar o subjetivismo de cada um é preciso dar conta do *sense of one's place* mas também do *sense of other's place*⁷⁷. Isto é: é preciso estudar a percepção que um indivíduo tem da sua posição como a percepção que ele tem da posição dos outros⁷⁸. Portanto, é necessário dar conta dos pontos de vista; como o nome indica, dar conta dos pontos donde se vê o que se pode ver a partir desses pontos:

⁷² *Ibid.*, p.153

⁷³ *Ibid.*, p.156

⁷⁴ *Ibid.*, p.153 Mais longe no texto Bourdieu dá um exemplo significativo: Quando se quer juntar pessoas para uma causa política comum, tem-se mais probabilidade de juntar pessoas do mesmo sector de espaço.

⁷⁵ *Ibid*

⁷⁶ *Ibid.*, p.155

⁷⁷ *Ibid.*

⁷⁸ *ibid*

“[...] nous savons que ces points de vue, le mot même le dit, sont des vues à partir d’un point, c’est-à-dire à partir d’une position déterminée dans l’espace social. »⁷⁹.

Como diz P. Bourdieu é necessário incluir à sociologia uma sociologia da percepção, uma ciência social que estuda a construção dos pontos de vista que contribuem para a construção do mundo⁸⁰. Analisar o espaço social desta forma, pela percepção de cada agente, implica que o espaço social será visto de formas diferentes, pois, cada agente tem uma posição diferente no espaço e portanto vê esse espaço diferentemente. Os agentes produzem a sua construção do mundo – subjetivo – mas essa construção é influenciada pela estrutura do mundo⁸¹, pelos constrangimentos/restrições das estruturas. Como dissemos antes, os agentes interiorizam as estruturas do mundo em função da posição deles; o espaço familiar (do quotidiano) é desta forma *taken for granted*⁸². Existe uma aceitação das estruturas do mundo e da visão do mundo por cada agente, é o que P. Bourdieu chama *habitus*:

“[...] leur habitus, c’est-à-dire les structures mentales à travers lesquelles ils appréhendent le monde social, sont pour l’essentiel le produit de l’intériorisation des structures du monde social.”⁸³

A posição e o *habitus* do agente no espaço social influenciam-se mutuamente. É possível agora perceber a dialética de Bourdieu entre o objetivo e subjetivo. No entanto ainda é preciso esclarecer alguns pontos. Quando uma pessoa diz “isso é novo-rico” implica que o *habitus* dos agentes está objetivado aos condicionamentos sociais criados⁸⁴. As pessoas classificam-se em grupos em função da roupa, comida, artefactos, maneira de falar etc... Implica também que as pessoas têm a capacidade de fazer uma relação entre uma prática e uma objetivação que “fecha” as pessoas em “caixas”. Mais ainda, essas caixas são os sentidos comuns, isto é, uma percepção comum do mundo social e suas diferenças.

⁷⁹ *Ibid.*, p.155

⁸⁰ *Ibid.*, p.154

⁸¹ *Ibid.*, p.155

⁸² *Ibid.*

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ *Ibid.*

Portanto *“les représentations des agents varient selon leur position et selon leur habitus”*⁸⁵.

Tivemos, com P. Bourdieu, sempre do lado do sujeito que interpreta o espaço, é necessário agora fazer o exercício inverso, ou seja, estar do lado do espaço, do lado do objeto⁸⁶. Veremos que o habitus, as práticas, as condições, as relações, conforme a posição que têm no espaço social, constroem um mundo mais ou menos ordenado, que não é um puro caos.⁸⁷ É possível ver o espaço arrumado pelos sentidos comuns e as estruturas estruturantes. Esse espaço é assim composto de vários territórios entre si aos quais as pessoas individualmente e coletivamente foram dando nomes, foram criando estruturas. O capital econômico e cultural é se calhar uma forma correta para arrumar o mundo nos países ditos desenvolvidos, mas é possível arrumar o espaço de outra forma, por religião, etnias, identidades, origens... O mundo não é puro caos porque, como explicamos, as posições no espaço social tendem, pela proximidade, a juntar as pessoas nas mesmas práticas, nos mesmos sítios (veremos no segundo capítulo como isso se proporciona nos trajetos dos agentes no território). Para usar uma comparação de P. Bourdieu: *“ de même que les animaux à plumes ont plus de chances d’avoir des plumes que les animaux à fourrure, de même les professeurs d’une maîtrise raffinée de la langue ont plus de chances d’être vus au musée que ceux qui en sont dépourvus. »*⁸⁸.

*“L’espace social tend à fonctionner comme un espace symbolique, un espace de styles de vie et de groupes de statut, caractérisés par différents styles de vie”*⁸⁹

Existe, no entanto, sempre uma parte nebulosa, uma indeterminação⁹⁰ como o tempo que vai mudando certas práticas ou certos usos da linguagem (elasticidade semântica)⁹¹. As representações são assim objetivas porque podem constituir grupos que se tenta simbolizar o mais possível, dar a maior importância seja pelo número, a força, etc.; de forma individual, consiste em todas as estratégias que tem um indivíduo para

⁸⁵ *Ibid.*

⁸⁶ *Ibid.*, p.157

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.*, p.158

⁸⁹ *Ibid.*

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ *Ibid.*, p.159

dar uma boa imagem dele próprio (roupa, anéis, barba, penteado)⁹². As representações têm também um lado subjetivo: quando se tenta mudar os nomes, legitimar comportamentos, sistemas, políticas em função de um ponto de vista. Pode ser aqui uma tentativa de imposição, neste caso serão os agentes com uma posição elevada num campo social determinado que terão mais facilidade para tal: dar interpretações diferentes dos *founding fathers* para legitimar tal ou tal posição⁹³. O capital simbólico é legitimado ou não em função da posição dos agentes no espaço social, em função do campo social específico ou global onde eles se situam e em função das estruturas que os rodeiam. Os fluxos de forças de cada agente ou grupo vão assim construir o mundo social que terá um impacto nos simbolismos e nos sentidos comuns.

É preciso notar que a noção de campos sociais usada por Bourdieu é a mesma que queremos usar para falar de território. As pessoas estão situadas no espaço geográfico em função do espaço social aqui apresentado. Reúnem-se nos mesmos sítios em função do capital económico e do capital cultural. Da mesma forma que é mais provável encontrar artistas e pessoas com um grande capital cultural em museus⁹⁴ também é mais provável eles se movimentarem na cidade de forma similar. O que diz Bourdieu é que as classes têm de ser feitas (“*elles sont à faire*”). Quando se fala de um determinado simbolismo - estilo de roupa por exemplo -, é preciso definir e estereotipar esse estilo e as condições e condicionamentos ao qual ele responde⁹⁵. Existem *propriedades universais da experiência humana* que nos levem a dizer que tal ou tal pessoa é de um determinado estilo. As distâncias do papel não são apenas similares as distâncias sociais, eles tendem para ser um conjunto distintivo que pode ser perceptível e vistos por

⁹² *Ibid.*

⁹³ *Ibid.*, p.160

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ Podemos aqui usar o exemplo de um determinado estilo neste início de século XXI, o exemplo de Hipster. Um Hipster responde a determinadas “regras” de vestimenta, um estilo de enunciação e uma linguagem corporal que entram nos padrões de um determinado *campo social*. É possível, pelas propriedades universais da experiência humana destacar este ou aquele agente e determinado como Hipster, pois ele responde a sentidos comuns que o definem: barba comprida, ler livros da *beat generation*, algum conhecimento em arte, camisa de lenhador, bem-parecido,... Há probabilidades grandes de encontrar Hipsters em determinados sítios numa cidade (em Lisboa seria no Intendente, Mouraria, alguns bar da rua cor-de-rosa). Probabilidade é grande para eles virem de um meio social parecido, frequentarem pessoas desse meio social e terem uma posição semelhante no espaço social global de Bourdieu mas também no campo cultural e económico. Portanto devem ter imaginários parecidos e uma mobilidade na cidade parecida.

uma pessoa (*signes distinctifs*)⁹⁶. Se as classes têm de ser feitas é através de símbolos, sinais, grupos (classe operária, proletariado, trabalhadores, bandeiras, cor,). O território de cada um define-se desta forma em função da sua posição no espaço social. Quando falamos de espaço social temos que ter em conta todo o “sistema” de P. Bourdieu. A percepção de Lisboa não será a mesma entre um adolescente e uma pessoa idosa, tal como não será a mesma entre um rico e um pobre. As condições e a movimentação dos agentes estão interligadas. Se os trajetos são definidos por factos e estruturas sociais objetivas (aquele restaurante é demasiado caro para tal agente), também o são pela subjetividade individual ou coletiva (tal praça tem um significado peculiar para um agente (afetivo)).

O território é inseparável dos campos sociais que definem um agente e que definem o território do agente. Existem estruturas políticas que têm um impacto territorial com suas competências e funções, mas pensar o território de forma apenas macropolítica não permite entender que o território é também e sobretudo uma construção humana do dia-à-dia, uma construção micropolítica. Pois o território é inseparável das ações e relações que tem um homem nele com o que o rodeia (etologia). Ações e relações que só podem ser entendidas em função de um *ambiente*, de um espaço social, e da posição que um agente tem nesse espaço (espaço vivido). Os sentidos comuns dos determinados campos sociais, os *habitus* das pessoas, os pontos de vista dos agentes mostram a importância de um construtivismo, ou seja, mostram a importância das representações e das percepções que os agentes têm do *meio deles*.

Para entender essas representações e percepções é preciso entender como um agente se orienta e fala de um determinado território. É preciso entender também que influência os recursos (capital económico) podem ter no espaço e como eles podem mudar a percepção do espaço. Percepção que é resultado de uma imagem (expressão) refletida no agente mas também refletida pelo agente (o agente vê a cidade e a cidade deixa-se ver).

⁹⁶ *Ibid.*, p.158

CAPITULO II

O território, a técnica e a percepção. Falar, ver e mover-se num território.

Vimos como o território foi conceptualizado nas várias ciências sociais. Vimos que ele não é apenas *um* pela modernização mas também - e sobretudo - pela percepção dos agentes, pelos sentidos comuns. Não há apenas um sentido comum mas vários dependentes da posição que um agente tem num espaço social. O espaço vivido, o espaço do quotidiano é justamente o território onde um agente se sente confortável, sente que as suas ações fazem sentido num ambiente que lhe é familiar⁹⁷. Ambiente que é estruturado pelo espaço social, que é resultado do espaço social. Mas ambiente, também, que estrutura e posiciona o agente no espaço social. Existem falhas, momentos incertos aos quais as conceptualizações teóricas não podem responder a sós⁹⁸.

Com base nas várias concepções do território, teremos que perceber como é possível orientar-se nele, mover-se nele; mas também, como é que ele age e se move. O estudo sobre o espaço social e o espaço vivido não permite perceber de forma clara quais são as representações que os agentes têm do território; também não responde de forma clara como o território tem vindo a mudar, a modernizar-se.

É com base nas relações que temos que perceber o território. Relações com o outro, isto é, com tudo o que rodeia um ou vários agentes.

Neste capítulo veremos de que maneira se pode *falar* de um território, qual a importância e influência da toponímia e como ela se territorializa. Para tal, teremos que entender como esse *falar* se torna um saber coletivo pela territorialização da topologia

⁹⁷ BAREL Yves, *territoires et corporatismes, économie et humanisme* n°314, 1990 citado em DI MEO GUY, *op. cit.*, p. 21

⁹⁸ É a crítica que faz Bourdieu : algo de intelectual, no papel, não pode representar um espaço real. Não se pode objectivar tudo. É nesse sentido que ele escapa a esse *mundo dos sábios* com a fenomenologia, mas sobre tudo, escapa ao dizer que a sempre um “nevoeiro” no espaço real em relação ao espaço social.

como resultado da modernização. Usaremos um exemplo do P. Claval sobre os *Inuítes do couro*⁹⁹.

Depois, para realmente entender o território como algo que muda, veremos que papel tem a técnica em eventos marcantes da nossa história. Bourdieu pensou o espaço social também em função dos recursos (capital económico, cultural) tal como o acesso a esses recursos; é necessário perceber como é a influência destes no território. Aqui veremos que o território conhece territorializações pelas ações do homem, pelas relações que este tem com o mundo, com os objetos, etc... A relação entre os agentes e o que os rodeia (objetos, instituições) cria o território.

A seguir, veremos quais as representações que têm os agentes dentro de um certo território em função do capital social. É só depois de perceber que o território é constituído por agentes, técnicas, instituições que se pode realmente realçar as representações. É só considerando que o território existe com o homem e não antes dele que podemos ver, hoje, como ele está segregado. É com o estudo de Kevin Lynch e um caso prático feito em Bruxelas que perceberemos que os agentes se movem em função de um imaginário territorial, de uma perceção do espaço. Esse imaginário está intimamente ligado à posição de cada um no espaço social, no *sense of one's place*. O espaço social não é sempre o espaço real bem que este tenda a ser segregado¹⁰⁰. Veremos de que maneira a segregação do espaço real está ligada ao imaginário de cada agente que, por sua vez, condiciona o movimento de cada agente no espaço.

1) A territorialização da topologia: o exemplo dos *Inuítes do couro*.

Falar ou escrever sobre um território no qual não estamos obriga um movimento, obriga a trazer para aqui algo que está longe. A descrição ou análise de um território fecha esse território – por um certo tempo - na própria descrição e análise; fecha-o numa

⁹⁹*Inuítes do couro* é uma tradução literária de *Inuites du cuivre* ou Kitlimerniut. População nómada até aos anos 1970 que vivia nas *estepes geladas* no Norte do Canadá para além « do limite das árvores », isto é, para além donde as árvores podem crescer. Nómadas durante muito tempo têm vindo a sedentarizar nos últimos 40-50 anos.

¹⁰⁰BOURDIEU Pierre, *Espace social*, loc. cit.

folha de papel, num ficheiro Word ou PDF. Pois quando se fala de tal ou tal país, de tal ou tal mar, de tal ou tal filme, fotografia..., existe um movimento que traz o território para um *aqui- agora*. A vontade de escrever sobre algo é de antemão a criação de um fluxo até nós, fluxo que irá fugir quando outras pessoas lerão ou falarão desse mesmo território, lugar ou espaço. Assim, o imaginário que se tem dele, muda, completa-se, fica mais ou menos confuso. Às vezes, um problema territorial torna-se um problema coletivo porque institucionalizado (jornais, televisão); ou pela própria vontade de uma parte do povo (documentários, militância, manifestação). Problema coletivo que pode ser imposto ou quase imposto (institucionalizado). Quando se fala da guerra israelo-palestina o problema territorial é trazido para *aqui*. As questões da terra, da história e da sociedade são discutidas, são essas discussões, investigações que mudaram o imaginário das pessoas daquele território (e do nosso?).

« Hélas ! C'est l'étrange magie de ces combats qu'on ne puisse y assister sans pouvoir s'empêcher d'y prendre part. »¹⁰¹

Mas não é apenas o facto de trazer para *aqui* uma questão, um espaço. O território de que estamos a falar ainda permanece onde está. Dizer que o território “permanece onde está” implica já fazer uma distinção entre o espaço real e o imaginário deste. Pelo imaginário o território está sempre aberto, é sempre discutido e trazido para aqui para ser objetivado¹⁰² em palavras (denotações e sentidos¹⁰³), imagens, etc... É o facto de falar sobre ele que muda a própria conceção do território. Primeiro porque ele estará fechado numa folha de papel, numa carta, num ficheiro Word ou PDF, mas sobre tudo porque a força da linguagem ao descreve-lo mudará para sempre sua própria existência e essência (sua descrição). Falar de um território determinado é trazer aqui esse território, para onde estamos. Se isso for verdade, quer dizer que quem define o território é quem escreve sobre ele, é quem o pensa, o sente, o muda, o imagina, o percebe. O território tem assim uma força que vem até nós, força que nos permite

¹⁰¹ NIETZSCHE, F., *La Naissance de la tragédie enfantée par l'esprit de la musique, œuvres complètes*, Gallimard, 1977, p. 109.

¹⁰² Quando usamos *objetivado* aqui, queremos dizer tornar em objeto. Uma folha de papel por exemplo, mesmo se o que está escrito nessa folha é puramente falso e subjetivo.

¹⁰³ Denotações e sentidos de um sujeito que tem vários predicados. Predicados que podem dar denotações diferentes ao sujeito (aqui o sujeito é o território), tal como podem dar sentidos diferentes ao sujeito.

falar sobre ele, mudá-lo, e exercer uma força sobre ele pelas ações (as relações). Portanto, é preciso perceber de que maneira se pode falar de um território?

No *A Brain New World*, John, filho natural de pais da sociedade futura vive com os selvagens. Nesse novo mundo estar grávida era repreensível o que obrigou a mãe do John a fugir. Resultado: John não falava um inglês imperfeito mas ao descobrir as obras completas de Shakespeare que o Popé (amante da mãe do John e odiado por ele) tinha deixado no chão, ao aprender novas palavras pela leitura ele começa a sentir mais, a odiar mais o Popé: *“Il détestait de plus en plus Popé. Un homme peut prodiguer les sourires et n’être qu’un scélérat. Traître, débauché, scélérat sans remords et sans bonté. Que signifiaient au juste ces mots ? Il ne savait qu’à moitié. Mais leur magie était puissante et continuait à gronder dans sa tête, et ce fut, sans qu’il sût comment, comme s’il n’avait pas réellement détesté Popé auparavant ; comme s’il ne l’avait jamais réellement détesté, parce qu’il n’avait jamais pu dire à quel point il le détestait. »*¹⁰⁴

John detestava mais o Popé apos ter as palavras para descrever o seu ódio. Tal como para o território, ele só pode ser definido de forma ampla e exata uma vez que sem tem as palavras para tal.

O conhecimento coletivo de um território começa exatamente na toponímia. Começa quando se consegue e se estabelece uma grelha de interpretação das irregularidades dos montes e montanhas e de tudo o que se vê. Essa toponímia permite que o conhecimento individual de um território se transforma num conhecimento coletivo¹⁰⁵. Dar nomes ao que se vê é transformar o que existe em algo de que se pode falar, partilhar, independentemente do lugar onde se encontra.

Se a toponímia é necessária para suscitar um conhecimento passível de ser científico, passível de criar vontades e curiosidades de certos lugares que não se conhece, passível de falar deles sem nunca ter posto lá os pés, ela não é a única forma que tem um homem de se orientar e de falar sobre uma paisagem. Paul Claval começa a sua *Epistémologie de la géographie* ao descrever os Kitlinermiut ou *eskimos du Cuivre*.

¹⁰⁴ HUXLEY ALDOUS, *Le meilleur des mondes, Le Livre de Poche, Paris, 1970*, p. 230

¹⁰⁵ CLAVAL Paul, *épistémologie de la géographie*, Armand Colin, Nathan, 2001 p.17

População que mostra uma grande capacidade em orientar-se em espaços extensos com uma utilização pouco assídua da toponímia. Eles descrevem as irregularidades das paisagens nos caminhos bastante frequentados mas não têm no seu vocabulário palavras para descrever grandes superfícies. De tal forma que nos caminhos “*on y trouve quelques noms, mais qui sont souvent si espacés qu’il est difficile de décrire en détail les itinéraires en s’appuyant sur eux. Les silences de la toponymie rendent énigmatique la capacité d’orientation des membres du groupe.*»¹⁰⁶. Um território não se define apenas pelas palavras e pelas ilustrações diversas mas pode ser definido com essas ferramentas. A orientação dos Kitlimerniut não era o produto de uma toponímia e de uma verbalização mas uma experiência apenas transmissível por ela própria. O discurso tinha pouca importância :

“Chasseurs et nomades, les Inuitnait associent étroitement la géographie aux déplacements et à la chasse, considérés comme deux faces d’un même savoir, reconnu pour occuper une place spécifique dans le champ de la connaissance. Les conversations qui s’y attachent se concentrent plus sur la pratique que sur le savoir qui la sous-tend, de sorte qu’il a un savoir peu verbalisé. [...] Les hommes qui maîtrisent parfaitement ce savoir sont les « vrais hommes », les « hommes du territoire ». [COLLIGNON, p.73] »¹⁰⁷.

P.Claval, no mesmo capítulo, explica que os Kitlimerniut eram um povo de caça e de colheita, um povo completamente dependente da natureza que os rodeava, com a necessidade dela para a sua sobrevivência. Essa necessidade condicionou esse povo a pôr em prática uma forma de se orientar, que é de ordem prática e pessoal e que depende mais de cada um do que do discurso sobre tal ou tal caminho¹⁰⁸. Os Inuítes agem em função da natureza. A capacidade ou “dom” que eles têm ao mexer-se no espaço está dentro deles, não está exteriorizado ainda. Eles não estão prisioneiros, estão apenas numa harmonia constante com o que os rodeia, sabendo onde se encontram as coisas, como ir a certos lugares definidos por eles, mas nunca estabelecendo uma grelha de orientação que ultrapassa a natureza.

¹⁰⁶ *Ibid.*, p.12

¹⁰⁷ COLLIGNON B., 1996, *Les Inuits. Ce qu’ils savent du territoire*, Paris, L’Harmattan em CLAVAL P., *loc. cit.*

¹⁰⁸ CLAVAL PAUL, *op.cit.*, p.13

Essa particularidade começou a desaparecer no final dos anos 1970¹⁰⁹. O mundo cresceu, os transportes e a lógica da alimentação permitiu aos povos nômadas como este sedentarizar-se e abastecer-se de produtos alimentares vindo do Sul¹¹⁰. A sedentarização relativamente recente, com a ida à escola dos mais novos, a perda dos estatutos dos mais velhos como “homens do território”, não mudou apenas o território em si. Pois a sedentarização humana num certo espaço transforma e altera esse espaço de forma mais complexa e durável. Ela também oferece novos *habitus* ao povo que perdeu a sua geografia vernacular como as suas particularidades e peculiaridades para se inserir numa história e numa geografia mais global. Este processo de sedentarização veio do exterior. A harmonia que os Inuítes tinham entre eles com o território começou a ser mais objetivada. Houve assim ao longo do tempo uma mudança de território que não foi apenas passar de um território para outro, mas houve um movimento de territorialização que dele próprio, com uma certa rapidez, transformou a orientação e as competências de um povo para outras. As novas gerações ao irem a escola, ao receberem uma educação, conseguem usar e criar novas toponímias que irão ser úteis para descrever as paisagens e as irregularidades destas. Uma grelha de orientação já é possível para os Kitlimerniut trocando - dentro deste movimento territorial - os seus antigos dons de orientação intransmissíveis para uma nova forma de aprender e de falar sobre o território. Uma perda prática de um saber que se transforma numa escrita mais teórica dos lugares. Existe agora uma forma de já não estar ao mesmo nível que a natureza, já não é preciso o “dom” da orientação pois existe maneira de contornar os problemas e os perigos das várias irregularidades do território. A toponímia coloca os Inuítes numa posição diferente perante os problemas da natureza. Já têm material e palavras para descrever quais as zonas de perigo a evitar, quais as zonas de menor perigo. Já têm as ferramentas para indicar os caminhos mais seguros e eficazes.

Não se pode entender esse movimento de territorialização como uma linha simples que muda de uma coisa para outra (de um território para outro), é preciso entendê-lo como um movimento maior - que muda as particularidades essenciais de um certo povo - que tem nele uma infinidade doutros movimentos mais pequenos. O território é uma constante territorialização constituída de várias territorializações mais

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ *Ibid..*

pequenas. Dependente do ponto onde se vê, micro ou macro, consegue-se perceber todas as particularidades que fazem do território algo de sempre em movimento. Algo de parecido com uma máquina, uma *máquina sem órgãos**. Há uma interpenetração complexa de várias linhas ou fluxos que se emancipam por todos os lados, alguns se perdem (a orientação), outros ganham mais poder (a toponímia e sedentarização) formando um conjunto semiaberto¹¹¹ possível de ser analisado. Mas esse movimento geral não é, de longe, apenas a soma de movimentos mais pequenos que o constitui.

Pois, vimos com P. Bourdieu que o espaço social pode ser analisado pelas relações, as estruturas e as interações. Os *Inuítes do couro* nômadas tinham uma capacidade particular em orientar-se, capacidade que era individual pois não havia um sistema semântico apurado para partilhar as experiências em detalhe, era necessário experimentar a experiência. A percepção do território de cada um estava ligada à capacidade pessoal de se orientar nele. O capital cultural de cada Inuíte¹¹² (como capital incorporado: conhecimento do território e tempo e trabalho para adquirir esse conhecimento), como capital mais relevante, seria justamente esse dom de orientação. De tal maneira, como diz Claval, que os homens mais capazes de se orientar eram considerados como "*hommes du territoire*". Existe um ponto de vista comum, existe uma posição no espaço social e existe um *sense of one's place* e *other's place* que muda a percepção do território de cada um. O senso comum é aqui o que permite dizer que tal ou tal agente é "homem do território"; senso comum que foi mudando justamente com a sedentarização que veio a considerar outras capacidades como mais relevantes.

O senso comum tem vindo a ser cada vez mais comum, mais global. O exemplo dos Inuítes mostra-o, a sedentarização, o processo de sedentarização pela modernização (economia global...) insere todos os agentes numa grelha espacial interligada. Integrando-se também ao senso comum do espaço global. O capital económico ganha uma importância nos Inuítes pela sedentarização, pela capacidade já não apenas em

¹¹¹ *Semi* porque é possível analisar o processo de forma teórica e prática. *Aberto* porque há sempre um possível devir que vem mudar o processo.

¹¹² Falar de capital cultural para povos nômadas pode não fazer grande sentido. Sendo uma comunidade (em oposição a sociedade) menos complexa parece não ser necessário destacar os diferentes capitais. No entanto queremos realçar que apenas o capital dito cultural é importante para o "dom de orientação", mesmo se esse capital teria tendência a ser o capital global.

caçar¹¹³ mais em comprar produtos¹¹⁴. O capital cultural desterritorializa-se para uma capacidade em escrever e falar sobre o território mais do que pela experiência da aventura. O capital económico ganha mais importância. Este processo de mudança para os Inuítes é uma tendência mundial e mundializada. É um processo bastante recente. De facto, como diz B. Badie há crise do princípio de territorialidade por causa dos fluxos que atravessem os territórios ditos vestefalianos. São esses fluxos que de forma complexa vieram sedentarizar os Inuítes. Foi a relação entre as linhas de força dos Inuítes com os campos de força dos fluxos económicos, etc., que territorializou novos *habitus** e habilidades. Houve desterritorialização de certas capacidades com uma reterritorialização de novas capacidades, é um processo criativo.

Acreditando na tese de C. Grataloup a história do mundo não é tão antiga assim. O movimento de territorialização para algo de mundial só começa quando há de facto uma ligação em todas as partes do mundo.

« *Le monde n'a pas toujours existé.*

Voilà une affirmation que peut surprendre. Pourtant, si on entend par Monde l'espace de l'humanité, on doit affirmer son historicité. L'espace ne désigne pas ici un cadre extérieur à la dynamique sociale, la scène et le décor du « théâtre du monde » comme disait les anciens cartographes, mais l'espace des relations entre les diverses sociétés. Aujourd'hui en effet, des liens souvent inégalitaires, parfois ténus, existent au niveau de l'humanité. Ils sont le résultat du processus que nous avons pris l'habitude – en français – d'appeler la mondialisation. »¹¹⁵

O exemplo dos Inuítes permite perceber que o território tem um impacto na perceção de cada um e na relação que os agentes têm com ele. Se uns são azevieiros em orientar-se é porque a perceção subjetiva deles é mais apurada para um certo tipo de ações. Mas há forças que vêm perturbar as comunidades, vêm de fora e têm um impacto nas culturas. Forças que desterritorializam certos hábitos. O território é composto de uma multitude de movimentos – de forças - interiores e exteriores a ele.

¹¹³ Os Inuítes ainda são um povo que vive da caça e da pesca, mas de uma forma menos assídua. Caça e pesca já não a única habilidade que os distingue do resto da sociedade.

¹¹⁴ CLAVAL Paul, *op. cit.* p.19

¹¹⁵ GRATALOUP Christian, *Géohistoire de la mondialisation, Le temps long du monde*, Armand colin, Paris, 2007. p.7

2) O território e seu movimento pela técnica: uma construção humana.

O movimento de territorialização para algo de mundial não vai apenas para um lado. Como já dissemos, não é só um ponto com uma linha que tem apenas um sentido, mas vários pontos com linhas que se entrecruzam constantemente; algumas desaparecem para todo o sempre, outras amplificam-se de forma predominante, outras nascem. Por alto, poderíamos comparar este movimento a uma tendência. Uma tendência porque parece que o mundo está interligado mundialmente. Não que todos os pontos deste mundo estejam todos em relações diretas com todos os outros, mas parece possível com a devida tecnologia saber, ver, conhecer e ir a qualquer lado, falar com qualquer pessoa. O conectivismo* como escola de pensamento e o rizoma* como objeto podem dar uma ideia dessas inter-relações¹¹⁶.

Se pensarmos no movimento do território é preciso pensar na dialética de que fala Bourdieu. As relações dentro de um determinado território são as que um agente tem com o *outro*, seja esse outro uma folha de papel, um agente, a terra. Poderíamos hoje até dizer que o território também é produto de relações de máquinas entre si, e que essas máquinas também estão ligadas ao território pois elas modificam-no. É desta forma que Serres, Deleuze, Guatarri pensam o mundo: como um processo de desterritorialização e reterritorialização que não para de dar novas competências, de abrir novas portas.

Para falar das novas tecnologias como nova forma de ver e pensar o espaço M. Serres diz que o homem é um ser que armazena, recebe, trata e emite informação¹¹⁷. Esta definição diz ele, não permite distanciar o humano do animal ou de um objeto. Pois todos recebem, armazenam, tratam e recebem informação. Pode uma definição ser a mesma para um homem, a terra, e qualquer objeto? Quando se diz que a relação entre um agente e um objeto - uma técnica - é importante, é porque a técnica também tem o seu papel na mudança, transformação e territorialização.

¹¹⁶ C.f. <http://www.downes.ca/>; <http://www.connectivism.ca/?cat=3>

¹¹⁷ SERRES Michel, *Petite Poucette*, Le Pommier, 2012, *passim*

*“ Nous voudrions précisément montrer que le robot n'existe pas, qu'il n'est pas une machine, pas plus qu'une statue n'est un être vivant, mais seulement un produit de l'imagination et de la fabrication fictive, de l'art d'illusion ».*¹¹⁸

A invenção da escrita é o momento onde se passa do estado oral ao estado escrito. O acoplamento suporte-mensagem vai, com a escrita, mudar de forma radical pois era o homem que tinha o monopólio desse suporte-mensagem¹¹⁹. Com esse novo suporte Fidípides não teria de correr entre Maratona e Atenas para anunciar a vitória contra os Persas. Houve desterritorialização do falar para escrita. Essa mudança implica, mais do que uma mudança de hábitos, uma humanização do objeto: a escrita é uma objetivação do falar, é uma externalização do corpo no papel. A invenção da escrita criou um *spillover effect* que mudou não só a maneira de comunicar mas também a percepção e o espaço. Com a escrita o direito imóvel e imutável é possível, direito que permite uma noção de Estado no qual todos os indivíduos são submetidos às mesmas leis num espaço determinado. Passou-se da ética e da virtude à codificação dessa ética e dessa virtude. Passou-se ao poder da força para o poder das palavras. Houve codificação de leis orais que permitiu, com o tempo, mudanças e alternâncias, já não existe apenas o poder do sangue e das castas mas também o poder dos signos e do conhecimento. Um estado filho da escrita...

Como dissemos, não é um processo repentino, a própria invenção da escrita foi territorializando-se, passando do estado mnemónico, pictográfico e ideográfico por exemplo¹²⁰. Sempre criando novos símbolos, sempre estando ligado a terra e ao território.

*“On demande en quel sens la Grèce est le territoire du philosophe ou la terre de la philosophie”*¹²¹

¹¹⁸SIMONDON Gilbert, *du mode d'existence des objets techniques*, Aubier, p.10

¹¹⁹ SERRES Michel, *conferência : les nouvelles technologies : révolution culturelle et cognitive*, INRIA : youtube.com

¹²⁰SAMARAN C., COHEN M., *La grande invention de l'écriture et son évolution*. Paris, Imprimerie nationale et Librairie Klincksieck, 1958. 3 vol. : t. [I]. Texte ; t. [II]. Documentation et index ; t. [III]. Planches. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1960, tome 118. pp. 199-201 (Aqui defende-se que o papel foi inventado na china em 200 A.C.

¹²¹ DELEUZE G., GUATTARI F., *Qu'est-ce que la philosophie*, *op.cit.*, p.86

Sempre em mutação. Há uma desterritorialização com vários momentos e processos: escrita pictográfica passou primeiro a ideo-pictográfica¹²². O suporte também tem a sua história de territorializações passando da pedra à argila, ao papel¹²³.

A escrita é mãe de outras mudanças surpreendentes: ela permite a invenção dos monoteísmos que vão justamente desterritorializar durante vários séculos os costumes de vários territórios (cruzadas)¹²⁴. As escritas santas existem e modificam o conhecimento de si. Um homem conhece-se de forma diferente com os monoteísmos, a base já não é a mesma pois os imaginários individuais mudam em função das estruturas (religião, Desposta, Estado). A filosofia e a história podem expandir-se com a escrita, as cruzadas e a catolização dilatou-se mudando, territorializando, reterritorializando pessoas, ideias, concepções.

Podemos reproduzir o exemplo da escrita com a invenção da impressão. Gutenberg¹²⁵ não tinha ideia do impacto que ia suscitar com sua invenção. Impressão é quase sinónimo de democratização epistémica¹²⁶. É um processo lento, a bíblia foi o primeiro livro impresso aos milhares. Com a bíblia na mão já não era necessário recorrer ao padre: reforma de Lutero. Livro na mão já não era necessário aprender de cor as histórias da Odisseia, era apenas necessário conhecer o seu lugar na biblioteca.

“J’ai ouï dire qu’il y avait près de Naucratis en Egypte, [...]; ce démon [qui] porte le nom de Theuth, c’est lui qui inventa la numérotation et le calcul, la géométrie et l’astronomie, le trictrac et les dés et enfin l’écriture. [...]. On dit que le Thamous (le roi) fit à Theuth beaucoup d’observation pour ou contre chaque art. Il serait trop long de les relever. Mais quand on en vint à l’écriture : « L’enseignement de l’écriture, ô roi, dit Theuth accroîtra la science et la mémoire des Egyptiens ; car j’ai trouvé là le remède de l’oubli et de l’ignorance. » Le roi répondit : « ingénieux Theuth, tel est capable de créer les arts, tel autre de juger dans quelle mesure ils porteront tort ou profit à ceux qui doivent les mettre en usage : c’est ainsi que toi, père de l’écriture, tu lui attribues bénévolement une efficacité

¹²²SAMARAN C., COHEN M., *loc. cit.*

¹²⁴ SERRES Michel, *op. Cit. passim*

¹²⁵ Foi talvez na China que foi inventada a impressão, mas não é importante para a nossa demonstração.

¹²⁶ C.f. RANCIERE Jacques, *le maitre ignorant*. Poche 10/18, Paris, 2004

contraire à celle dont elle est capable ; car elle produira l'oubli dans les âmes en leur faisant négliger la mémoire : confiants dans l'écriture, c'est du dehors, et non plus du dedans, du don d'eux-mêmes qu'ils cherchent à susciter leurs souvenirs ; tu as trouvé un moyen, non pas de retenir, mais de renouveler le souvenir, [...]. »¹²⁷

Tal como para a sedentarização dos Inuítes, a escrita aparece como desterritorializante, propõe outro território, propõe uma nova forma de ver o território. A perda da memória pela escrita é um processo de objetivação do humano no papel. Uma externalização. Como dissemos a desterritorialização é um movimento criativo, perder umas funções para ganhar outras. Um ramo desterritorializado é um pau, um pau é um garfo, uma flecha. O território com a escrita já não é apenas o que se vê (o que descreve oralmente) mas é também uma objetivação no papel.

¹²⁸Se é necessário falar da escrita e da impressora é porque são os exemplos mais marcantes de técnicas que vieram a revolucionar os espaços. É preciso entender que não se pode pensar o território sem as técnicas, sem uma relação dos agentes com as técnicas. Vimos com Bourdieu que o espaço social é um espaço de relações entre os agentes em função da posição que eles têm nesse espaço. Essa posição é o resultado da facilidade que os agentes têm em adquirir (possuir) recursos, técnicas, conhecimentos. Essa facilidade está diretamente ligada, com outros fatores, à percepção do espaço e ao território de cada um. As técnicas têm de ser vistas como uma parte integrante do território. Como o explica Gilbert Simondon cada máquina tem dentro de si uma parte humana:

“Cet être étranger est encore humain, et la culture complète est ce qui permet de découvrir l'étranger comme humain. De même la machine est l'étrangère ; c'est l'étrangère en laquelle est enfermé de l'humain, méconnu, matérialisé, asservi, mais restant pourtant de l'humain »¹²⁹

¹²⁷ PLATON, *le Banquet. Phèdre*, Garnier Flammarion, Paris, 1964, p. 165 (274d-275c)

¹²⁸ Vamos apenas revelar que há imensos estudos feitos sobre a técnica e sua parte humana integrada na sociedade. Não conhecendo bem esta linha de pensamento é preferível apenas mencionar a ideia geral que se esconde nomeadamente na filosofia da técnica. O centro de filosofia da técnica da faculdade de ciências (universidade de Lisboa) tem um plano curricular apenas para esse propósito. Consultar Heidegger, Deleuze, Serres, Simondon, Foucault, Derrida, Stiegler... (obrigado ao Professor Nuno Nabais)

¹²⁹ SIMONDON Gilbert, *du mode d'existence des objets techniques*, édition augmentée, AUBIER, 1989, p.9

Tal com a escrita é uma objetivação humana, tem “humano” dentro dela, qualquer objeto técnico diz Simondon, também tem. O filósofo tem uma visão darwinista da técnica: ela evolui, complexifica-se. Mas a complexidade não é definida aqui por uma automatização da máquina mas pela indeterminação das suas funções. Quanto mais tem funções indeterminadas, mais é complexa e mais evoluída é, ou seja, maior é a adaptação da máquina e maior é sua complexidade e evolução.

Porquê falar de técnicas? Apenas para mostrar que elas são parte integrante do homem, que o homem se destaca dos animais pelo uso de ferramentas (*ouils*). Tal como o Estado condiciona a percepção do homem com as suas máquinas opressoras e sociais, as técnicas também condicionam essa percepção. Não fazer a distinção entre natureza e cultura para a técnica permite mostrar o movimento de desterritorialização que ela opera na história como o fizemos. Isto é, permite dizer que a territorialização pela técnica é propriamente humana, imanente ao homem e não exterior (transcendente por exemplo).

A escrita e a impressão como técnicas vieram mudar o mundo, modernizá-lo. Tal como a revolução industrial, elas podem ser analisadas e objetivadas como processos que mudam o território e o espaço. Essas técnicas são as linhas objetivas de que fala Bourdieu, são as linhas que permitem explicar o mundo pelos seus impactos. Quanto mais a análise é feita de forma micro-espacial, mais é fácil entender esse momento objetivo e objetivável. Mas, o território não é apenas o produto de instituições ou de objetos que o mudam, sejam esses objetos humanos ou humanizados. Não se pode simplesmente considerar o território como um processo evolutivo submisso às técnicas ou aos campos de força que o delimitam, o constroem, o mudam. Pensar dessa forma seria exatamente voltar, bem que de forma diferente, à concepção de Badie sobre um território apenas político ou a ideia do Marx que só tem em conta o campo económico para falar de uma segregação do espaço social (crítica de Bourdieu). É necessário ver de que forma os agentes vêem o espaço, qual é o imaginário espacial destes; seja esse imaginário coletivo ou individual. É preciso fazer esse exercício tendo em conta as técnicas, os campos de poderes que rodeiam os homens. Enfim, é preciso estudar a percepção dos agentes em função das suas posições nos espaços sociais. Veremos assim

qual é a percepção coletiva e individual de um certo espaço e como a posição social impacta na percepção.

3) Percepção do território e movimento. Mapas mentais.¹³⁰

Vimos que o território está constantemente a mudar, num constante processo de territorialização. Processo que vem do homem e que vem do território como duas grandes linhas que chocam e que criam.

O que é um objeto, uma técnica, uma casa, uma invenção senão um imaginário humano objetivado em algo de palpável e possível de se sentir¹³¹? Atenção, não é apenas um ideal que depois se encontra na realidade (idealismo). A invenção como aqui a apresentamos, é, seguindo Bourdieu, um resultado de uma dialética: um território é o resultado, como vimos, de um conjunto de ações dos agentes (com técnicas, etc.); ações que são influenciadas pelo território e pelas percepções que têm os agentes do território. Os agentes agem, vêem e mexem-se em função do imaginário que têm do território; território que é resultado dessas ações e desse movimento. Veremos mais adiante que os agentes não respondem apenas a um estímulo do território. Existe também um mundo afetivo que dá significado a cada um e nos faz sair de uma concepção puramente behaviorista.

A criação, uma vez criada, também tem forças, é visível, agrada ou cria repulsa, traz curiosidade ou inveja. Para entender a percepção de um agente num território é preciso entender o que esse território transmite ao agente. É o tema de Kevin Lynch na *The image of the city*.

a) *The image of the city*¹³²

Kevin Lynch, urbanista americano, estudou durante cinco anos as representações espaciais de agentes em três cidades americanas: New Jersey, Boston e Los Angeles¹³³. Isto é, ele estudou quais as representações que têm os agentes de um certo território

¹³⁰ Tradução de *carte mental* em Francês.

¹³¹ Sentir: aqui como experiência sensorial.

¹³² Título do Livro de Kevin Lynch : *the image of the city*

¹³³ LYNCH Kevin, *the image of the city*, Massachusetts Institute of Technology, 1960, p.1

destacando variáveis comuns a essas representações. Para ele o estudo tinha como propósito melhorar a imagem das cidades de forma participativa; perceber quais as percepções dos indivíduos e poder responder a essas percepções. Para nós, este estudo é relevante porque permite entrar na representação territorial, tanto de forma individual que coletiva.

*“This book will consider the visual quality of the American city by studying the mental image of that city which is held by its citizens. It will concentrate especially on one particular visual quality: the apparent clarity or “legibility” of the cityscape. By this we mean the ease with which its parts can be recognized and be organized into a coherent pattern. Just as this printed page, if it is legible, can be visually grasped as a related pattern of recognizable symbols, so a legible city would be one whose districts or landmarks or pathways are easily identifiable and are easily grouped into an over-all pattern.”*¹³⁴

K. Lynch fala de *legibility* de uma cidade (legibilidade) que permite a um indivíduo orientar-se facilmente num certo território (aqui cidade), conseguindo perceber quais os símbolos e a estruturas principais para encontrar caminhos. A *legibility* é diferente da *imageability* que é definida como “*physical qualities which relate to the attributes of identity and structure in the mental image.[...]: that quality in a physical object which gives it a high probability of evoking a strong image in any given observer*”.¹³⁵ Portanto a *legibility* é a forma como o território está estruturado, se faz sentido ou não, para que, de forma coletiva ou individual, seja fácil orientar-se nele. A *imageability* ou *visibility* é o “poder” da imagem que transmite um território seja pelas estradas, pela arquitetura, grafitis...etc. Os dois estão claramente ligados.

O interesse do estudo de K. Lynch é justamente pensar o território como um objeto que estrutura a imagem mental dos agentes. Como algo de exterior aos agentes que modula e os fazem agir de forma parecida dentro de um território comum. Permite assim mostrar que os agentes têm uma relação com o outro (cidade) que têm impacto nas suas percepções, que esse outro também tem campos de poder que determina a percepção dos agentes. O território consegue assim não apenas ter um impacto vago mas

¹³⁴ LYNCH Kevin, *op. Cit.*, p.3

¹³⁵ *Ibid.*, p. 9

também dar representações comuns a todos os agentes. De facto, Lynch destaca elementos comuns nas imagens mentais de todos os agentes entrevistados:

*“There seems to be a public image of any given city which is the overlap of many individual images. Or perhaps there is a series of public images, each held by some significant number of citizens. Such group images are necessary if an individual is to operate successfully within this environment and to cooperate with his fellows.”*¹³⁶

Esses elementos são¹³⁷:

- *Path*: Canais ou vias nos quais o *observador* se move. São as estradas, os passeios, canais, autoestradas, caminhos-de-ferro. São os elementos predominantes nas imagens dos agentes. Elementos nos quais as outras imagens são como inseridas, secundárias;

- *Edges*: As margens, os limites que permitem arrumar o território. Pode ser um lago ou um rio. Uma autoestrada ou um caminhos-de-ferro, mas também sinalizações que cortam diferentes zonas;

- *Districts*: Os quarteirões que estabelecem partes de uma cidade. Têm particularidades específicas tal como a arquitetura, a estética, as pessoas, as origens das pessoas etc.;

- *Nodes*: Os nós que permitem mudar de direção. Podem ser cruzamentos, estações de metro, de comboio. São lugares onde há uma tomada de decisão que leva os agentes a serem mais atentos ao que os rodeia;

- *Landmarks*: Pontos de referência, baliza, nos quais um agente se sente confortável (afetivo) ou que têm um detalhe marcante criando uma sensação de hábito. Pode ser uma singularidade como a cor, a altura, etc.

A importância da obra de K. Lynch para o nosso trabalho é de conseguir destacar os elementos vistos por todos num mesmo território. Os canais, as bordas, os

¹³⁶ *Idem*, p.46

¹³⁷ *Idem*, p. 47- 48.

quarteirões, os nós e os pontos de referência são os elementos que qualquer agente tem no seu mapa mental. Implica que as particularidades de um território, mesmo se têm uma identidade própria e única, são generalizáveis e vistas coletivamente de uma forma comum. Pode haver tendências diferentes, os pontos de vistas ainda têm a sua importância mas há elementos que se destacam não pelas suas formas, mas pelas funções. É importante porque significa que a relação entre o sujeito que observa e o objeto percebido pode ser objetivado. Tal como disse Bourdieu é possível falar de estruturas independentes que têm um impacto na percepção dos agentes.

O urbanista dá uma importância maior à imagem da cidade que os agentes têm mais do que ao significado que têm essas imagens (*stimulus-response*). É a crítica que faz R. Ledrut na *Les images de la ville* onde o objetivo do estudo é dar mais importância aos vários significados que dão os agentes de certos lugares consoante a proximidade que eles têm com a cidade e consoante a classe social destes.¹³⁸ No entanto, Ledrut é criticado pelo inverso, isto é, de não dar importância suficiente ao poder que podem ter as estruturas urbanas. O trabalho dele é mais semiológico¹³⁹. K. Lynch dá mais importância à imagem (*The image*) da cidade, Ledrut dá mais importância às imagens (*Les images*) que os agentes têm. O debate é parecido com o que Bourdieu afirmava no “seu” *espaço social* quando quis trabalhar com o momento objetivista e subjetivista¹⁴⁰.

Antes de falar do método propriamente dito de Lynch e do exemplo que será usado é necessário esclarecer um ponto importante para a conceptualização do território (capítulo III). Lynch¹⁴¹ apenas analisou espaços urbanos imponentes. Estudou um

¹³⁸ ROGER B, *Les images de la ville* - Raymond Ledrut, *Les images de la ville*. Paris, Ed. Anthropos, 1973 In: *Espace géographique*. Tome 3 n°3, 1974. pp. 209-210.

¹³⁹ Podemos reparar que o próprio nome do livro de Ledrut serve para se destacar do trabalho de Lynch. *The image of the city* significa que há uma imagem global da cidade, que é a cidade que oferece essa imagem. *Les images de la ville* tem um significado inverso, ou seja, parece dar mais importância às várias imagens que a cidade tem, imagens dos agentes. (c.f.: POULEUR J.L, *Image de la ville, durable?*, espace environnement ASBL, 2010, (http://www.espace-environnement.be/pdf/urba_ville_durable.pdf))

¹⁴⁰ POULEUR J.L, *image de la ville, durable?*, espace environnement ASBL, 2010

¹⁴¹ *Idem*: « City d'après le dictionnaire américain « Merriam-Webster » : « an inhabited place larger or more important than a town » (un endroit habité plus grand ou plus important qu'une ville ») Town : « a compactly settled area, larger than a village, smaller than a city » ordinairement une aire d'établissement compacte, plus grande qu'un village, plus petite qu'une cité. Le dictionnaire français-anglais Harrap's traduit ville par town et grande ville ou cité par city. À se rappeler les cités analysées par Lynch (Boston, Jersey City et Los Angeles) comparées à celles étudiées par Ledrut (Toulouse et Pau) la distinction n'en devient que plus claire. La différence d'échelle est flagrante: Los Angeles avec ~3.000.000 d'habitants (agglomération de ~10.000.000) et Toulouse 380.000 habitants (en 1968). »

território específico que é o da cidade. Poderíamos dizer que a cidade é um tecido tal como Deleuze o descreve no *1440- Le lisse et le strié*. Um tecido é um espaço estriado pois tem linhas que se cruzam (estradas, nós), os elementos não são iguais, uns são fixos (estruturas da cidade) outros são móveis (agentes); o espaço estriado como este tem de ser delimitado, fechado (quarteirões, fim da cidade).¹⁴²

*“Dans l’espace strié, les lignes, les trajets ont tendance à être subordonnés aux points : on va d’un point à un autre. »*¹⁴³

O método de Lynch foi de *“interview of a small sample of citizens with regard to their image of the environment, and a systematic examination of the environmental image evoked in trained observers in the field.”*¹⁴⁴ A entrevista tinha várias componentes das quais podemos destacar as mais relevantes para a próxima parte deste trabalho: 1) desenhar uma mapa-esboço¹⁴⁵ da cidade como para descrevê-la a um estrangeiro; 2) indicar com esse mapa qual o caminho entre o trabalho e a casa, quais as sensações que esse caminho traz (imagem, cheiro, barulho); 3) destacar emoções que o agente tem durante o seu percurso; 4) qual o prazer que o agente tem quando está num lugar que conhece.

b) Espaço social, espaço real, percepção do espaço e movimento.

O território (cidade) com Lynch, transmite imagens, linhas e campos de poder percecionados pelos agentes. Veremos agora de que maneira os agentes agem num território em função da posição no espaço social deles, em função do que os rodeia, do lado afetivo como emotivo que eles dão a cidade. Veremos também de que maneira eles se movem em função dessas percepções. Para Lynch a cidade refletia-se nos agentes (the image of the city), dando uma imagem comum a todos eles. Agora, veremos como os agentes se refletem a cidade, em função da percepção individual e singular de cada um (les images de la ville).

¹⁴²DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie milles Plateaux, op.cit*, p.594

¹⁴³ *Ibid*, p.597

¹⁴⁴ *Ibid*, p.140

¹⁴⁵ Esboço ou croquis

Existe um caso prático feito em Bruxelas por sociólogos da *Université Libre de Bruxelles(ULB)* que nos permite estabelecer algumas considerações.

Bruxelas é a capital Belga e Europeia. A multiculturalidade é visível em todo o lado. Não apenas pela presença dos funcionários nas instituições europeias em Schuman, na *Place du Luxembourg* e pela criação de quatro escolas europeias. Mas também porque existe uma imigração forte dos países do norte e centro de Africa. Bruxelas tem dezanove freguesias (*communes*). Como em qualquer cidade umas são mais ricas do que outras, umas são mais heteróclitas do que outras. O espaço está segregado. As pessoas, para voltar a Bourdieu, têm tendência a agir, ver, falar, perceber da mesma forma quanto mais elas estão próximas umas das outras no espaço social. De que forma é que essa posição no espaço social tem um impacto no espaço real? De que maneira é que se pode estudar essa relação?

Com influência de Lynch vários sociólogos fizeram um inquérito sobre jovens de três freguesias bastante diferentes em Bruxelas: Anderlecht, Etterbeek e Woluwe-Saint-Lambert.

A freguesia de Anderlecht tem uma multiculturalidade não-UE-15¹⁴⁶ forte; os anderlechtos têm um capital económico e cultural abaixo da média da região de Bruxelas; é uma freguesia composta por famílias de grupos socioeconómicos tendencialmente baixos¹⁴⁷.

Etterbeek é uma freguesia mista, com um capital cultural mais alto que o da Região de Bruxelas; a multiculturalidade (essencialmente EU-15) é alta, uma freguesia que tem muitos estudantes universitários, muitos centros culturais e bares.¹⁴⁸

Woluwe-Saint-Lambert é uma das freguesias mais ricas de Bruxelas; uma percentagem alta de habitantes belgas, um capital económico alto, uma multiculturalidade mais dispersa (USA, Japoneses...), é uma zona residencial¹⁴⁹.

¹⁴⁶ Que não vêm da Europa dos 15.

¹⁴⁷ ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune d'Anderlecht, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

¹⁴⁸ ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune d'Etterbeek, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

Esse estudo¹⁵⁰ foi composto por várias perguntas feitas a 10 jovens de cada uma destas freguesias¹⁵¹. Pediram aos jovens para desenhar um mapa mental de Bruxelas numa folha A4 branca¹⁵². Eles tinham que desenhar Bruxelas pelos sítios mais frequentados, pelas zonas mais exploradas. Depois e durante, fizeram-lhes varias perguntas: sobre as atividades que faziam e o que representava Bruxelas para cada um dos jovens.

3.3.2. Activités sociales et culturelles

Ils ont cité comme activités (actuelles ou révolues):

	ETTERBEEK	ANDERLECHT	WOLUWE	TOTAL
Cinéma	6	1	5	12
Bar	2		7	9
Arts martiaux (boxes, karaté, judo)	3	2	2	7
Piscine	2	4		6
Foot	1	5		6
Musique	2		4	6
Sortie	2		3	5
Mouvements de jeunesse	1		3	4
Théâtre	2	1	1	4
Snack	1	3		4
Océade		4		4
Concert			4	4
Basket	2		1	3
Radio	3			3
Tennis	1		2	3
Mosquée		3		3
Escrime médiévale			2	2
Jeux de rôle			2	2
Plongée sous marine	2			2
Mini foot	2			2
Animation	1			1
Escalade	1			1
Badminton	1			1
Cours d'histoire de la musique			1	1
Photo			1	1
Comédie musicale			1	1
Ski			1	1
Rugby			1	1
VTT		1		1
Gym		1		1
Hockey		1		1
	35	26	41	102

Jeunes en ville, Bruxelles à dos. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, p. 20
Jeunes en ville, Bruxelles à dos. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, p. 20

¹⁴⁹ ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune de Woluwe-Saint-Lambert, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

¹⁵⁰ Os sociólogos passaram entre 45 min e 2 horas com cada um dos jovens que têm entre 16 e 20 anos (um tem 15 anos). Apenas 30 jovens são representados, o que é pouco, mas veremos que há uma aparência clara entre espaço social e real.

¹⁵¹ Ver mais acima as quatro perguntas destacadas.

¹⁵² Ver os anexos N°3 a N°31 : pagina iii a xxxi.

Tal como para o espaço social de Bourdieu podemos ver aqui as atividades dos vários jovens em função da freguesia onde residem. Os jovens de Woluwe são os mais heteróclitos nas atividades que praticam. São os únicos a praticarem atividades mais caras como o ténis, comédias musicais, esgrima medieval, ski.

As atividades dos jovens de Anderlecht são mais restritas e quase só desportivas. Desportos mais baratos como o futebol, artes marciais, piscina. 3 dos 10 jovens vão frequentemente à Mesquita.

Em Etterbeek podemos dizer que as atividades são mistas, culturais e desportivas. Alguns vão mais ao teatro, associações, rádio. Outros concentram-se mais em desportos (escalada, futebol de salão).

Que conclusão tirar daqui? Com este quadro poderíamos dizer que o espaço social de Bourdieu tem tendência a ser objetivado no espaço real. Bem que seja mais difícil descrever os hábitos dos jovens de Etterbeek que vivem numa freguesia mais mista (meio-esquerdo do quadro do espaço social de Bourdieu), é possível, com Anderlecht (esquerda-baixo do espaço social de Bourdieu) e Woluwe-Saint-Lambert (direito-cima do quadro do espaço social de Bourdieu) fazer uma correlação entre os espaço social, as atividades em comum, e o espaço real. Se os jovens fazem as mesmas atividades encontram-se nos locais onde é possível fazê-las, relacionam-se uns com os outros.

A perceção do espaço é diferente em função do local de residência de cada jovem. Em Anderlecht há tendência para se sentir apenas confortável no seu próprio quarteirão. Em Etterbeek os jovens costumam considerar Bruxelas como um todo confortável. Para os de Woluwe os agentes sentem-se confortáveis na maior parte da cidade. É preciso notar que em Anderlecht, mesmo se os jovens já nasceram em Bruxelas, há mais tendência para serem de origens não-belga, o que pode também ter um impacto forte na perceção do espaço e na aceitação dos outros. Essa perceção parece ter um impacto importante na maneira como eles se movem na cidade.

JÉRÉMY, 17 ANS, ETTERBEEK

« Est-ce que tu te sens accepté dans tous les quartiers de Bruxelles ? Où est-ce que tu es à l'aise ou est-ce que tu es mal à l'aise ?

Je me sens très bien ici, il n'y a pas trop de délinquance. Par contre Saint-Josse, Schaerbeek et... je ne sais pas je ne connais pas trop, mais je sais que ce n'est pas bien fréquenté. Il y a plus d'agressions donc je me sentirai moins à l'aise parce qu'ici je connais très bien.

Et te sens-tu accepté ? Tu te sens chez toi ?

Oui, dans tout Bruxelles, je suis Bruxellois, pas seulement Etterbeekois puisque je vais à Ixelles et Auderghem. Si j'étais Etterbeekois, je ne sortirais pas d'ici. »

ANNE, 17 ANS, WOLUWE-SAINT-LAMBERT

« Tu te promènes parfois à Matonge ?¹⁵³

Oui, ça nous arrive beaucoup avec mon copain. Je trouve ça chouette d'aller là-bas, même si on dit que c'est dangereux, mais j'aime beaucoup l'Afrique. Je sais très bien que ce n'est pas un bon exemple d'insertion vu qu'ils sont un peu regroupés là tous ensemble. Mais c'est un chouette quartier. »

ABDEL 2, 17 ANS, ANDERLECHT

« Une fois que je suis au quartier, je me sens bien, mais une fois que je sors de là, même pour aller à Saint-Guidon, je me sens mal

Comment ça tu te sens mal ? Tu as peur ?

Non. Si je suis au quartier, je me dis que je peux faire ce que je veux, mais si je suis dans un autre quartier, je fais un truc je suis mort. Je peux pas savoir comment faire.»¹⁵⁴

Os sentidos comuns dos jovens mudam em função do espaço social e do espaço real. Há uma segregação no espaço real que delimita os movimentos de cada jovem, que o faz ter medo ou sentir-se a vontade. Anderlecht é um “em casa” para alguns ou um quarteirão perigoso para outros. Nos desenhos (ver anexos) dos jovens com um capital global baixo a maior parte desenha apenas o seu quarteirão. Há uma sedentarização forte desses agentes. Para Woluwe e Etterbeek os agentes movimentam-se mais.

¹⁵³Matonge é um quarteirão da freguesia de Ixelles, perto do metro *Porte de Namur*. Matonge é um nome que vem de um quarteirão perto de Kinshasa da República Democrática do Congo. Esse quarteirão é conhecido por ter uma grande comunidade de congoleses bem que tenha vindo a ter uma grande gentrificação por estudantes de várias origens nos últimos anos.

¹⁵⁴ ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune de Woluwe-Saint-Lambert, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

“Le sentiment d’insécurité est présent dans tous les groupes. Mais de manière différente. Chacun à sa manière se perçoit comme la cible d’autres, et ciblent à leur tour des « coupables potentiels ». Les quartiers d’Anderlecht et de Molenbeek sont dangereux pour les jeunes de Woluwe et d’Etterbeek. Pour les jeunes Anderlechtois, identifier les quartiers dangereux est plus flou. Ils citent les quartiers « flamands » ou précisent simplement que « sortir dans un autre quartier est plus difficile ». Ces jeunes développent une forme de « trouble sociale » vis à vis des quartiers huppés [privilegiado]. »¹⁵⁵

Não é apenas o território que transmite uma imagem, uma *visibility* ou um *imageability*. Depende dos códigos dos jovens, códigos que eles aprendem e apreendem em função do meio deles, do meio social e cultural mais do que económico¹⁵⁶. É porque eles têm medo de ir a certos sítios que eles não se movimentam para esse sítios e não podem então ganhar os requisitos simbólicos desses sítios. O território é constituído de agentes que transmitem uns códigos, uns olhares, uns afetos. Alguns dos jovens entrevistados dizem não querer ir a Anderlecht¹⁵⁷ à noite por que é perigoso, sem nunca terem ido lá.

« Est-ce qu’il y a des zones à Bruxelles où tu n’aimerais pas aller ? De nuit plutôt, Schaerbeek, Molenbeek, et tout ça mais plus par réputation car je ne les connais pas en réalité. »¹⁵⁸

Vemos que os sentidos comuns também agem na mobilidade dos jovens. Existe uma correlação clara entre o meio social, a posição nesse meio e o lugar onde se vive. Correlação maior ainda quando se vê a movimentação em transportes dos jovens das três freguesias.

Jeunes en ville, Bruxelles à dos. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, p. 55

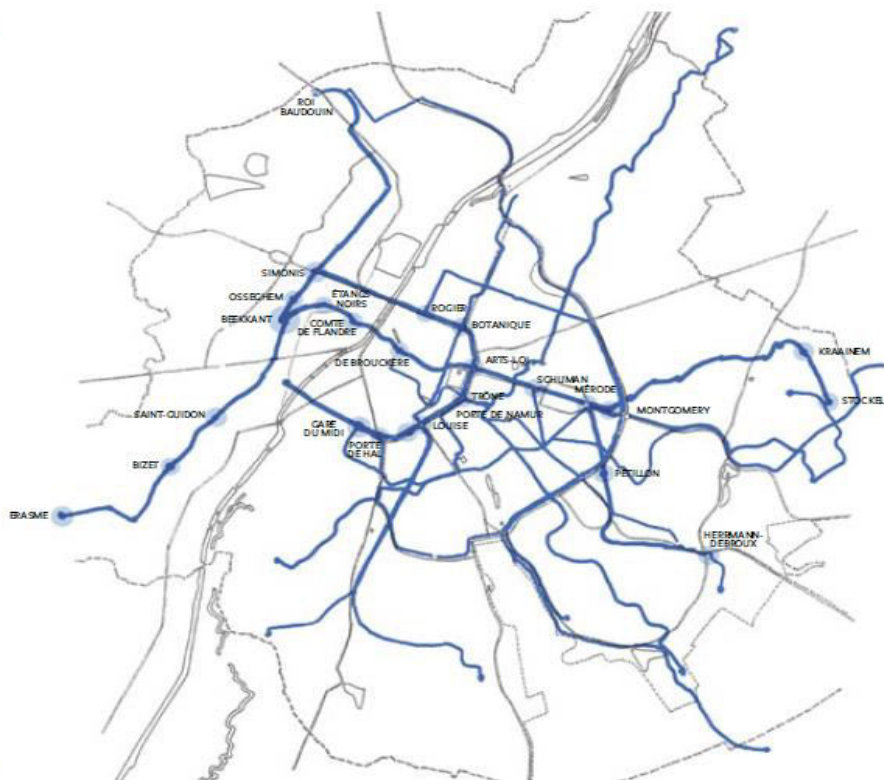
¹⁵⁵*Ibid.*

¹⁵⁶*Ibid.*

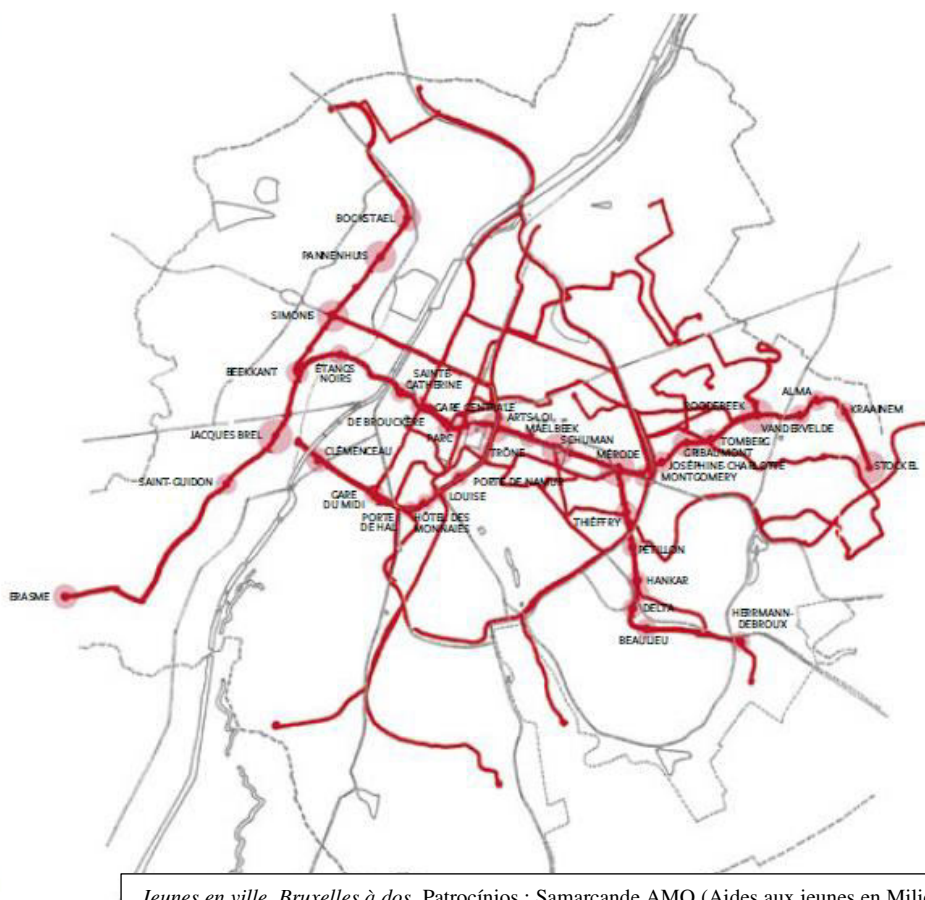
¹⁵⁷Anderlecht, Schaerbeek e Molenbeek são três freguesias bastantes similares na multiculturalidade dos residentes, tanto no capital económico que esses residentes têm. As três freguesias têm fama de serem perigosas, senso comum bastante forte ainda hoje.

¹⁵⁸*Ibid.*

Cartographie des parcours des jeunes d'Etterbeek en transports publics



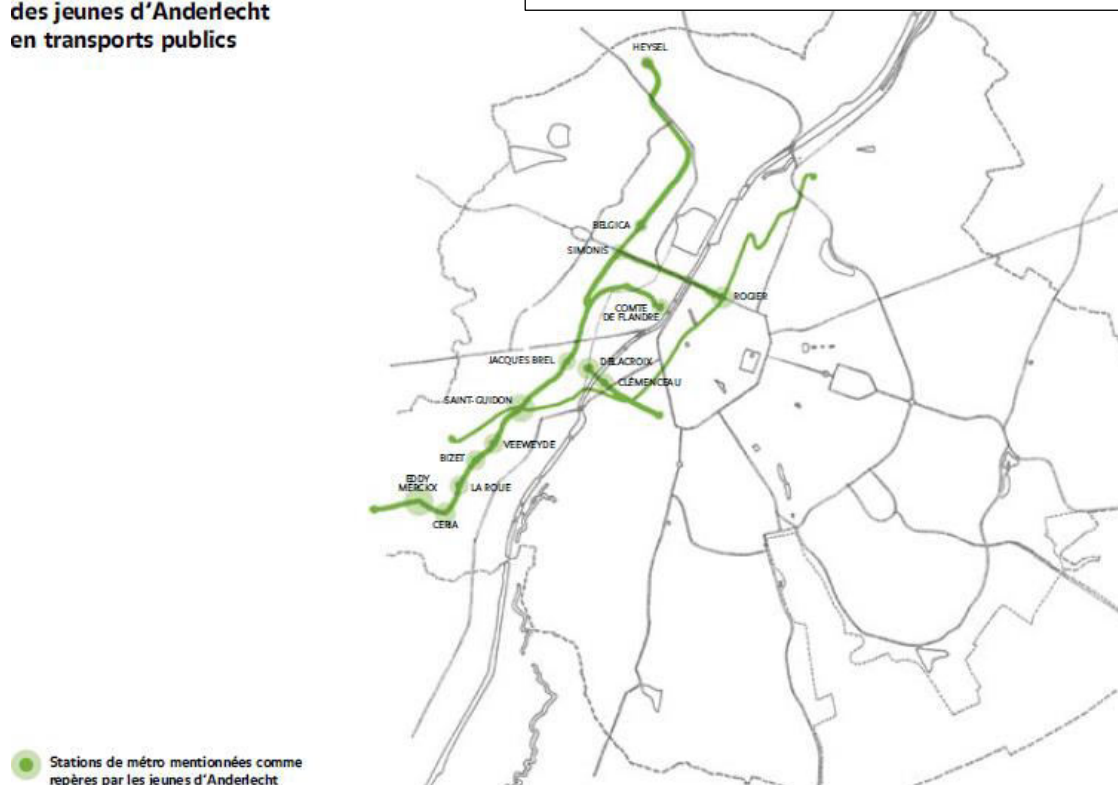
Cartographie des parcours des jeunes de Woluwe en transports publics



Jeunes en ville, Bruxelles à dos. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, p. 56

Cartographie des parcours des jeunes d'Anderlecht en transports publics

Jeunes en ville, Bruxelles à dos. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, p. 54



Movimentos muito localizados para os jovens de Anderlecht que consideram o *espaço vivido* como apenas e só o quarteirão deles. Sedentários, esses jovens têm uma percepção do espaço menos global¹⁵⁹. Uma tendência a não se sentir integrados no resto da cidade. O espaço vivido é, como vimos no primeiro capítulo, o espaço onde um agente se sente confortável e onde suas ações lhe fazem sentido. Em contraste com os jovens de Anderlecht os outros tem uma movimentação mais geral na cidade. Um território quase fixo para uns, uma rede para os outros¹⁶⁰.

« Ainsi, tous les espaces ne se valent pas : certains sont mieux équipés que d'autres, offrent un cadre de vie plus agréable, possèdent une image positive voire prestigieuse ou, au contraire, sont stigmatisants, repoussants, délabrés, pollués, etc. L'espace urbain fréquenté, approprié, joue ce faisant une fonction de distinction sociale. Fréquenter certains espaces plutôt que

¹⁵⁹Um saber-ser (savoir-être) monolítico, é assim que o define um dos sociólogos que responsável pelo estudo de Bruxelas. «*Le sociologue Ahmed Medhoune évoque chez ces jeunes un manque de code pour évoluer dans d'autres sphères que la leur. Pour lui, le jeune d'origine maghrébine n'a pas de formation en savoir-être dispensé par son entourage* » (POULEUR J.L.,op,cit.)

¹⁶⁰*Ibid.*

d'autres équivaut à marquer la distance, la différence entre son propre groupe social et les autres. »¹⁶¹

Este caso prático mostra que o território, tal como Lynch o estuda, é produtor de comportamentos. Sendo que na cidade de Bruxelas as pessoas são dependentes do território na medida em que só podem usar os caminhos já existentes para ir de um ponto a outro. A mobilidade é portanto de uma certa forma submissa ao território citadino (estriado). Um agente anda, vê, sente, toca cheira em função do que o território lhe oferece. De um outro lado, é por essas ações que o espaço é o que ele é. O território existe em função da pessoa que age nele; aqui, ele é submisso ao agente. Este esquema é composto de fluxos que vão para todos os lados, não é apenas um vaivém. Os momentos afetivos dos agentes entram dentro do processo, afeto que dá importância a tal ou tal lugar, a tal ou tal quarteirão (primeiro namoro de um jovem). Momentos afetivos aos quais é preciso acrescentar tudo o que Bourdieu acrescentou, tudo o que Badie disse sobre a crise do território. Há fluxos, há ideias, há intensidades que constroem o território de cada um. Construção que seria apenas um caos se não houvesse conscientização e sentidos comuns para o arrumar. Continua a haver incertezas e diferenças difíceis de perceber. Os fluxos afetivos e de intensidades são difíceis de perceber, mas existe uma clara tendência para haver uma ligação, como vimos, entre uma posição no espaço social e um lugar de residência no espaço real. Essa posição e esse lugar, com todas as multiplicidades que estão implicadas dão uma percepção do território de forma diferente para cada um.

O território tem um movimento, podemos até dizer que ele é movimento. Com o exemplo de Paul Claval vimos que houve uma sedentarização causada por fluxos que vieram desterritorializar certos hábitos. Que vieram mudar percepções e movimentações em certos territórios pelas mudanças dos hábitos nele. A toponímia ajuda a estudar, a

¹⁶¹ *Ibid.*

delimitar, a perceber o território pelas palavras, pela língua comum. Antes disso tínhamos concordado em dizer que o território só existe com a ação do homem. Que o território transmite representações e que os agentes modulam os territórios pelas suas representações, pelos sentidos comuns e suas posições sociais. É exatamente o mesmo processo com as técnicas - com homens e técnicas - que influenciaram e possibilitaram novas práticas, novas regras e novos hábitos. O movimento de desterritorialização e de reterritorialização como processo criativo foi o que demonstrámos pela técnica (como externalização humana).

De forma mais prática, sabendo que existe uma dialética entre o território e sua construção e as representações dos agentes nesse território, foi possível demonstrar com K. Lynch e o caso em Bruxelas que “*it seems to have a public image*” (Lynch) nas representações. Mas essa “imagem pública” não permite sozinha perceber de que forma os agentes vêem o território e como eles se mexem nele em função das suas subjetividades. Usámos o caso prático em Bruxelas para mostrar que há uma correlação entre a segregação do espaço, o espaço social e a percepção do espaço. Mais ainda, mostrámos que os agentes, em Bruxelas, têm uma conscientização da posição que ocupam no espaço social, e uma interiorização das suas posições de tal forma que não se movimentam em certos sítios pelo poder dessa consciência, dessa posição e dos sentidos comuns. (Anderlecht perigoso por exemplo).

Falar de indivíduos com suas subjetividades; falar de fluxos, instituições e grupos como objetivos e subjetivos; falar de movimentações no território obriga a descrever e a conceitualizar de que território estamos a falar e a tentar revelar. Conseguimos perceber que o território é inseparável de um movimento de territorialização. Esse movimento pode vir do exterior (sedentarização) como do interior de um território já estabelecido (escrito). Para perceber o território não se pode retirar a ação e a relação que o homem tem com ele. Essa ação e relação é condicionada pela expressão que tem um território no agente (a imagem da cidade) e a expressão que um agente transmite à cidade (as imagens da cidade). A importância do imaginário é primordial pois é pelo imaginário que há criação, afetos e intensidades que condicionam a percepção de um determinado espaço. É necessário conceitualizar o território de forma a entender quais são as particularidades deste dentro da sociedade na qual ele está

inserido. Isto é, é preciso ter em conta não só o *corpo* – esqueleto – de um determinado território, mas também as linhas (campos de força) que o atravessam e o delimitam, tal como delimitam um agente. Para tal é preciso ultrapassar uma visão dialética entre o espaço e o agente (um determina o outro e vice versa) para entender o território como um rizoma*, uma multiplicidade. Essa visão leva-nos ao pensamento de Deleuze e Guattari que permite entender que tipo de espaços podemos destacar e concetualizar de forma espacial (pensar o espaço espacialmente).

CAPITULO III

Espaço liso e espaço estriado: conceção deleuze-guattariana do espaço.

A sequência deste trabalho obriga-nos a analisar a noção de territorialização e o pensamento geofilosófico de Deleuze e Guattari. Só desta forma é que conseguiremos perceber que o território está numa constante mudança. A complexidade deste pensamento obriga-nos a entrelaçar outros conceitos que se adequam com a nossa abordagem principal tornando bastante complexo o fluxo deste capítulo.

O pensamento dos dois filósofos franceses é complexo porque é composto por nuances e alternativas, são pensadores do deslocamento e da multiplicidade. Se a obra deles oferece muitas vezes concepções duais, (espaço liso-espaço estriado, desterritorialização-reterritorialização, rizoma-árvore) existe sobretudo uma apologia da multiplicidade não apenas como adjetivo mas como substantivo¹⁶². A multiplicidade por ela própria. Desta forma, uma coisa (qualquer coisa ou pessoa) não têm vários sentidos - uma multiplicidade de sentidos - mas é uma multiplicidade. É importante porque já não se refere a um objeto e um sujeito no pensamento: “*O pensamento não é um fio*

¹⁶² O pensamento de Deleuze com Guattari, sobretudo nos dois volumes de *schizophrénie et capitalisme Anti Édipe et Mille-Plateaux* é composto de várias concepções duais. Antes e depois de Guattari Deleuze rompe com esse dualismo. No entanto esse dualismo não é apenas uma oposição como veremos, mas sim um entrelaçamento, um entre-expressionismo.

Também é necessário notar que a noção de afeto que aparece como conceito chave na *Qu'est ce que la philosophie* (“último Deleuze”) já é bastante desenvolvida no *Mille Plateaux*.

estendido entre um sujeito e um objeto”¹⁶³. Há acontecimentos, determinações que vêm e vão para todos os lados. É necessário - primordial - entender que mesmo havendo uma dualidade nos termos que os dois filósofos usam, não há, muitas vezes, oposições entre os termos (veremos com pormenor o caso do espaço liso e do espaço estriado). Uns transformam-se noutros e precisam dos outros para se transformarem. Expressam e são expressados. É assim que já apresentamos o espaço social de Bourdieu, é assim que Deleuze e Guattari pensam o espaço. No entanto existe uma diferença entre o sociólogo e os dois filósofos.

Até agora falamos sobretudo de um espaço estriado (“arrumado”). K. Lynch transmite a ideia que a cidade reflete uma imagem, reflexão atualizada num agente que condiciona seu imaginário e seu comportamento num território determinado. Com o caso de Bruxelas vimos que os agentes têm imaginários próprios da cidade que também determinam as suas ações e movimentos. Quando descrevemos o processo de sedentarização dos Inuites do Couro foi para mostrar que eles foram arrumados num espaço de tipo global e estriado. O objetivo deste capítulo é definir e pensar o espaço de forma espacial mostrando a diferença entre dois tipos de espaço, o espaço liso e o espaço estriado. O espaço estriado é o da cidade, o espaço liso é o do nómada (dos Inuites).

O espaço para Deleuze e Guattari é visto como um permanente “tornar-se” ou devir. Não é possível tirar ao território o seu movimento de desterritorialização e reterritorialização. Movimento que é um processo criativo ou destrutivo¹⁶⁴ que se “torna em algo”, que se transforma. Há sempre uma atualização do agente no espaço, o ente está sempre a atualizar-se da mesma forma que o território está sempre a territorializar-se. Porquê? Porque o território não existe sem o agente, sem a *atualização* deste, de tal modo que não é possível pensar o homem sem o espaço. O homem é um ser espacializado, inserido num certo espaço. Vimos com Kevin Lynch que a cidade exprime ao homem um conjunto arrumado e funcional; a cidade é justamente um espaço

¹⁶³ DELEUZE G., GUATTARI F., *Capitalisme et schizophrénie. Mille Plateaux*, Les éditions de Minuit, Paris, 1980 p.14

¹⁶⁴ Pode ser um movimento destrutivo porque pode levar a morte. Podemos pensar nos vários suicídios propostos por Émile Durkheim: O suicídio altruísta é uma territorialização tão forte do agente que perde a sua “individualidade”. Desterritorialização da sociedade para uma seita por exemplo eu leva a um suicídio coletivo. O suicídio egoísta seria justamente o contrário, uma falta de integração, uma desterritorialização bruta e negativa cada vez maior que leva a falta de integração de uma agente na sociedade e a um processo de destruição. (c.f DURKHEIM Émile, *le suicide*, 1897)

arrumado (espaço estriado) definido pelas suas funções. Entretanto, vimos também que uma subjetividade delimita o movimento dos jovens de Bruxelas na cidade, pelos sentidos comuns, pelos *habitus*, pela interiorização de preconceitos num sentido amplo, moldando por sua vez o dia-à-dia - espaço vivido - de cada agente. Aqui veremos que é possível movimentar-se num espaço estriado de forma não estriada, de forma lisa, em virtude do imaginário de um agente.

Como é que se pode falar do espaço estriado e do espaço liso? Queremos tentar concetualizar estes dois espaços para poder no capítulo final definir o que entendemos por território. III) 1) Depois de analisar o pensamento de Deleuze e Guattari sobre a diferença estabelecida entre o espaço liso e o espaço estriado, 2) veremos como estes espaços fluem um para o outro e como 3) é que ele se exprimem.

1) A diferença entre o espaço liso e o espaço estriado.

Deleuze e Guattari propõem dois espaços diferentes no *Milles Plateaux capitalisme et schizophrénie*. Dois espaços que não são independentes um do outro mas aos quais é possível fazer uma diferenciação. Eles certificam que essa diferença é apenas uma diferença de *direito (de droit)* é não de *facto (de fait)*; uma diferença que se pode fazer enquanto conceito mas que não aparece na realidade das coisas de forma tão específica como veremos mais adiante. Ela aparece de forma teórica - no papel - mas não aparece de forma clara nos *factos* do espaço real. Para explicar que tipo de espaço é o espaço estriado e o espaço liso, os dois filósofos usam vários modelos: *modèle technologique, modèle maritime, modèle mathématique, modèle musical, modèle esthétique*. Uns modelos são mais difíceis do que outros. Veremos de forma geral que tipo de espaços são estes sem fazer alusão a todos estes modelos. O objetivo é perceber de que modo podemos falar de um espaço estriado e de um espaço liso para, mais adiante, perceber que eles estão sempre a fluir um no outro.

« *L'espace lisse et l'espace strié, - l'espace nomade et l'espace sédentaire - l'espace ou se développe la machine de guerre et l'espace institué par l'appareil d'Etat, - ne sont pas de même nature. Mais tantôt nous pouvons marquer une opposition simple entre les deux sortes d'espaces. [...] Tantôt encore nous devons rappeler que les deux espaces n'existent en fait que par*

*leurs mélanges l'un avec l'autre : l'espace lisse ne cesse d'être traduit, transversé dans un espace strié ; l'espace strié est constamment reversé, rendu à un espace lisse. »*¹⁶⁵

Os dois espaços comunicam um com o outro. Deleuze e Guattari, para especificar qual é o espaço liso e o estriado, usam o exemplo do tecido e do feltro. O tecido é um espaço estriado pois implica um espaço fechado com a ida e volta dos fios por tecelagem. O tecido mais simples tem umas linhas verticais e outras horizontais (fios de teia, fios de trama), umas são fixas e outras móveis bem que cada uma de cada vez. Existe no tecido uma noção de arrumo pelo encaixe de um fio no outro. Para o feltro, - *anti-tecido* -¹⁶⁶, o espaço é liso bem que composto de varias fibras por calandragem. É um espaço liso porque é infinito em direito, isto é, pode ir até ao infinito pois não obriga a uma ida e volta dos fios – como na tecelagem (finito) - para ser. O feltro não tem fios que definem a horizontalidade ou verticalidade para o “arrumar”, é apenas uma espaço sem centro, sem frente e verso. O feltro não é completamente homogéneo, é liso, tem nele fibras compactadas que não permitem dizer onde começa e onde acaba.

Para continuar com essa distinção Deleuze e Guattari opõem o bordado com o *patchwork* (trabalho em retalho). O bordado costuma ter um ornamento central que delimita o resto das decorações; no trabalho em retalho, a junção de quadrados de tecido leva a possibilidade de ir até ao infinito, o ornamento de base é um bloco que pode ser repetido; O bordado é um espaço estriado e harmónico; O *patchwork* é um espaço liso e rítmico (repetição do bloco)¹⁶⁷. O bordado tem uma decoração, uma função decorativa, arrumada de uma certa forma; o *patchwork* também pode ter uma função decorativa mas com uma preexistência dos tecidos que o delimita.

¹⁶⁵ DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie. Milles Plateaux : 14. Espace lisse et espace strié*, Les éditions de Minuit, Paris, 1980, p. 592

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ Os termos “harmónicos” e “rítmicos” são aqui usados para fazer alusão ao *modelo musical* que Deleuze usa para definir os dois espaços. “*Pour en revenir à l'opposition simple, le strié, c'est ce qui entrecroise des fixes et des variables, ce qui ordonne et fait succéder des formes distinctes, ce qui organise les lignes mélodiques horizontales et les plans harmoniques verticaux. Le lisse, c'est la variation continue, c'est le développement continu de la forme, c'est la fusion de l'harmonie et de la mélodie au profit d'un dégagement de valeurs proprement rythmiques, le pur tracé d'une diagonale à travers la verticale et l'horizontale.* » DELEUZE G., GUATTARI F., *Milles, op.cit.* p.597

“L’espace lisse du patchwork montre assez que le lisse ne veut pas dire homogène, au contraire : c’est un espace amorphe, informel, et qui préfigure l’op’art »¹⁶⁸

Nos dois espaços existem trajetos, linhas, pontos, superfícies e volumes.¹⁶⁹ A grande diferença entre os dois é que no espaço estriado essas linhas e trajetos têm tendência para ser subordinados aos pontos. No espaço liso no entanto, é o contrário, são os pontos que são subordinados às linhas e trajetos.¹⁷⁰ Essa diferença entre as linhas e os pontos implica muita coisa. Marca um grande ponto de diferenciação entre os dois espaços. Porquê?

É preciso entender que o espaço liso é o espaço nómada, espaço onde os nómadas se movem. Espaço que implica um conjunto de ações e de hábitos pelas relações desses nómadas com ele, com o território deles¹⁷¹. Há subordinação dos pontos aos trajetos e às linhas no espaço liso: é a mesma coisa que dizer que há subordinação do *habitat* (a tenda, o igloo, o barco) e da produção dos nómadas aos movimentos e aos trajetos¹⁷². Há uma conformidade grande entre o espaço do dentro e o espaço do fora, entre os usos e os hábitos (dom de orientação dos Inuítes vs topologia dos sedentários por exemplo)¹⁷³.

No espaço estriado é justamente o contrário, o espaço de dentro define mais o espaço de fora. Aqui os hábitos são outros: acumulação de bens é possível, a roupa e a gastronomia são diferentes e ligadas ao poder do espaço de dentro, sedentário. Neste espaço ir de um ponto a outro é o que define a linha ou o trajeto. O espaço estriado por excelência é a cidade (*Polis*).

Nos dois espaços existem paragens (*des arrêts*) e trajetos:

¹⁶⁸ *Ibid.*, p.595

¹⁶⁹ *Ibid.*

¹⁷⁰ *Ibid.*

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ *Ibid* p. 613 « Les sociétés dites primitives ne sont pas des sociétés de pénurie ou de subsistance, faute de travail, mais au contraire des sociétés d’action libre et d’espace lisse, qui n’ont aucun besoin d’un facteur travail, pas plus qu’elles ne constituent de stock. Ces sociétés ne sont pas de paresse, bien que leur différence avec le travail puisse s’exprimer sous la forme d’un « droit à la paresse ». Ces sociétés ne sont pas sans lois, bien que leur différence avec la loi puisse s’exprimer sous l’apparence d’une « anarchie » ».

“Dans le lisse comme dans le strié, il y a des arrêts et des trajets qui entraîne l’arrêt ; mais dans l’espace lisse, c’est le trajet qui entraîne l’arrêt, là encore c’est l’intervalle qui prend tout, c’est l’intervalle qui est substance (d’où les valeurs rythmiques) »¹⁷⁴

No entanto, se o intervalo é substância entre os pontos numa linha no espaço liso, a linha (trajeto) “é um vetor, uma direção e não uma dimensão ou uma determinação métrica”¹⁷⁵. Existem mudanças de direção, as primeiras podem ser chamadas mudanças “obrigatórias” pela própria irregularidade do espaço (como nos arquipélagos), neste caso Deleuze e Guattari falam de *espaço liso dirigido*¹⁷⁶; as segundas podem ser em função do objetivo que tem um certo povo: ir a tal local onde há vegetação temporária¹⁷⁷, os filósofos falam de *espaço liso não-dirigido*.

O espaço liso não tem dimensões, não é métrico pois não tem ponto de referência – tal como no patchwork infinito em direito – para ser medido.

“L’espace lisse est occupé par des évènements ou heccétés, beaucoup plus que par des choses formées et perçues. C’est un espace d’affects, plus que de propriété. C’est une perception haptique, plutôt qu’optique »

A *ecceidade** implica que o espaço está ocupado por eventos que lhes são próprios, próprios ao espaço, um carácter particular, peculiar que o distingue de todos os outros. Mais uma vez, está noção reverte ao que foi dito anteriormente (Capítulo 1 e 2), o espaço é ocupado por eventos próprios e *ecceidades* que marcam a importância de algo de interativo entre o nómada e seu território, um agenciamento entre ele, o seu grupo e o corpo da terra. Quando Deleuze fala do afeto¹⁷⁸ (*affect*) esse afeto distingue-se das afeções ou das percepções. O afeto não é um sentimento, um desejo ou uma afeção. Ele transcende qualquer homem ou qualquer experiência. O facto do espaço liso ser um

¹⁷⁴ *Ibid*, p.597

¹⁷⁵ *Ibid* (traduzido)

¹⁷⁶ Dirigido pelo próprio espaço que obriga a ter uma direção específica por causa dos seus desníveis.

¹⁷⁷ Exemplo dado pelo Deleuze e Guattari.

¹⁷⁸ « *Les percepts ne sont plus des perceptions, ils sont indépendants d’un état de ceux qui les éprouvent ; les affects ne sont plus des sentiments ou affections, ils débordent la force de ceux qui passent par eux. Les sensations, percepts et affects, sont des êtres qui valent par eux-mêmes et excèdent tout vécu. Ils sont en l’absence de l’homme, peut-on dire, parce que l’homme, tel qu’il est pris dans la pierre, sur la toile ou le long des mots, est lui-même un composé de percepts et d’affects. L’œuvre d’art est un être de sensation, et rien d’autre : elle existe en soi* » DELEUZE G. GUATTARI F., *qu’est-ce que la philosophie*, édition de minuits, Paris, 1991 p.155

espaço de afetos significa que é um espaço composto de seres¹⁷⁹ (*êtres* em francês, *beings* em inglês). Seres que são em si, com os quais o homem pode se atualizar, com os quais o homem está sempre atualizar-se. O afeto não é a experiência ou a ação, não é também a emoção que se tem durante a experiência ou ação. É algo que está em si no espaço e que permite pela experiência dar uma atualização ao homem. Afetos no sentido de intensidades que fazem com que o homem se dirija para tal ou tal sítio, o espaço liso é um espaço com as suas forças próprias que “dirige” o nómada. Mas esse “dirigir” é apenas possível pela atualização do homem.

Aparece aqui a importância da multiplicidade como substantivo. O homem é multiplicidade. Os afetos são multiplicidades. Os espaços liso que contêm afetos e homens são multiplicidade. Mas podem ser multiplicidades individuais, isto é, são multiplicidade que naquele momento, naquele ponto (ponto no sentido de lugar) são aquilo que são. Têm uma essência própria, a delas.

Para os dois filósofos a expressão vem antes da atualização. O corpo da terra exprime afetos e eccidades que são atualizadas no homem. O homem também exprime afetos que são atualizados no corpo da terra. Os afetos são em potência, é na junção de um afeto e do homem, de um afeto e da terra - no momento entre-expressivo - que pode haver uma atualização. Momento que está sempre a acontecer, há um infinito de atualizações. É por essa razão que não se pode pensar no ser como algo que já existe, mas é preciso pensar o devir, como algo que está sempre a existir, que está sempre a “tornar-se”.

O espaço liso é portanto um espaço de intensidades no qual o nómada se move em função dessas intensidades. As intensidades já existem, são pré-individuais, já têm forças próprias que vão ser atualizadas no homem. Elas exprimem-se no homem que recebe essa expressão para “tornar-se”. O homem também exprime os seus afetos no

¹⁷⁹ *Seres* no sentido amplo de ser. Não se fala aqui apenas de ser vivos, animais ou pessoas mas sim de tudo o que é.

corpo da terra para esse corpo “tornar-se”. É um movimento que não tem principio nem fim, é contínuo, um fluxo que está sempre a escorregar, a fluir¹⁸⁰.

O espaço estriado, ao contrário do espaço liso, é um espaço de distâncias mas de distâncias métricas.¹⁸¹ “No estriado as formas organizam o estriado”¹⁸². É um organismo ou uma organização¹⁸³, perceber esse espaço (bem que também dirigido) tem de ser feito por medidas (*mesure*, no sentido de distancias) e pelo estudo de propriedades¹⁸⁴.

*“C’est pourquoi ce qui occupe l’espace lisse, ce sont les intensités, les vents et les bruits, les forces et les qualités tactiles et sonores, comme dans le désert, la steppe ou les glaces. Craquement de la glace et chant des sables. Ce qui couvre au contraire l’espace strié, c’est le ciel comme mesure et les qualités visuelles mesurables qui en découlent.”*¹⁸⁵

O espaço estriado é o espaço que estudou Bourdieu com os pontos de vista e o sentimento de propriedade (recursos, técnicas, etc.) que delimita o espaço social e a posição neste. Espaço de percepção, espaço ótico, no sentido de ver onde estamos situados e onde se situam as estruturas estriadas da cidade para estabelecer um caminho, um trajeto. Os pontos já existem, é apenas preciso tracejar uma linha para ir de um ao outro. O espaço estriado é o da cidade porque é um espaço de funções; funções e construções cada vez mais arrumadas, mais urbanas, o espaço estriado é o espaço homogêneo¹⁸⁶. Neste espaço os materiais já tem funcionalidades próprias, já têm formas. Alugar uma casa, ir ao banco, à faculdade, jantar fora. Não é um espaço de intensidades tal como no espaço liso porque a função do espaço estriado pré-existe ao individuo que a vai usar. O próprio individuo tem uma função, ou duas, três. Mas são funções mensuráveis e contadas. Existe um devir, um constante tornar-se como no espaço liso; o estriado também tem os seus afetos mas não é a característica principal desse espaço. Não é o que o define.

¹⁸⁰ (obrigado ao professor Nuno Nabais pela sua ajuda na compreensão do conceito de afeto em Deleuze e Guattari)

¹⁸¹ *Ibid.*, p.599

¹⁸² *Ibid.*, p.598

¹⁸³ *Ibid.*

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ *Ibid.*, p.598

¹⁸⁶ *Ibid.*, p.609

Referimos que espaço liso é um espaço áptico e o estriado um espaço ótico¹⁸⁷. Áptico no sentido geral de sentir, um olho que toca, uma mão que cheira. Refere-se a um espaço de intensidades, um espaço táctil e um espaço sonoro mais que visual¹⁸⁸ bem que também visual. Não existe linhas que contornam o visual no espaço liso, “*não há distâncias intermediárias, de perspectivas ou de contornos, a visibilidade é restrita; no entanto existe uma topologia extraordinariamente fina, que não se assenta em pontos ou objetos, mas em exceções, num conjunto de relações (ventos, ondulações da neve ou da areia, qualidades tácteis das duas)*”¹⁸⁹. O espaço estriado é visual porque tem contornos, delimitações, é limitado e limitante¹⁹⁰: “*limitado nas suas partes, as quais direções constantes estão ligadas, e que estão orientadas umas em relação as outras, divisíveis por fronteiras, compostas por conjunto; e o que é limitante (limes ou muralhas, e jamais fronteiras), e esse conjunto em relação aos espaços lisos que ele contém, cuja (?) ele trava ou impede o crescimento, e que ele restringe ou põe fora.*”¹⁹¹

No espaço áptico ou nómada existem claramente trajetos e pontos mas não é o que define esse espaço. Os pontos de água existem mas os nómadas vão-se sempre embora desses pontos¹⁹². Este espaço tem traços e não paredes ou fronteiras, existe vegetação mas é temporária e localizada aparecendo em função das chuvas aqui e ali. É um espaço “*absoluto local*”¹⁹³ pois ele manifesta-se com toda a sua força por uma atualização num local¹⁹⁴. É um “*spatium intenso*” ao contrário do estriado que é um “*extensio*”¹⁹⁵. O espaço sedentário é “*global relativo*”¹⁹⁶ pelas razões que já citámos: limitado com as suas fronteiras, limitando tudo o que não faz parte dele. Essas limitações são, por exemplo, o declínio que tem o estado em aceitar as novas *independências* num aspeto mais social. Mas também a delimitação entre um espaço liso e estriado que é delimitado pelo estriado: o campo, a cidade, a floresta, a estepe.

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 598

¹⁸⁸ DELEUZE G., GUTARRI F., *op.cit. Traite de nomadologie: la machine de guerre.* p. 474

¹⁸⁹ *Ibid.*

¹⁹⁰ *Ibid.*

¹⁹¹ *Ibid.*

¹⁹² *Ibid.*

¹⁹³ *Ibid.*

¹⁹⁴ *Ibid.*

¹⁹⁵ *Ibid.* p.598

¹⁹⁶ DELEUZE G., GUATTARI F., *op.cit. Traite de nomadologie.* p. 474

Voltamos ao princípio do nosso raciocínio. Marcar diferenças entre os dois espaços é possível, mas os dois contêm os dois. As diferenças são diferenças de graus, de características primordiais que definem cada espaço mas não realçam a totalidade de cada um. Para entender realmente estas distinções e preciso entender como um espaço se reverte para outro.

2) Espaço liso e espaço estriado: a passagem de um ao outro.

Os *Inuites do couro* como o mostrou P. Claval viveram um processo de desterritorialização de um espaço liso para um espaço estriado. É preciso entender aqui que o espaço liso não é diferente do estriado porque é regulado por *devires* ou constantes atualizações, e o estriado por seres imutáveis e imóveis. Deleuze e Guattari recusam-se de falar de um sujeito, de um “eu” já definido. Não recusam o sujeito, apenas não constitui o ponto de partida do pensamento deles. Dizer que um agente está sempre a tornar-se em virtude da sua multiplicidade, tal como a terra está sempre a tornar-se em virtude da sua multiplicidade permite perceber as mudanças de territórios pela relação que têm os agentes e as coisas com a terra, ou com o território já estabelecido. Os Inuites viveram um processo de territorialização porque fluxos sedentários vieram ocupar o espaço nómada que eles ocupavam. Porque esses fluxos em potência exprimiram-se nos Inuites. Inuites que se atualizaram ao receber essa expressão. A atualização é sintoma da expressão seja para o espaço nómada ou estriado. Este processo é o mesmo que o canto do pássaro macho que exprime um afeto que vai ser atualizado na fêmea. O som é aqui o que define o território intensivo do pássaro, tal como o fluxo de sedentarização no espaço do Inuite já é o novo território do Inuite, já é processo de desterritorialização.

Existe uma diferença entre os dois espaços mas os dois têm em potência a possibilidade de se desterritorializar um no outro. Podem nunca ser totalizados. As desterritorializações podem ser destrutivas ou criativas (às vezes ao mesmo tempo), podem ser moles ou duras¹⁹⁷. Foi o que vimos com os Inuites quando percebemos que algumas desterritorializações acabaram maioritariamente com o “dom de orientação” para a topologia (criativo: perder uma habilidade para ganhar outra). No entanto, estes

¹⁹⁷ *Ibid.*: expressão de Deleuze e Guattari.

movimentos podem ser apenas destrutivos: índios que se deixavam morrer por serem obrigados a trabalhar durante a escravatura¹⁹⁸.

O espaço liso é o das estepes, dos gelos, deserto e mar. Mas se o mar é o espaço liso por excelência também é o primeiro que se deixou estriar¹⁹⁹. Deleuze e Guattari explicam que foi pelas longas navegações que começou este processo. Processo que aparece com o *ponto* ou a *mapa* depois das aquisições astronómicas e geográficas²⁰⁰. Estriar o mar não foi um processo repentino, foi uma luta de duas linhas – liso e estriado – que arrumaram o mar. Houve primeiro “*uma navegação nómada empírica e complexa qui fez intervenir os ventos, os barulhos, as cores e os sons do mar; depois houve uma navegação direcional, pré-astronómica e já astronómica, que procede com uma geometria operatória*”²⁰¹. As cidades comerciais participaram nessa transformação, primeiro estriando em pontos específicos, depois generalizando-a. O passar dos portulanos para as *cartas* (no sentido de mapa, de cartografia) também é uma boa imagem do processo de estriagem. Segundo os filósofos só com a aparição do Estado, com o poder sedentário que se projeta no espaço²⁰², é que o mar foi realmente estriado²⁰³.

Existem outros exemplos, outros processos de desterritorialização. Dissemos que a territorialização é feita de territorializações mais pequenas que a constitui (capítulo II.1). É verdade para a passagem de um espaço para outro. Quando Badie falava da crise do princípio de territorialidade é, na verdade, de um alisamento do espaço que ele falava. Crise do espaço estriado que *produziu* fluxos e expressões que vieram atualizar-se em novas vontades, vontades contra o espaço estriado. A noção de *produção* é aqui importante, ela remete ao problema de distinguir *de facto* um espaço liso de um estriado. Problema que surge, como vemos, porque um espaço remete a outro, produz

¹⁹⁸ *Ibid.* p. 612 : « *Il semble vrai aussi que les indiens ne comprenait même pas, et étaient inaptes à toutes organisation de travail même esclavagiste : les Américains n’auraient importé tant de Noirs que parce qu’ils ne pouvaient pas utiliser les Indiens, qui se laissaient plutôt mourir* »

¹⁹⁹ *Ibid.* p.599

²⁰⁰ *Ibid.*

²⁰¹ *Ibid.*

²⁰² RETAILLE D., *Cartographie participative, Cartographie, quadrillage et ordre sédentaire*, L’information géographique, Armand Colin, Volume 77, décembre 2013. P. 88- 108

²⁰³ Estado estria o Mar porque é um poder sedentário – fixo – que permite concentrar nele conhecimento: processo de acumulação de saberes e de controlo, controlo do movimento.

outro. É o caso da *produção de identidades* sublinhadas por Lacoste e Badie, o das vontades de independências que querem desarrumar o espaço assim estabelecido, exprimindo no corpo das instituições *linhas de fuga** que vão desterritorializar certas conceções e realidades territoriais.

“Voilà que des espaces lisses sortent de la ville, qui ne sont plus seulement ceux de l’organisation mondiale, mais ceux d’une riposte combinant le lisse et le troué, se retournant contre la ville : immenses bidonvilles mouvants, temporaires de nomades et de troglodytes, résidu de métal et de tissu, patchwork, qui ne sont même plus concernés par les striages de la monnaie, du travail ou de l’habitation »²⁰⁴

Outro exemplo que mostra que a oposição entre os dois espaços não é tão simples:

“On ne peut pas se contenter d’opposer immédiatement le sol lisse de l’éleveur-nomade et la terre striée du cultivateur sédentaire. Il est évident que le paysan, même sédentaire, participe pleinement de l’espace des vents, des qualités sonores et tactiles. [...]. Car, dès les temps les plus anciens, le néolithique et même le paléolithique, c’est la ville qui invente l’agriculture : c’est sous l’action de la ville que l’agriculture, et son espace strié, se superposent au cultivateur en espace encore lisse (cultivateur transhumant, mi-sédentaire ou déjà sédentaire). »²⁰⁵

Do cultivador nómada ao sedentário aparecem várias fases, vários princípios de desterritorialização. Não apenas porque fluxos e linhas do exterior vêm bater no espaço liso ou estriado mas porque dentro desses mesmos espaços há possibilidades de eles mudarem e se atualizarem. É exatamente dessa forma que as técnicas como a escrita vieram mudar o território, técnicas como produção humana, como imaginário humano objetivado e territorializado. Produção da escrita porque acreditamos que a terra era propícia para uma tal produção: o território e os homens com seus devires atualizaram-se um e outro para produzir a escrita. Criação que vem de um ambiente propício, de um agenciamento, que veio mudar o homem e o território. Criação também que é inseparável de um imaginário que está dentro do homem, em potência, a espera de ser atualizado com o corpo da terra, com as ferramentas, para criar um agenciamento.

Queremos considerar o território como um espaço criativo de produção, como máquina produtiva. É um *corpo sem órgão** que cria agenciamentos com o corpo do

²⁰⁴DELEUZE G., GUTTARI F., *op.cit.*, p.601

²⁰⁵*Ibid.*, p.600-601

homem que vai criando - e é criado por - técnicas, ferramentas e territorializações. É um espaço produtivo porque é constituído de afetos e exceções que permitem ao homem atualizações que o modificam mas que modificam também o que rodeia o homem. Os afetos do território permitem *devires*, devires que estão ligados ao território, que só podem estar ligados a terra do território. O homem e a terra com suas entre-expressões (entre-expressivismo) podem chegar ao momento de produção: é exatamente assim que entendemos o devir, que não pode estar descolado do processo de desterritorialização. Se tudo é multiplicidade é porque tudo tem, em potência, a capacidade de tornar-se algo, e nesse torna-se, de produzir algo. Há um devir-costureiro antes e durante os Inuites cozerem as suas roupas com pele de foca; um devir-agricultor e um devir-sedentário antes (e durante) eles se tornarem sedentários. Processo de produção que vem ao mesmo tempo que o homem muda.

Esse global relativo – espaço estriado - também esconde um absoluto, mas um absoluto constituído pelas formas que se vê ao longe, formas já formadas pelas paredes e construções diversas²⁰⁶. É preciso estar no centro do espaço estriado, ou num ponto alto para ter o visual do global. É assim que aparece o liso, no cimo de um miradouro ou de um monte. No espaço liso puro, qualquer ponto já é absoluto, já é global mas não globalizante. É local e absoluto no sentido em que tudo acontece no momento da atualização num local definido, onde há afetos e desejos.

O nómada não é um migrante mesmo se existem características parecidas.²⁰⁷ Pois o migrante vai de um ponto a outro, mesmo se for incerto, com a esperança de se sedentarizar noutro ponto, uma desterritorialização para uma reterritorialização noutro lugar²⁰⁸. O nómada também vai de um ponto a outro mas é consequência do seu trajeto, é secundário ao trajeto. Ele também tem linhas de costume, de rotina, mas ele produz a linha, está sempre a produzir. Linhas que são tapadas pelas areias dos desertos, pelas neves e gelos glaciares²⁰⁹. Não é como no espaço sedentário ou estriado pois o espaço nómada tem como função “*distribuir os homens num espaço aberto, indefinido e não*

²⁰⁶ *Ibid.*

²⁰⁷ DELEUZE G., GUTARRI F., *op.cit.*, *Traité de nomadologie*. p. 473

²⁰⁸ *Ibid.*

²⁰⁹ DELEUZE G., GUTARRI F., *op.cit.*, *Traité de nomadologie*. P. 472

comunicante”²¹⁰, ao contrario do espaço sedentário que distribui os homens num espaço fechado, cada um com a sua parte, as suas posses e com uma comunicação regulada²¹¹.

Os nómadas podem ser considerados como os que não se movem, que não se mexem. Não no sentido de não haver movimento mas no sentido de nunca sair de um espaço liso²¹². O nómada não sai de um espaço liso, não quer sair dele, enquanto o migrante sai para outro lado, porque o seu espaço é ingrato por exemplo²¹³. Deleuze e Guattari estabelecem aqui a diferença entre velocidade e movimento: “*On dira par convention que seul le nomade a un mouvement absolu, c’est à dire une vitesse [...] Le mouvement est extensif, la vitesse intensive*”²¹⁴. “*Le mouvement désigne le caractère relatif d’un corps dont les parties irréductibles (atomes) occupent ou remplissent un espace lisse à la façon d’un tourbillon*”²¹⁵. Mais uma vez existe uma diferenciação entre uma intensidade local de um espaço nómada que não realça o trajeto mas sim cada afeto que define esse trajeto:

*« C’est en ce sens que le nomade n’a pas de points de trajets, ni de terre, bien qu’il est en ait de toute évidence. Si le nomade est le Déterritorialiser par excellence, c’est justement parce que la reterritorialisation ne se fait pas après comme chez le migrant, ni sur autre chose comme chez le sédentaire (par rapport à un régime de propriété, appareil d’Etat). Pour le nomade, au contraire, c’est la déterritorialisation qui constitue le rapport à la terre ; si bien qu’il se reterritorialise sur la déterritorialisation même. »*²¹⁶

As distinções dos dois espaços *em direito* é justamente perceber as características principais de cada um, ou seja, os princípios-chaves que os distinguem. Vimos que cada um deles tem pontos, linhas trajetos, superfícies, mas para o espaço liso os pontos são consequência do trajeto; no espaço estriado o trajeto é a consequência dos pontos. O que Deleuze e Guattari conseguem fazer é já não opor o nómada ao espaço estriado, pensado em função do Estado como árvore-raiz* mas sim pensá-lo por si e em si

²¹⁰ *Ibid.*

²¹¹ *Ibid.*

²¹² *Ibid.*

²¹³ *Ibid.*

²¹⁴ *Ibid.*

²¹⁵ *Ibid.*

²¹⁶ *Ibid.* p. 473

mesmo. Pensá-lo como um rizoma que se espalha no espaço “*e de se constituir como um corpo sem órgãos que contraria a organização arborescente do estado com seu sistema fiscal, sua agricultura camponesa, seu comércio, seu quadriculado, suas fronteiras, suas cercas e suas funções hierárquicas e centralizadas*”²¹⁷. Também é possível pensar em função da desterritorialização como ponto de diferença entre os espaços. Desta forma, já não são dois espaços mas sim três desterritorializações: a do nómada que se faz sempre *aqui*, num local, uma desterritorialização intensa na qual a reterritorialização se sobrepõe diretamente, aparece aqui a noção de velocidade como intensidade; a do sedentário que se faz sempre noutra coisa (casa-trabalho-café, casa-escola-desporto), com uma noção de movimento e de multiterritorialidade²¹⁸; a do migrante que vai sempre para outro ponto, diferente bem que parecido, a noção de movimento já é importante, existe um ponto A e um ponto B diferentes um do outro. (veremos o conceito de desterritorialização com mais pormenor no capítulo IV.

3) Expressar o espaço, expressão do espaço.

Que um homem esteja num espaço liso ou estriado ele pode viajar, mover-se, em função do seu imaginário. De tal forma que se pode viajar num espaço liso de forma estriada e num espaço estriado de forma lisa. Deleuze e Guattari fazem uma distinção entre a viagem-Kleist e a viagem-Goethe²¹⁹. O primeiro é liso, rizomático, múltiplo e incerto, rico em intensidades, o segundo é educativo, pesado, com uma linha condutora rígida e um “horário”.

Essas duas viagens são possíveis pelas subjetividades de cada agente, mas também pela própria subjetividade da cidade²²⁰. Voltamos aqui à noção de *ponto de vista* que já tínhamos analisado com Bourdieu. Esse ponto de vista, esse imaginário, está claramente ligado as condições sociais, a possibilidade de mover-se dentro de uma

²¹⁷ RIVIERE Pierre, *Deleuze cosmopolite* :<http://la-philosophie-est-un-sport-de-combat.over-blog.com/> (consultado dia 20/09/2014)

²¹⁸ Conceito de HAESBAERT Rogério, *O mito da desterritorialização, Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.

²¹⁹ DELEUZE G. GUATTARI, *op.cit.* p. 601 : « Pour le moment il faudrait seulement dire qu’il y a deux sorte de voyage, qui se distinguent par le rôle respectif du point, de la ligne et de l’espace. Voyage-Goethe et voyage-Kleist ? Voyage français e voyage-anglais ? voyage-arbre et voyage-rhizome ? Mais rien ne coïncide tout à fait, tout se mélange, ou passe de l’un à l’autre »

²²⁰ DELEUZE G., *Critique et clinique*, Les éditions de minuits, Paris, 1993 p. 81

cidade, fora de uma cidade, de ler, comprar, interessar-se. Deleuze e Guattari não pensam em função de uma dialética entre o momento objetivo e subjetivo. Para eles, como já sublinhámos, é um movimento de entre-expressão entre a cidade e o agente que é realçada.

“Un milieu est fait de qualités, substances, puissances et évènements : par exemple la rue, et ses matières comme les pavés, ses bruits comme les cris des marchands, ses animaux comme les chevaux attelés, ses drames [...]. Le trajet se confond non seulement avec la subjectivité de ceux qui parcourent un milieu, mais avec la subjectivité du milieu lui-même en tant qu’il se réfléchit chez ceux qui le parcourent. La carte exprime l’identité du parcours et du parcouru. Elle se confond avec son objet, quand l’objet lui-même est mouvant. »²²¹

O meio é determinado pelos imaginários, as ruas, as pessoas, as cidades. Essa determinação aparece com os pontos de vistas que exprimem a cidade (jovens de Bruxelas) tal como a cidade exprime os pontos de vistas (cidade de K. Lynch). A diferença com Bourdieu é que Deleuze e Guattari tem como ponto de partida a expressão de cada um dos pontos de vistas, expressão que é pré-individual. Vê-se aqui a influência forte de Leibniz com o conceito de mónada. Cada mónada* é uma e apenas uma, fechada em si própria, uma individualidade, um indivíduo. Os pontos de vistas são assim redutíveis a cada mónada, cada ponto de vista é diferente porque cada mónada também o é. Para Leibniz existe uma pluralidade de pontos de vistas mas é uma pluralidade que remete a um caos, pois tudo é relativo. Se cada mónada têm um ponto de vista diferente de todas as outras então entramos num relativismo absoluto. *“Chaque monade se définit par son point de vue sur le monde, sa “perception” dit Leibniz, et réciproquement chaque point de vue est une monade, soit une réalité ultime, éternelle”²²²*. No entanto, o mundo está mais ao menos ordenado, existe uma harmonia na cidade e no mundo, é a *harmonia preestabelecida*. Cada ponto de vista é ocupado por uma mónada, cada mónada tem um ponto de vista que exprime a cidade e que é exprimida pela cidade; a cidade permite ser vista naquele ângulo, daquela forma em função daquele ponto, ponto a partir do qual se vê o que se vê. O que permite a

²²¹ *Critique et Clinique* p. 81

²²² MENGUE Filipe, *Point de vue et espace politique, vers un espace lisse deleuzien*, conférence du 7 aout 2013, Bonnieux. : <http://www.cafe-philos.fr/tag/espace-lisse-et-strie/> (consultado dia 13/10/2014)

harmonia na metafísica de Leibniz é a mónada das mónadas, Deus, que exprime cada mónada, e cada mónada exprime um fragmento dessa super-mónada. A harmonia preestabelecida é assim permitida por Deus arrumando o mundo, estriando o mundo.

*« Et, comme une même ville regardée de différents côtés parait tout autre, et est comme multipliée perspectivement; il arrive même, que par la multitude infinie des substances simples, il y a comme autant de différents univers, qui ne sont pourtant que les perspectives d'un seul selon les différents points de vue de chaque Monade »*²²³

Hoje, poderíamos dizer que a mónada das mónadas seria o Estado que arruma as mónadas com as suas ferramentas e competências: direitos do Homem, contracto social, propriedades, igualdade e liberdade²²⁴. Ao Estado seria necessário juntar as organizações internacionais como o FMI, a NATO, EU, ANASA, etc. Desta forma, o mundo tem vindo a estriar-se, a ser estriado, tal como para os Inuites, com uma codificação dos movimentos, do capital trabalho, da produção de recursos. Essa noção de Estado como mónada das mónadas faz-nos voltar a noções de território de Badie, o território vestefaliano, parecido com o Estado providência (estado tentacular) que tentou definir o espaço em função do poder que tinha nele. Mas pensar assim o território com os seus campos de poder não permite perceber de que forma o espaço (uma cidade por exemplo) se exprime e é exprimido pelo agente.

Se é possível fazer uma viagem de tipo nómada num espaço estriado e seu contrário, é porque é necessário pensar a mónada para pensar o espaço. Pensar em função do Estado ou em função de uma Supra-essencialidade não permite perceber o espaço com suas forças, com seus fluxos, com seus afetos, devires e exceções. É assim que pensa Deleuze. Com base em Leibniz (e Espinosa), o filósofo vai desconstruir a noção de mónada e de indivíduo. Vai, como o disse P. Mengue, guardar “*o individual sem o indivíduo*”. Não há oposição entre o indivíduo e o Estado, existem fluxos, intensidades (virtualmente ativas), multiplicidades, afetos que se podem atualizar no homem ou em organizações sociais. Não existe um indivíduo como substância fechada que tem um ponto de vista e depois outro. O que existe, são intensidades e fluxos que são pré-individuais e que são pré-existentes a esta nova mónada. Intensidades e fluxos

²²³ LEIBNIZ W.G, *Monadologie*, §58

²²⁴ MENGUE Filipe, *loc. cit.*

que se vão atualizar nessa pré-individualidade criando uma subjetividade, uma singularidade. Aparece aqui o devir. O devir é como dissemos a capacidade em tornar-se em virtude de uma multiplicidade. O ponto de vista existe mas já não é o ponto de partida, é uma atualização naquele sítio e naquele momento. O que é que implica as intensidades e os fluxos serem pré-individuais? Implica que a mónada não está fechada mas sim aberta. Ela é uma caixa que recebe fluxos e intensidades e vai-se constituindo, vai criando a sua singularidade múltipla. Uma mónada aberta permite uma atualização constante, infinita; permite criar e imaginar o território, permite exprimir intensidades. As intensidades e os fluxos vêm das instituições e das pessoas, dos afetos, dos barulhos dos carros, da cidade ou das estepes, dos quadros num museu... A posição no espaço social de Bourdieu está sempre a mudar em virtude da constante atuação e atualização do agente. Agente que recebe fluxos de desejo, fluxos de capital, fluxos de cultura estabelecendo um capital económico e um capital cultural. Estabelecendo também um meio que tem intensidades e fluxos próprios que vão ter um impacto na forma como o agente se vai mover (jovem de Anderlecht e jovem de Woluwe-Saint-Lambert). Uma intensidade ou um fluxo é portanto a-subjetivo antes de ser subjetivado num indivíduo ou numa organização social.

Mais uma vez percebe-se que não se pode opor simplesmente o espaço liso e o espaço estriado. Antes pelo contrário, é preciso recorrer ao espaço nómada para pensar o indivíduo num espaço estriado. Para perceber que ele imite intensidades e desejos que se vão atualizar na terra formando um território. O jovem de Anderlecht exprime desejos e intensidades que são próprios ao meio dele, que explicam e conduzem a um movimento restrito na cidade de Bruxelas. Outras intensidades e outros fluxos atravessaram esse jovem fazendo dele um ser singular e aberto para fora. Singular porque ele exprime os seus fluxos de família, de escola, de desejo, de desgosto, de cidade; aberto porque ele é uma “caixa” que pode emitir e receber, dar e guardar intensidades. Não existe ponto de vista estabelecido pois eles estão sempre a mudar em função dos devires de cada agente.

É preciso entender que a atualização de uma intensidade num agente ou num corpo (social, estadual) é justamente o momento criativo. É o momento de desterritorialização. Mas esse momento uma vez atualizado fica de alguma forma

guardado, faz parte da multiplicidade, já é a multiplicidade do agente ou do corpo. Quando Deleuze fala de espaço estriado ele pensa no capitalismo com seu mercado económico que vem codificar tudo como capital, arrumar tudo com funções, ele pensa no estado e na cidade como espaço arrumado e funcional que delimita e regula as funções de cada um. Os territórios no espaço estriado já estão estabelecidos (família, trabalho, desporto) ao contrário do espaço nómada. Há portanto uma criação e uma produção de intensidades mais baixa que no espaço nómada. No entanto, é preciso pensar a singularidade como o momento de entre-expressão, é preciso pensar a cidade que tem a sua subjetividade que é exprimida a um agente. Tal como vimos com K. Lynch, a cidade exprime sempre linhas específicas a todos os agentes independentemente das suas expressões dos espaços ou dos seus imaginários.

Exprimir o espaço é portanto o resultado de intensidades e fluxos que atravessam um corpo e que se atualizam nesse corpo. Podem ser intensidades entre agentes, entre um agente e uma cidade, entre dois corpos não humanos. As intensidades podem vir da terra como de um meio ou de um território já estabelecido. Esse meio é um ambiente, uma singularidade própria, uma multiplicidade que se exprime e que é exprimida. Ver um certo espaço desta forma, como um meio que tem nele multiplicidades intensivas, permite perceber pontos comuns entre os jovens de Anderlecht, os de Etterbeck etc. Permite perceber porque cada jovem que viveu num meio parecido “recebeu” intensidades próprias daquele ambiente. Voltamos à noção de senso comum e de espaço social. Dois agentes situados lado a lado no espaço social de Bourdieu receberam expressões e imitaram expressões parecidas daquele ambiente, daquele território e daquela terra. É com o conceito de ambiente e de atualização que Deleuze e Guattari dizem: “*on demande en quel sens la Grèce est le territoire du philosophe ou la terre de la philosophie*”²²⁵.

Pensar no espaço com base na expressão, nas intensidades e nos fluxos antes, durante e depois da expressão, permite perceber que o espaço não é só um movimento real mas é constituído também por um imaginário:

²²⁵ DELEUZE G., GUATTARI F., *Qu'est-ce que la philosophie*, op.cit. p 82

“De ce point de vue, il ne semble pas que le réel et l’imaginaire forment une distinction pertinente. Un voyage réel manque par lui-même de la force de se réfléchir dans l’imagination ; et le voyage imaginaire n’a pas par lui-même la force, comme dit Proust, de se vérifier dans le réel. »²²⁶

Podemos voltar a primeira citação deste subcapítulo:

“La carte exprime l’identité du parcours et du parcouru. Elle se confond avec son objet, quand l’objet lui-même est mouvement. Rien n’est plus instructif que les chemin d’enfants autistes tels que Deligny en révèle les cartes [...] »

A cidade tem uma subjetividade e o agente que a percorre também. Mais uma vez, há uma entre-expressão dos dois num e noutro. É por isso que achamos interessante estudar os mapas dos jovens de Bruxelas, mapas imaginários (mentais) que se confundem com o espaço real, que são inseparável do espaço real. Esses mapas exprimem a atualização dos jovens naquele momento, no momento de desenhar os mapas. Exprime a ideia que eles têm da cidade como pode exprimir, com ajuda do espaço social de Bourdieu, a posição que eles têm nela²²⁷. Para Deleuze e Guattari os mapas têm um valor indescritível para uma esquizo- análise²²⁸. Para nós as cartas são analisadas apenas para mostrar que existe claramente um imaginário territorial. Imaginário que é tão forte como o espaço real. Espaço real que dá força ao imaginário. De outra forma: o real tem as suas intensidades e permite ao homem atualizar-se também em função do seu imaginário e dos seus afetos. Permite ao homem desterritorializar-se, criar (escrita, impressora) em função de um imaginário. Enfim, permite ao homem um infinito “tornar-se”.

Há dois espaços, o liso e o estriado, mas esses dois espaços existem ao mesmo tempo, um precisa do outro. Esses espaços têm propriedades que os definem, linhas que os constituem, mas essas linhas não os fecham dentro de uma concepção rígida. Há vários tipos de desterritorializações que mudam o homem e a terra, o homem e o

²²⁶ DELEUZE G. , *Critique et clinique*, op.cit., p 83.

²²⁷ Vimos que os jovens de Anderlecht têm tendência para apenas desenhar o bairro deles enquanto os outros (Woluwe-Saint-Lambert e Etterbeek) jovens têm um conhecimento e uma mobilidade maior da/cidade.

²²⁸ A esquizo-análise de Deleuze e Guattari é um dos conceitos centrais da obra *schizophrénie et capitalisme* que remete a uma crítica e solução contra a psicanálise dominante (Freud, Lacan).

território. Elas são o movimento criado pelas atualizações do homem, pelas expressões do homem e pelas expressões que atravessam o homem. Essas atualizações permitem uma criação, uma invenção. Criação que só é possível com um imaginário e com o espaço real, que só é possível considerando a cultura e a natureza como o mesmo processo, como o mesmo movimento. Para criar e necessário desejar um momento criativo, é necessário entender o desejo como processo maquínico de produção.

CAPITULO IV

Território e desterritorialização: agenciamentos e multiterritorialidade.

Para entender o que é o território de um agente é preciso entender como ele age nesse território. Quando se descreveu o espaço liso e o espaço estriado, mostrou-se que existe um espaço que define os agentes, que os arruma e que determina os seus movimentos. Para o espaço estriado, como o da cidade, essas linhas são métricas, mensuráveis, e os movimentos dos agentes nele estão condicionados pelas ruas, pontos de referência, limitações que já dão uma direção ao agente (para apanhar tal metro mais próximo é tal distância, atravessar tais ruas...). Aqui, como vimos, os trajetos são dependentes dos pontos. O espaço liso, pode ser um espaço não dirigido e dirigido (arquipélagos ou estepes) mas essa direção não está predefinida pelo espaço, ela acontece ao mesmo tempo que os agentes se atualizam em função das suas necessidades, intensidades e afetos. Os pontos são dependentes dos trajetos.

Neste capítulo vamos concentrar-nos no espaço estriado, pois ele é o que melhor representa a cidade e a nossa sociedade moderna (pós-moderna). No entanto, temos que ter em conta o que foi dito anteriormente, ou seja, que o espaço estriado e o espaço liso estão entrelaçados um no outro, de tal maneira que os movimentos dos agentes não são apenas definidos pelo arrumo do espaço mas também pelo imaginário destes (viajar no espaço estriado de forma nómada).

Vamos agora tentar esboçar uma forma de descrever o território. Não tanto para fechar o território numa nova definição mas justamente para deixar a noção de território aberta. A ideia com a qual ficamos é que não existe apenas um território para um agente mas vários. O território pode ser definido como uma singularidade mas apenas considerando que há uma multiplicidade de territórios. Na verdade, consideramos que há uma multiplicidade de territórios que são eles próprios multiplicidade em virtude das suas capacidades em desterritorializarem-se. No Brasil vários autores pensam a multiterritorialidade desde os anos 2000²²⁹. Há vários territórios entrelaçados uns nos outros, não como uma pirâmide com vários andares, pois nenhum território tem supremacia sobre o outro, mas como um rizoma, como uma rede, como um agenciamento. Contudo, e com ajuda de Deleuze, vamos tentar a) especificar o que entendemos por território numa visão micropolítica (espaço vivido); Para depois b) pensar o território de uma forma ampla e geral para entender a (nossa) sociedade (macropolítico). As concepções micropolíticas e macropolíticas são inseparáveis uma da outra.

1) Uma concepção micropolítica do território.

Podemos definir um agente ou um grupo de agentes como seres constituídos por linhas de vários tipos. Mais uma vez temos que usar o pensamento de Deleuze para entender essas linhas:

“Individus ou groupes, nous sommes fait de lignes, et ces lignes sont de nature très diverse. La première sorte de ligne qui nous compose est segmentaire, à segmentarité dure (ou plutôt il y a beaucoup de ligne de cette sorte) ; la famille-la profession, le travail-les vacances ; la famille-et puis l'école-et puis l'armée- et puis l'usine-et puis la retraite. [...]. En même temps, nous avons des lignes de segmentarité beaucoup plus souples, en quelque sorte moléculaires. Non pas qu'elles soient plus intimes ou personnelles, car elles traversent les sociétés, les groupes autant que les individus. Elles tracent de petites modifications, elles font des détours, elles esquissent des chutes ou des élans. [...] Il se passe beaucoup de chose sur cette seconde sorte de lignes, des devenirs, des micro-devenirs, qui n'ont pas le même rythme que notre « histoire ». [...] Et en même temps encore, il y a comme une troisième sorte de ligne, celle-là encore plus étrange : comme si quelque chose nous emportait, à travers nos segments, mais aussi à travers nos seuils, vers une destination inconnue, pas prévisible, pas

²²⁹ Ver os trabalhos de Rogério Haesbaert muito influenciado por Deleuze.

préexistante. Cette ligne est simple, abstraite, et pourtant c'est la plus compliquée de toutes, la plus tortueuse : c'est la ligne de gravité ou célérité, c'est la ligne de fuite et de plus grande pente. [...] Cette ligne à l'air de surgir après, de se détacher des deux autres, si même elle arrive à se détacher. Car peut-être il y a des gens qui n'ont pas cette ligne, qui n'ont que les deux autres, ou qui n'en n'ont qu'une, qui ne vivent que sur une »²³⁰

Estas *linhas de segmentaridade*²³¹ definidas por Deleuze em *Dialogue* são de três tipos: 1) as linhas de segmentaridade duras ou brandas; 2) as linhas de segmentaridade flexíveis ou moleculares e 3) as linhas de fuga.

As três linhas que Deleuze propõe para explicar o homem e os grupos estão entrelaçadas umas nas outras. Não existe uma hierarquia de umas linhas perante as outras. 1) As linhas *duras* são as linhas do nosso mundo moderno, da cidade, do espaço estriado, são as linhas que nos atravessam e que definem o território onde estamos, a nossa posição nesse território. É o que Bourdieu chama os *campos sociais*, é onde se situa o jovem de Anderlecht ou de Etterbeck quando está com a família, com os amigos. Estas linhas são duras porque definem um agente: ter tal posição na família ou no trabalho, ou nos dois (filho estudioso, pai alcoólico, mãe funcionária); dura também porque é onde um agente passa a maior parte do tempo, está sempre a territorializar-se de um para outro, a desterritorializar-se da família para escola para reterritorializar-se na família. Estas linhas são as mais visíveis no espaço real. 2) As segundas linhas, as linhas de segmentaridade flexível ou molecular são, como diz Deleuze, *micro-devires*. Micro porque não permite ao agente sair completamente das suas linhas duras. Estas linhas são uma emoção, uma intensidade que contorna durante um tempo as linhas de segmentaridade dura. Pode ser um micro-afeto da cidade, uma rapariga na rua, ou um livro específico que faz sair o agente da “sua zona de conforto”. É já um momento criativo que está dentro de nós e em relação ao território. Quando os jovens de Anderlecht se aventuram nos “bairros flamengos” é uma linha flexível, uma saída do seu território; é um momento criativo porque as emoções exprimidas do jovem serão inéditas, novas. 3) As linhas de fuga são as de desterritorialização absoluta²³², são as

²³⁰ Deleuze G, PARNET C., *Dialogues*, Flammarion, 1977 p.151-152

²³¹ Palavra traduzida do francês *segmentarité*. Qualidade de ser segmentar, de atravessar o homem. Metaforicamente podemos dizer que o homem anda numa linha de *segmentaridade*, que respeita essa linha (rotina);

²³² Veremos mais adiante a noção de desterritorialização absoluta.

linhas que tem a ver com o pensamento, é um momento criativo por excelência que pode ser atualizado num determinado ambiente (criação da escrita).

Estas três linhas separadas *em direito* permitem distinguir metaforicamente três tipos de movimento de forma ampla. O sedentário e o seu espaço estriado remete a uma linha branda ou dura; o migrante remete a uma linha molecular ou flexível; o nómada e seu espaço liso remete a uma linha de fuga²³³. Cada agente tem um potencial de sedentário, de migrante e de nómada (devir).

A primeira linha de segmentaridade dura é a que define melhor um agente num espaço social (ser de tal família, tocar tal instrumento, jogar tal desporto). Mas essa linha é inseparável das duas outras: as três linhas definem-se umas às outras. Um agente vem de um certo meio (linha dura: posição no espaço social de Bourdieu), mas também se define em função de curiosidades e desejos que compõem a sua singularidade, a sua linguagem, os seus afetos e desejos. O que podemos chamar ambiente ou território de um agente é portanto um agenciamento que define e é definido por estas três linhas.

Vamos concentrar-nos em duas noções: o agenciamento que define de forma ampla o território ou ambiente de um agente; e o desejo que remete a algo ligado ao imaginário deste. É preciso entender, tal como Deleuze entende no seu pensamento, que estas duas noções acontecem ao mesmo tempo, estão sempre a acontecer, constituem um rizoma e são um rizoma.

O que é um agenciamento? Um agenciamento dentro do qual um agente se insere diz Deleuze, contém quatro pontos essenciais: 1) um estado de coisas [*états de choses*] que convém ao agente (gostar de tal café, de tal cinema, de tal carro); 2) um enunciado [*énoncé*] que remete à maneira de falar, de se exprimir, de desenhar. Cada pessoa tem uma forma de falar diferente, que lhe é específica mas também que é determinada – e determina – um ambiente. Falar com amigos no café, ou com estrangeiros, em família ou no trabalho. Cada ambiente tem seu estilo de enunciação; 3) um território: entrar numa sala e escolher o sítio onde nos sentimos mais confortáveis. Ou um animal que escolhe um canto para se deixar morrer (território da morte); 4) um processo de

²³³ HAESBAERT R., *O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006, p. 116

desterritorialização, sair da sua “zona de conforto”, das suas linhas duras. É neste todo (agenciamento) que o desejo flui.

Podemos arrumar estes quatro pontos de forma diferente: um agenciamento tem 3) um território porque existe um 1) estado de coisas e um 2) estilo de enunciação. Esse território é inseparável de um 4) processo de desterritorialização. É a desterritorialização como movimento criativo que permitiu entrar nesse território (reterritorialização) e que permite sair desse território (família para trabalho). O agenciamento e seus quatro pontos é o que entendemos por território. Tudo está entrelaçado. Ou seja, um agenciamento não tem um território no qual existe um estado de coisa e um estilo de enunciação; mas é porque um agenciamento tem corpos (corpo da terra, corpo do homem, dos animais, técnicas), estilos de enunciação e estado de coisas que há território, que há, por assim dizer, uma simbiose.

O que é um desejo? O desejo flui dentro de um agenciamento tal como o atravessa, ele produz e modifica um agenciamento. No filme *l'abécédaire de Gilles Deleuze*, Deleuze define o desejo jamais como uma relação de um indivíduo que deseja um objeto: “*desejo uma mulher, uma viagem, isto ou aquilo*”.²³⁴ Não se deseja uma coisa, ou apenas um conjunto de coisa, mas num conjunto, numa paisagem, num agenciamento: “*Não desejo uma mulher mas também a paisagem que está envolta nessa mulher*”; “*Quando uma mulher quer tal vestido, não é de forma abstrata, existe uma paisagem, um agenciamento; querer tal vestido para tal festa, com tal pessoa, em função de tal profissão*”²³⁵. Os desejos correm – fluem – num agenciamento. O desejo é um construtivismo no sentido de construir pois desejar é construir um conjunto, é construir um agenciamento²³⁶. O desejo é portanto uma fábrica produtiva que constrói ligações, agenciamentos, que constrói territórios.²³⁷

O território de um agente é portanto um agenciamento no qual ele se insere. Esse agenciamento é composto de vários territórios que definem o agente, ou seja, que define os desejos de um agente em função das forças relativa de cada um desses territórios

²³⁴DELEUZE G, PARNET C., *Abécédaire de Gilles Deleuze, lettre « D » de désire*, Youtube.com

²³⁵ *Ibid.*

²³⁶ *Ibid.*

²³⁷ Deleuze diz estar contra a posição psicanalítica porque não considera o desejo como um teatro (Édipo) mas como uma fábrica, no sentido de produção, o desejo produz e não cessa de produzir. *idem*

(vida familiar forte, muito trabalho, desportista). As linhas flexíveis e de fuga podem ser vistas como desejos que o agente tem num determinado ambiente e que vão modificar esse ambiente pelas suas atualizações. É dentro de um ambiente que o agente age, se move e pensa. Esse ambiente é composto por linhas duras que definem o agenciamento, mas é composto também por outras linhas que permitem arrancar o agente ao seu ambiente (ler um livro e imaginar-se na paisagem desse livro, com o herói desse livro). O território visto como agenciamento é portanto um *multiterritório* mas é um multiterritório aberto que permite ao agente passar de um a outro território. De facto, um agenciamento tem nele um processo de desterritorialização que implica uma reterritorialização noutra lugar. Estas noções obrigam-nos a não considerar o território como algo de fixo, de fechado, ou de já estabelecido mas como um processo sempre em construção. É em virtude da desterritorialização que um agente pode passar do ambiente familiar para o ambiente de trabalho e reterritorializar para a família. Pensar o território implica pensar o movimento de des-re-territorialização pois é este movimento que permite a conexão entre os vários territórios que compõem um agenciamento.

Quando falamos do desejo como possibilidade de criação de determinado território ou como possibilidade de modificar um ambiente estabelecido é para mostrar que ele é um processo criativo: desejo tal instrumento, para ouvir tal som, tocar em tal café, com tais pessoas presentes. Esse desejo é portanto a criação de um território no imaginário de um determinado agente. Esse território existe em potência e pode ser atualizado: comprei o tal instrumento, ouvi o tal som, no tal café, com as tais pessoas. Mas pode também nunca ser atualizado e ficar apenas no imaginário. O desejo vai assim condicionar as ações e as relações do homem num certo espaço: para comprar tal instrumento é preciso ir a tal loja, falar com tal pessoa; no bar, tocar tal instrumento leva-me a falar com tais pessoas etc. Parece aqui que o imaginário pode ser atualizado no espaço real mesmo se pode existir uma diferença entre o desejo e atualização desse desejo no espaço real: imaginar tal som para tal instrumento, aperceber-se que esse som é diferente no espaço real. Acreditamos portanto que existe um território imaginário que pode ser territorializado (objetivado) no espaço real. Essa territorialização implica forçosamente um torna-se (devir) do agente: comprar tal instrumento e tocá-lo em tal bar implica um tornar-se músico. O espaço vivido do agente é, nesse momento, o território do bar onde ele toca.

O desejo produz e é produzido pelo agenciamento no qual um agente se insere. A conexão entre o território do imaginário (desejo criativo) com o do espaço real permite a esse imaginário ser atualizado ou não, ser territorializado ou não. Da mesma forma que a passagem de um ambiente familiar com seu estilo de enunciação para o trabalho com seu estilo de enunciação só é possível porque existe um processo de des-re-territorialização num multiterritório. É preciso entender o território como um rizoma, uma rede, mas uma rede aberta que permite passar daqui para ali e voltar par aqui. O território é móbil porque os agentes se movem nele, mas também porque o mutliterritório se move passando de um ambiente para outro.

Até agora falámos do território como um agenciamento que tem estilos de enunciações e estado de coisas no qual o desejo flui. A esse agenciamento é preciso acrescentar que outras linhas que são de tipo macropolítico o atravessam: linhas da cidade, do estado, do capital. Só descrevendo o território de forma macropolítica é que podemos percebê-lo de forma micropolítica pois os dois estão interligados.

2) Uma conceção macropolítica do território e da sociedade.

Definimos um agente ou grupo pelas linhas que os atravessam. Destacamos três tipos de linhas: linhas de segmentaridade dura ou branda, linhas de segmentaridade flexíveis ou moleculares e linhas de fuga. Na verdade um agente, um grupo ou até uma sociedade são atravessados por uma multitude de linhas que permitem as ações e as atualizações destes no cosmos, tal como permitem definir em que tipo de sociedade estamos inseridos. Essas linhas são de naturezas diversas: políticas, económicas, sexuais...etc. Cada uma delas se pode atualizar num agenciamento em função desse agenciamento, ou seja, cada linha se reflete num corpo de uma determinada forma em função do ambiente no qual esse corpo está inserido. É por essa razão que se pode fazer a diferença entre uma sociedade primitiva, despótica ou capitalista. É por essa razão também que os jovens de Anderlecht não se movimentam – não agem – da mesma forma que os jovens de Woluwe-Saint-Lambert: as atualizações nos corpos deles se

fazem de forma diferente porque eles estão inseridos em determinados agenciamentos, num determinado ambiente.

Definimos as características principais de um agenciamento no qual um individuo se insere numa conceção micropolítica. Podemos fazer fluir (com as devidas alterações) esses quatro pontos para entender o que é um agenciamento de forma mais ampla, de forma macropolítica. É o que faz R. Haesbaert quando pergunta, com influência de Deleuze, como se constrói um território. 1) Existem uns *agenciamentos maquínicos de corpos* que são um estado de coisas que remetem à presença e a conexão entre os corpos da terra, dos animais, dos homens, das técnicas²³⁸. Esse estado de coisa é específico de uma sociedade determinada (a nossa sociedade é composta por pessoas, carros, tecnologia de ponta, transportes públicos etc.). Deleuze dá, entre outros, o exemplo do regime feudal:

“On considèrera les mélanges de corps qui définissent la féodalité : le corps de la terre et le corps social, le corps du suzerain, du vassal, du serf, le corps du chevalier et celui du cheval, le nouveau rapport dans lequel ils entrent avec l'étrier, les armes et les outils qui assurent les symbioses de corps – c'est tout un agencement machinique »

2) Aos agenciamentos maquínicos de corpos é preciso juntar os *agenciamentos coletivos de enunciação* que enunciam os símbolos, o falar, o escrever, os códigos (brasões) etc.. Para continuar o exemplo, Deleuze escreve:

“ Mais aussi les énoncés, les expressions, le régime juridique des armoiries, l'ensemble des transformations incorporelles, notamment les serments avec leurs variables, le serment d'obédience, mais aussi le serment amoureux, etc. : c'est l'agencement collectif d'énonciation. »

1) e 2) Os agenciamentos coletivos de enunciação não são apenas a expressão dos agenciamentos maquínicos de corpos. Como sempre neste pensamento, não há uma hierarquização de um para outro, ou pior, uma separação dicotómica e de determinação. O que acontece é que os agenciamentos coletivos de enunciação vão “pausar”, “atualizar” nos agenciamentos maquínicos de corpos permitindo uma simbiose. Com estes dois agenciamentos já podemos falar de território dentro de uma sociedade

²³⁸ HAESBAERT R. *op. Cit.*, p. 7

determinada que tem corpos como conteúdo e estilos de enunciação como expressão (dizemos que tal livro é de tal século por ser escrito de tal maneira²³⁹). Esse território (multiterritório) também é um agenciamento pois é composto dos vários territórios micro que têm os seus próprios agenciamentos (a classe burguesa e seus agenciamentos, a classe proletária e os seus agenciamentos por exemplo). Nestes termos, uma sociedade é composta de vários territórios, ela também é uma multiterritorialidade²⁴⁰.

Podemos usar o termo de Deleuze e dizer que uma sociedade é composta por um *socius**. O *socius* «*não é a sociedade mas uma instância social particular que desempenha o papel de corpo pleno. Todas as sociedades se apresentam como um socius ou corpo pleno nos quais fluem fluxos de diversas naturezas e onde são cortados*»²⁴¹. Este *socius* é um corpo (social) no qual se inscrevem os agenciamentos, ele é pleno porque representa todos os *atributos* de uma instância social determinada. É particularmente difícil entender este termo de *socius* pois ele é uma metáfora que diz respeito a um *corpo* como superfície ou corpo sem órgão* de uma instância social (global). Instância *social* significa portanto uma instância que já tem uma simbiose (social) que lhe é própria, com seus agenciamentos (maquínicos de corpos e coletivos de enunciação), suas relações, ações e particularidades.

Uma sociedade como instância social global é constituída por instâncias sociais (relativas) diversas, essas instâncias relacionam-se entre elas pelos padrões específicos do *socius* dessa sociedade²⁴². Cada sociedade tem corpos, códigos e particularidades que lhe são específicas, de tal modo que é possível distinguir as linhas duras de uma sociedade em relação a outra. É possível realçar as relações que uma sociedade tem com seus corpos (corpo do homem, do estado, corpo da terra) e com suas instâncias sociais num período determinado. É possível também perceber como é que uma sociedade passa de uma para outra, se desterritorializa de uma para outra. Existem sempre momentos incertos, quase incompreensíveis, mas há em cada sociedade e em cada

²³⁹ O modo epistolar de Montesquieu e do seu tempo por exemplo.

²⁴⁰ Termo de Rogério HAESBAERT.

²⁴¹ DELEUZE Gilles, *cours de Vincennes 14/12/1972* <http://www.webdeleuze.com/php/sommaire.html>

²⁴² É preciso notar que “instância social” é a única forma de traduzir *instance social*. Quando Deleuze fala de instância social para definir o que ele intende por *socius* ele pensa numa “instância social global” no qual estão inseridas outras instâncias com seus pesos relativos que interagem entre elas em função da “instância social global”, em função do corpo ou do *socius* de uma sociedade determinada. Em inglês o *socius* é descrito com um *social body*.

período um ambiente específico que permite certas atualizações criativas e destrutivas. É neste sentido que se pensa porquê a filosofia na Grécia naquele momento, porquê a revolução francesa naquele momento. Tem a ver com o *socius*, a terra e os multiterritórios, tem a ver com o pensamento e o desejo criativo ligado a terra e ao multiterritório, enfim, tem a ver com o ambiente.²⁴³

Depois de descrever os agenciamentos maquínicos de corpos e os agenciamentos inseridos num determinado *socius* temos que entender qual 3) 4)²⁴⁴ o processo de desterritorialização destes. Até agora sempre falámos do processo de desterritorialização em sentido amplo.²⁴⁵ Existem duas desterritorializações: a desterritorialização absoluta e a desterritorialização relativa²⁴⁶. A primeira tem a ver com o pensamento, a segunda com o próprio *socius** de uma sociedade.

“Physique, psychologique ou social, la déterritorialisation est relative tant qu’elle concerne le rapport historique de la terre avec les territoires qui s’y dessinent ou s’y effacent, son rapport géologique avec des ères de catastrophes, sont rapport astronomiques avec le cosmos et le système stellaire dont elle fait partie. Mais la déterritorialisation est absolue quand la terre passe dans le pur plan d’immanence d’une pensée – Etre, d’une pensée – Nature aux mouvements diagrammatiques infinis. »²⁴⁷

Não se pode separar as duas desterritorializações, elas fazem parte de um conjunto rizomático, de uma multiplicidade. A desterritorialização absoluta é o momento criativo, é o desejo como máquina produtiva, é o imaginário que se aventura para lá do seu território. Para Deleuze pensar é criar, e para criar é preciso sair do seu território, a criação só é possível com uma saída dos agenciamentos que definem o território.²⁴⁸ Já

²⁴³ Portanto o território ou multiterritório de uma sociedade não é definido apenas pelo Estado como no pensamento de Badiou mas pelos agenciamentos maquínicos de corpos e de estilos de enunciação. As características desses agenciamentos, a maneira como eles se conectam é que define o território de uma sociedade.

²⁴⁴ 3) e 4) são a terceira e quarta característica de um agenciamento segundo Deleuze : Desterritorialização implica uma reterritorialização, ou seja uma entrada num território.

²⁴⁵ Vamos destacar duas desterritorializações que são definidas pelo próprio Deleuze. A linha de fuga é a linha que permite um processo de desterritorialização. Como vimos, este processo tem nele uma reterritorialização. Este outro lugar pode ser o mesmo no caso dos nómadas: reterritorialização na própria desterritorialização (ver Capítulo 3)

²⁴⁶ Aqui estamos a seguir o modelo de Haesbaert analisa geograficamente as conceções de desterritorialização relativa e absoluta.

²⁴⁷ DEULEUZE G., GUATTARI F. *Qu’est-ce que la philosophie, op. cit.*, p. 85

²⁴⁸ Portanto criar é também criar novos agenciamentos maquínicos de corpos e agenciamentos coletivos de enunciação

falamos desta desterritorialização na conceição micropolítica do território (IV.1), vamos agora concentrar-nos na segunda. A desterritorialização relativa é a saída do *socius* de uma sociedade determinada.

O que nos interessa aqui não é apenas como se constitui um território mas também que tipo de processo é o processo de desterritorialização.

Deleuze e Guattari definem três tipos de sociedades diferentes, cada uma tem seu *socius* - corpo pleno -, o seu sistema de códigos, de sinais, de filiações. Vamos rapidamente passar pelas três sociedades para entender como podemos entender a nossa sociedade de forma “territorial”.

A primeira sociedade é a *máquina social primitiva* que tem uma relação forte com a terra. Considerando as leituras de Deleuze e Guattari sobre as sociedades primitivas o *socius* ou corpo pleno desta sociedade é a terra porque tudo é feito em função da terra, é portanto a única máquina social realmente territorial (no sentido de estar ligado à terra)²⁴⁹. Voltamos à noção de *absoluto local* do espaço liso: tudo acontece *aqui*, com as intensidades que a terra oferece. Os ritos de iniciação fazem-se pela produção de marcas no corpo que estão ligadas aos clãs, eles próprios ligados a terra. (a certas zonas divinas e encantadas da terra).²⁵⁰ O sistema de filiação pode ser rígido (arborescente) e dividido mas é dividido em função da terra indivisível²⁵¹. O *socius* está ligado à terra porque é a terra que distribui os homens no seu corpo, é ela que dirige os homens em função das suas intensidades. Vimos com os Inuites que os “grandes homens” são os “homens do território”.²⁵² É uma sociedade que tem em predominância um espaço liso²⁵³, é uma

²⁴⁹ DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie, L'Anti-Œdipe*, Les éditions de Minuit, Paris 1972 p. 166

²⁵⁰ Escarificação, excisão, decorações diversas na pele.

²⁵¹ CAEYMAEX F., *Capitalisme et schizophrénie*, communication présentée aux ateliers de Master de Philosophie à l'université de Poitiers, Poitiers, 2-3 décembre 2005, p.10

²⁵² O que diz Deleuze é que o próprio *socius* desta sociedade conjura o estado, impossibilita a aparição do estado. Impossibilita-o porque a relação de produção, de filiação e de aliança impede a concentração de um poder centralizado (estado) e impede uma aliança de fluxos de comércio (dominância económica)²⁵². Para Deleuze o *socius* desta sociedade é *críptico*, dá uma grande importância aos sinais e códigos mais do que à produção e aos fluxos de poder: « *La machine primitive n'ignore pas l'échange, le commerce et l'industrie, elle les conjure, les localise, les quadrille, les encaste, maintient le marchand et le forgeron dans une position subordonnée, pour que des flux d'échange et de production ne viennent pas briser les codes [...].* »

²⁵³ Vimos que os nómadas podem ser considerados os que não se mexem, que não querem sair de um espaço nómada.

sociedade territorial porque a terra é donde tudo vem, é o corpo pleno. De tal forma que à primeira desterritorialização relativa (do socius) vem de fora, vem das cidades bárbaras ou despóticas (Impérios)²⁵⁴. Isto é, com as sociedades despóticas a terra-divindade das sociedades primitivas é desterritorializada para um novo socius, para um socius despótico. Aqui os agenciamentos maquínicos de corpos e de enunciação são alterados e sobre-codificados. A organização administrava, fundiária, residencial e comercial é quem divide a terra, tudo em relação a uma “megamáquina” despótica, um Deus²⁵⁵. Passou-se de um socius com filiações e alianças horizontais para algo de vertical e de mais estriado. Aqui as produções foram desterritorializadas da terra para serem reterritorializadas no corpo do déspota que assume toda a produção. Houve uma reterritorialização de uma máquina despótica que sobre-codificou os agenciamentos da máquina primitiva. Deleuze e Guattari escrevem: “*Quando a divisão se refere à própria terra devida a uma organização administrativa, fundiária e residencial, não podemos ver nisso uma promoção da territorialidade mas, pelo contrário, o efeito do primeiro grande movimento de desterritorialização nas comunidades primitivas. A unidade imanente da terra como motor imóvel é substituída por uma unidade transcendente de natureza muito diferente que é a unidade do Estado: o corpo pleno já não é o da terra, mas o déspota, o Inengendrado*²⁵⁶, *que se ocupa da fertilidade do solo como da chuva do céu e da apropriação geral das forças produtivas*”²⁵⁷. Portanto, se seguirmos este processo, e é isto que queremos mostrar com ajuda de Deleuze e Guattari : o Estado não aparece com uma territorialização cada vez mais apurada mas sim com um processo de desterritorialização que permite uma reterritorialização. O Estado é o produto do movimento do território que está sempre a sair e a entrar em novos territórios.

Para o capitalismo, a terceira sociedade estudada por Deleuze, o processo de desterritorialização é ainda mais violento:

²⁵⁴ DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et scizophrénie. L'Anti-Œdipe. loc. cit.*

²⁵⁵ HAESBAERT R., *op. Cit.* p. 133

²⁵⁶ Que não engendrado, aqui : Deus.

²⁵⁷ De DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et scizophrénie. L'Anti-Oedipe. Op.cit.* traduzido por HAESBAERT R., *loc. Cit.* (*The body of the despot as imperial socius means that workers are the “hands” of the emperor, spies are his “eyes”, and so on.* Stanford encyclopedia of philosophie, Gilles Deleuze : 4.1 Anti-Oedipus, <http://plato.stanford.edu/entries/deleuze/>, 01/08/2014)

« *Le capital comme socius ou corps plein se distingue donc de tout autre en tant qu'il vaut par lui-même comme une instance directement économique, et se rabat sur la production sans faire intervenir de facteurs extra-économiques qui s'inscriraient dans un code* »²⁵⁸

O socius aqui já não é nem o da terra nem o do Déspota, mas o do capital que codifica tudo. Capital que está sempre a codificar, que não cessa de codificar todos os fluxos que o atravessam, criando incessantemente novos agenciamentos maquínicos de corpos e novos agenciamentos coletivos de enunciação. Mas aqui o capitalismo é particular porque ele não mantém as filiações e as alianças como foi feito entre a sociedade primitiva e despótica (filiação familiar (primitivo) e modos de produções corporativos/familiares (déspota)), nem sequer mantém uma relação com a terra. Com o capitalismo tudo é desterritorializado, descodificado, desmantelado para algo de mercantil, de privado e de económico (trabalhador, máquinas, técnicas, modos de produção):

*“ No Capital, Marx mostra o encontro de dois elementos “principais”: dum lado, o trabalhador desterritorializado, transformado em trabalhador livre e nu, tendo para vender sua força de trabalho; do outro, o dinheiro descodificado, transformado em capital e capaz de a comprar. Estes dois fluxos, de produtores e de dinheiro, implicam vários processos de descodificação e de desterritorialização com origens muito diferentes. Para o trabalhador livre: desterritorialização do solo por privatização, descodificação dos instrumentos de produção por apropriação; privação dos meios de consumo por dissolução da família e da corporação; por fim, descodificação do trabalhador em proveito do próprio trabalho ou da máquina. Para o capital: desterritorialização da riqueza por abstração monetária; descodificação dos fluxos de produção pelo capital mercantil; descodificação do Estado pelo capital financeiro e pelas dívidas públicas, descodificação dos meios de produção pela formação do capital industrial etc.”*²⁵⁹

O capitalismo é assim um produtor de desterritorializações que reterritorializa tudo em forma de capital. Os fluxos que definem o *socius* são fluxos de capital que desmantelaram as sociedades despóticas e que desmantelam as competências do Estado. Quando B. Badie falava da crise do princípio de territorialidade como sintoma de fluxos

²⁵⁸CAEYMAEX F., *Capitalisme et schizophrénie*”, communication présentée aux ateliers de Master de Philosophie à l’université de Poitiers. op.cit. p. 13 (citação de usada de DELEUZE g. GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie. L’Anti-Œdipe*. p. 65

²⁵⁹HAESBAERT R., op.cit, p. 137-137

que atravessam e quebram o território do Estado é justamente porque o capitalismo se alimenta de desterritorializações que entram em “colisão” com uma visão de um Estado regulador e fechado. Podemos dizer que o capitalismo com seu capital é a « *energia cosmopolita universal que reverte todas as barreiras e todas as ligações para se estabelecer como única universalidade, a única barreira, a única ligação.* »²⁶⁰

Como definir então o território na nossa sociedade ? A sociedade capitalista com o Estado é produtora de desterritorializações e desejos, ela define-se pela desterritorialização. Os seus agenciamentos maquínicos de corpos são constituídos por milhares de objetos, de tecnologias de ponta, de transportes eficazes que permitem uma facilidade grande para a deslocação e para conexão entre os corpos. Os agenciamentos coletivos de enunciação são as novas maneiras de se exprimir com ou sem as novas tecnologias (mensagens instantâneas com novas semióticas). A particularidade desta sociedade é ser ao mesmo tempo um espaço liso e um espaço estriado, ela é ao mesmo tempo um rizoma e uma árvore-raiz. As novas tecnologias e os meios de transportes permitem alimentar os imaginários dos agentes com as intensidades das viagens e com a facilidade que eles têm a aceder às informações, às imagens. Permitem portanto criar um infinito de territórios novos, de devires novos, e de se movimentar em qualquer lugar (nómada) como no espaço liso para atualizar os desejos. No entanto tudo é codificado, registado, qualquer movimento é desterritorializado para ser reterritorializado em código ou em capital: há um controlo do movimento que estria o espaço pela constante codificação²⁶¹. A sociedade capitalista tende a ser um espaço *absoluto global*: tudo pode acontecer aqui ou noutra lugar mas da mesma maneira. Absoluto global porque os fluxos do capital atravessam o cosmos da mesma forma com os mesmos propósitos: codificar. Seria portanto um território com tendência a ser cada vez mais homogêneo que estria o espaço e os indivíduos. É um espaço de apropriações e de pontos que delimitam os trajetos e os agentes, mas é um território-rede que permite uma ultra-mobilidade. Esse território-rede seria algo que também podemos chamar de multiterritorialidade e que dá mais importância ao movimento (de des-territorialização) do que a um território específico: é um espaço móbil.

²⁶⁰ RATAILLE D., *op.cit.* p. 88-108

²⁶¹ *Ibid.*

Esse território-rede tem nele uma multitude de agenciamentos que estão todos ligados entre eles. Se o espaço é de tipo *global absoluto* é porque tudo o mundo está ligado com todo o mundo, implicando que o agente está aberto ao mundo e age em função desse mundo. Qualquer agente exprime-se ao mundo é e exprimido pelo mundo.

Ao juntar a concepção micropolítica e macropolítica do território apercebemo-nos que elas estão intimamente ligadas uma com a outra. Se o *socius* da sociedade capitalista é o capital, ele também é o corpo no qual os agenciamentos territoriais de cada agente se inserem. A sociedade capitalista e o Estado podem ser considerados como produtores de desejos pela produção sempre maior de produtos e pela visibilidade desses produtos no mercado; mas eles são sobretudo uma sociedade de segmentaridade dura pois eles organizam as instâncias sociais em padrões (sobre-codificação da organização social), disciplinam os corpos em virtude de leis e direitos como nenhuma sociedade pré-capitalista o fez: sociedade disciplinar de Michel Foucault que mostrou todos os artefactos nas escolas, nas prisões para disciplinar os indivíduos.

Podemos portanto afirmar que a sociedade dita pos-moderna é um território-rede ou multiterritório que se define por agenciamentos nos quais agentes se inserem e se relacionam (relação). Agenciamentos que estão presentes tanto de uma forma micropolítica como macropolítica e que estão interligados entre eles pelo poder de um movimento dito de desterritorialização. Esse movimento é um momento criativo porque o agente está num constante tornar-se em virtude dos seus desejos, imaginários e ações que modifica o agenciamento onde se insere (criando um novo agenciamento) ou modificando o agenciamento no qual se reterritorializa. O agente e o território estão num constante tornar-se.

Síntese.

Definir o território implica compreender como um agente e todos as coisas se inserem num determinado território. Implica portanto ter em conta o movimento de desterritorialização que é inseparável do território, que já é o território. É por esse movimento que houve uma sedentarização dos nómadas e que é possível passar de um ambiente para outro. O território não pode ser pensado como uma singularidade mas como uma multiplicidade, como algo que em potência pode sempre vir a mudar, que está sempre a mudar. No início deste trabalho sublinhámos, com ajuda da visão etológica, que o território é inseparável da ação e da relação dos seres entre eles e com o corpo da terra. Essa relação está intimamente ligada à atualização dos agentes no espaço tal como está ligada ao constante devir dos agentes e do território. Relação também que é inseparável de um ambiente e da posição que se tem nesse ambiente, foi por essa razão que destacámos o espaço social de Bourdieu como um dos pontos de partida da nossa análise. Cada território é um agenciamento diferente, é uma multiplicidade singular que tem corpos (agentes, objetos, organização, estado...) e estilos de enunciação. Cada território fornece a cada agente possibilidades diferentes e posições no espaço social global diferentes; os agentes vão-se atualizar em função dessas possibilidades e dessas posições, em função das particularidades e das intensidades que um determinado ambiente oferece. Pode-se então afirmar que o território é constituído por um corpo, um ambiente, uma estrutura flexível e elástica e um pensamento que produz e é produzido por esse ambiente. A necessidade seria entender o meio entre estes dois termos (ambiente e pensamento), entender que territórios estão em causa e que territórios foi preciso destruir para que uma realidade emerja.

Destacámos também que o território pode ser um território do imaginário, do desejo num sentido amplo. Não desejo uma coisa mas um conjunto de coisas e dentro de um conjunto de coisas, desejo uma paisagem e dentro de uma paisagem. Esse imaginário é o produto do ambiente em volta do agente e da subjetividade do agente que percebe esse ambiente. Foi por essa razão que destacámos o trabalho de K. Lynch que mostra que a cidade se exprime no agente. Foi por essa razão também que destacámos o caso de Bruxelas que mostra que o agente se exprime na cidade e que se move na cidade em função do imaginário que ele tem dela. O desejo é portanto a

criação de um território no imaginário em função do ambiente de quem deseja. Esse desejo é um momento criativo, implica sair de um ambiente para imaginar outro, é uma desterritorialização. Mas é uma desterritorialização que pode ser atualizada no espaço real, que pode ser reterritorializada no espaço real. Com esse movimento é possível explicar as invenções que nos rodeiam, invenções que podem modificar o ambiente estabelecido: o exemplo das técnicas como a escrita ou impressão teve como propósito demonstrar esse movimento. Não se pode então separar o território do imaginário com o do espaço real, eles estão entrelaçados um no outro.

Com estas bases foi possível destacar dois espaços diferentes no pensamento de Deleuze e Guattari: o espaço liso do nômada e o espaço estriado do sedentário. Esses dois espaços foram pensados de forma conceitual para tentar perceber as forças e as intensidades que eles oferecem. Isto é, tentar entender que influência um determinado espaço tem no agente que o percorre e como o agente influencia esse espaço. Percebemos entretanto, pelo pensamento dos dois filósofos franceses, que o espaço liso e estriado se revertem um para outro, se exprimem um no outro. Percebemos também que o agente se exprime no espaço e é exprimido pelo espaço permitindo constante devires, constante atualizações. Um certo espaço, seja ele estriado ou liso, tem forças e intensidades que o caracterizam. Características que permitem pensar no espaço de forma apenas espacial, para entender como essas características fluem nos seres e de que forma os seres são seres espaciais.

Finalmente concentramo-nos mais no espaço estriado porque ele é quem explica melhor a nossa sociedade. Especificamos uma concepção micropolítica e macropolítica do território que estão entrelaçadas uma na outra. Com base no desejo e nas linhas que atravessam qualquer espaço conseguimos explicar que o território de um agente é sempre um multiterritório: o agente passa de um território para outro (casa-trabalho-café). Cada um desses territórios é um agenciamento que tem nele corpos e estilo de enunciações criando assim um ambiente; mas cada território também é inseparável de um movimento de des-re-territorialização que permite passar de um território para outro. Esta constatação levou-nos a falar de território-rede, de rizoma ou de multiterritorialidade. Levou-nos à ideia de Y. Lacoste que dizia que há *sempre e ainda*

mais territórios, e que defendia o método de F. Braudel em estudar o território por ordens de grandezas.

Na concepção macropolítica a constatação é similar. Destacamos com Deleuze e Guattari, que cada sociedade tem um corpo pleno (*socius*) no qual se inserem os corpos e estilos de enunciação. O corpo da sociedade capitalista é o capital que tem como propriedade, como vimos, codificar e sobre-codificar. Portanto que tem a particularidade de desterritorializar tudo criando novos agenciamentos. Essa ultra-codificação leva a pensar que o espaço está cada vez mais estriado e cada vez mais fechado, por outro lado é um espaço de desterritorialização e de movimento. É um espaço móbil que controla e codifica o movimento. Movimento que é possível pelas desterritorializações grandes e pequenas, linhas brandas ou de fuga. Esse movimento constitui o território que conhecemos, esse movimento é territorial. As Grande marcha dos Chineses, os grandes Descobrimentos, os hebreus no deserto, todas a travesseias de barco, a pé, ou a cavalo são “*as grandes aventuras geográficas da história*” (Deleuze). Num espaço móbil o território também é a mobilidade e a relação entre um lugar e outro. Poderíamos levantar uma questão: se a sociedade atual é caracterizada por uma grande mobilidade quem está territorializado é quem pode se movimentar e quem está desterritorializado é quem não tem os recursos para se mover: uma territorialidade do movimento e uma desterritorialidade do imóvel.

Esse espaço móbil levanta outra questão para um futuro trabalho: Se a particularidade do espaço é ser móbil pela movimentação dos agentes inseridos nela como pela constante territorialização, como então representar o espaço com cartografias? As cartografias dão uma representação do espaço como corpo fixo no qual se podem destacar inumeráveis características. Se a particularidade do espaço é o movimento de que outras maneiras se pode representar o espaço? Para responder a essa questão é possível ter que começar por destacar a diferença entre representações do espaço e espaço de representações.

Referências Bibliográficas.

BADIE Bertrand, *La fin des territoires : essai sur le désordre international et sur l'utilité social du respect*, Fayard, Paris, 1995.

BOURDIEU Pierre, *choses dites, 3ème partie, ouvertures, espace social et pouvoir symbolique*, mars 1986.

BOURDIEU Pierre, *3ème partie, ouvertures, espace social et pouvoir symbolique*, mars 1986

BOURDIEU Pierre, *Espace social et genèse des "classes"*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 52-53, juin 1984. Le travail politique.

BOURDIEU Pierre. *Les trois états du capital culturel*. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 30, novembre 1979. L'institution scolaire.

BOURDIEU Pierre, *Raisons Pratiques. Théorie de l'action*, Seuil, Paris, 1994.

CAEYMAEX F., *Capitalisme et schizophrénie*”, communication présentée aux ateliers de Master de Philosophie à l'université de Poitiers, Poitiers, 2-3 décembre 2005,

Centre national de ressources textuelles et lexicales <http://www.cnrtl.fr/etymologie/territoire>,

CLAVAL Paul, *épistémologie de la géographie*, Armand Colin, Nathan, 2001.

COLLOT Michel, *Pour une géographie littéraire*, éditions Corti, 2014.

DELEUZE G, GUATTARI F, *Qu'est-ce que la philosophie*, édition de minuit, Paris, 1991.

DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie, L'Anti-Œdipe*, Les éditions de Minuit, Paris 1972

DELEUZE G., GUATTARI F., *capitalisme et schizophrénie, Milles Plateaux*, Les éditions de Minuit, Paris 1980

DELEUZE G, PARNET C., *Abécédaire de Gilles Deleuze, lettre « D » de désire*, Youtube.com

DELEUZE G, PARNET C., *Dialogues*, Flammarion, Paris, 1977

DELEUZE G., *L'île déserte et autres textes*, Les éditions de minuit, Paris, 2002.

DELEUZE G., *Pourparlers*, Les éditions de minuit, Paris, 1990.

DELEUZE G., *Critique et Clinique*, Les éditions de minuits, Paris, 1993.

DELEUZE Gilles, *cours de Vincennes 14/12/1972*

<http://www.webdeleuze.com/php/sommaire.html>

DI MEO Guy, *Les territoires du quotidien*, Harmatan, Condé-sur-Noireau, 1996.

GRATALOUP Christian, *Géohistoire de la mondialisation, Le temps long du monde*, Armand colin, Paris, 2007.

HAESBAERT Rogério, *O mito da desterritorialização, Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2006.

INTER-ENVIRONNEMENT BRUXELLES, *Jeunes en ville, Bruxelles à dos*. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, 2008

<http://grain-de-geo.ens-lyon.fr/> consultado dia 23/09/2014

JOHNTSON R.J, GROGORY Derek, PRATT Geraldine, WATTS Michael, *The dictionary of Human geography*, Blackwell publishing, 4th edition, 2000, Malden USA.

LEIBNIZ W.G, *Monadologie*, librairie Delagrave, Paris, 1968.

LEVY J., LUSSAULT M., *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*, Belin, 2003.

LEVY J., LUSSAULT M., *Logiques de l'espace, esprit des lieux. Géographies à Cerisy*. Belin, 2000.

LYNCH Kevin, *the image of the city*, Massachussets Institute of Technology, 1960.

MENGUE Filipe, *Point de vue et espace politique, vers un espace lisse deleuzien*, conférence du 7 aout 2013, Bonnieux. : <http://www.cafe-philos.fr/tag/espace-lisse-et-strie/>

N. CLARK Audrey, *Longman dictionary of geography human and physical*, Longman group limited, Harlow UK, 1985

NIETZSCHE, F., *La Naissance de la tragédie enfantée par l'esprit de la musique, œuvres complètes*, Gallimard, 1977.

PITTE J.R, introduction au débat Badie Lacoste, http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/divers08-09/010014865-80.pdf,

PLATON, *le Banquet. Phèdre*, Garnier Flammarion, Paris, 1964,

POULEUR J.L, *image de la ville, durable?*, espace environnement ASBL, 2010

RAMOS Rodrigo, *transformação no conceito de território: competição e mobilidade na cidade*, GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, N° 15, pp. 119 - 126, 2004.

RETAILLE D., *Cartographie participative, Cartographie, quadrillage et ordre sédentaire*, L'information géographique, Armand Colin, Volume 77, décembre 2013

RIVIERE Pierre, *Deleuze cosmopolite* :<http://la-philosophie-est-un-sport-de-combat.over-blog.com/>

ROGER B, Les images de la ville - Raymond Ledrut, Les images de la ville. Paris, Ed. Anthropos, 1973

SAMARAN C., COHEN M., *La grande invention de l'écriture et son évolution*. Paris, Imprimerie nationale et Librairie Klincksieck, 1958. 3 vol. : t. [I]. Texte ; t. [II]. Documentation et index ; t. [III]. Planches. In: Bibliothèque de l'école des chartes. 1960, tome 118. pp. 199-

SERRES Michel, *conferência : les nouvelles technologies : révolution culturelle et cognitive*, INRIA : youtube.com

SERRES Michel, *Petite Poucette*, Le Pommier, 2012.

SIMONDON Gilbert, *du mode d'existence des objets techniques*, édition augmentée, AUBIER, 1989.

ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune d'Anderlecht, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune d'Etterbeek, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

ULB-IGEAT ET OBSERVATOIRE DE LA SANTE ET DU SOCIAL, *Commune de Woluwe-Saint-Lambert, fiche communale d'analyse des statistiques locales en Région Bruxelloise*, édition 2/2010

*Glossário/ Dicionário.

Afetos:

Para Deleuze o afeto é uma potência de afirmação, é potência de vida. O afeto é algo que pode ser sentido mais do que percebido²⁶². Algo que atravessa um agente, que se exprime num agente, em função da multiplicidade desse agente. “*The sensations, percepts and affects, are beings, which stand for themselves and transcend all experienceability. (Deleuze and Guattari 2000: 191-192)*”²⁶³.

Árvore-raiz/Rizoma:

A árvore-raiz pode ser oposta ao rizoma bem que um rizoma possa dar uma árvore e uma árvore dar nascença a um rizoma. A árvore-raiz é uma linha rígida, de organização, que arruma competência, que arruma os homens. É uma metáfora que indica um começo do qual tudo parte, ao qual tudo remete. O Estado por exemplo seria uma árvore raiz, algo de centralizado e de tentacular (como o Estado-providência por exemplo). O rizoma seria seu oposto no sentido de rede, território-rede, onde as ligações e as conexões não podem ser facilmente percebidas. Não se sabe onde começa e onde acaba. “: *N’importe quel point d’un*

²⁶² AKERVALL Lisa, *cinema, affect and vision*, Rizhomes : <http://www.rizomes.net/issue16/akervall.html> consultado dia 31/10/2014

²⁶³ *Ibid.* citação de DELEUZE G., GUATTARI F., *Qu’est ce que la philosophie*, 2000

rhizome peut être connecté avec n'importe quel autre, et doit l'être. C'est très différent de l'arbre ou de la • racine qui fixent un point, un ordre. »²⁶⁴ « Il n'y a pas de points ou de positions dans un rhizome, comme on en trouve dans une structure, un arbre, une racine. »²⁶⁵

Conectivismo :

Teoria de Georges Siemens e Stephen Downes que tenta responder a uma nova forma de aprendizagem pelas novas tecnologias e o ciberespaço. Espaço que é difícil de compreender, espaço em rede das informações e da tecnologia. Aqui aprendizagem estaria ligada aos nós e conexões da “rede” da nova tecnologia...

Corpo sem órgãos:

É um corpo pleno, no qual se inserem agentes que em função fenômenos de povos, de grupos, de estilos de enunciação, de conexões. O corpo sem órgão pode ser um campo social com seus agentes (com órgãos) e que se organizam de uma forma específica, forma que pode ser analisada e diferenciada de outras (corpo sem órgão da burguesia, corpo sem órgão do proletariado: aqui seria o corpo sem órgão ligado ao espaço social de P. Bourdieu). Os lobos e uma alcateia, manada de cães são corpos sem órgão.

“Un corps sans organes n'est pas un corps vide et dénué d'organes, mais un corps sur lequel ce qui sert d'organes (loups, yeux de loups, mâchoires de loups ?) se distribuent d'après des phénomènes de foule, suivant des mouvements brownnoïdes [aleatória], sous forme de multiplicités moléculaires. Le désert est peuplé. C'est donc moins aux organes qu'il s'oppose, qu'à

²⁶⁴ DELEUZE G., GUATTARI F., *Capitalisme et schizophrénie : Mille plateaux. Introduction : Rhizome.* Edition de Minuit, Paris, 1980, p. 13

²⁶⁵ *Ibid*, p.15

l'organisation des organes en tant qu'elle composerait un organisme. Le corps sans organes n'est pas un corps mort, mais un corps vivant, d'autant plus vivant, d'autant plus grouillant qu'il a fait sauter l'organisme et son organisation. Des poux sautent sur la plage de la mer. Les colonies de la peau. Le corps plein sans organes est un corps peuplé de multiplicités »²⁶⁶

Ecceidade ou hecceidade: Presente no pensamento de João Duns Escoto: “*Terme créé par Duns Scot. Ce qui fait qu’un individu est lui-même et se distingue de tout autre*” ou « *Ipseitas [identidade individual] : il faut d’ailleurs ajouter que nous disons usuellement dans ce sens individualité (...) on entend alors par-là, l’ensemble de toutes les propriétés, uniques ou non, qui caractérisent un individu(...).* » (LALANDE André, *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, PUF, 1972)

Habitus:

« [...] O *habitus* é o produto do trabalho d’inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva que são as estruturas cognitivas (língua, economia) consigam se reproduzir, na forma de disposições duráveis, em todos os organismos (que podemos, se quisermos, chamar indivíduos) duravelmente submissos aos mesmos condicionamentos, portanto colocados na mesmas condições materiais d’existência” (BOURDIEU P., *esquisse d’une théorie de la pratique*, p.282). “[...] *seus habitus*, isto é, as estruturas mentais com as quais eles apreendem o mundo social, são no

²⁶⁶ DELEUZE G., GUATTARI F. : *op. cit.*, p. 43.

essencial o produto de interiorização das estruturas do mundo social (BOURDIEU Pierre, *espace social et pouvoir symbolique*, 155).

Herderiano :

Que está na linhagem do pensamento de Johann Gottfried Von Herder. Herderiano pode ser entendido como uma evolução natural, étnica ou cultural de um território por oposição a uma construção social. Herder interpreta a história como evolução natural, cada sociedade sendo assim diferente em função do seu *organismo* (clima, paisagem...) (influência forte de Montesquieu). Aparece aqui um pensamento defensor do relativismo de cada sociedade, cada uma tem sua história singular e particular.

Linhas de fuga:

É a saída de um território, é a ação, o devir que não permite voltar o que já foi. Não é o imaginário, não é apenas o imaginário, mas pode estar ligado a ele. É pensar e realizar, é uma desterritorialização que nos faz sair de algo, é um processo ativo e não passivo. *“Voilà que, dans la rupture, non seulement la matière du passé s'est volatilisée, mais la forme de ce qui s'est passé, d'un quelque chose d'imperceptible qui s'est passé dans une matière volatile, n'existe même plus. On est devenu soi-même imperceptible et clandestin dans un voyage immobile. Plus rien ne peut se passer, ni s'être passé. Plus personne ne peut rien pour moi ni contre moi. Mes territoires sont hors de prise, et pas parce qu'ils sont imaginaires, au contraire : parce que je suis en train de les tracer. »*²⁶⁷

²⁶⁷ DELEUZE G., GUATTARI F., *op. cit.*, p. 244

Mónada:

“ A Monadologia leibniziana permite ao mesmo tempo a afirmação do indivíduo e de salvaguardar uma objetividade, uma comunidade das monadas. O individualismo é a característica do real último (a substância é simples, indivisível, e portanto espiritual porque não composta por partes). Cada ser é um ser individuado. Uma “monada” segundo a etimologia (monos) é afirmação de um só, único, indivisível (o que significa indivíduo) e fechado, fechado em si, de forma a preservar essa identidade absoluta de um “um puro” de qualquer alteração. Cada monada se define pelo seu ponto de vista sobre o mundo, sua “percepção” diz Leibniz, e reciprocamente cada ponto de vista é uma monada, uma realidade última, eterna. Se a monada, em virtude da sua espontaneidade, adquire tudo do seu próprio fundo, o que ela adquire não é o mesmo do que para as outras monadas, segundo os pontos de vistas que elas ocupam. Mas um mundo comum é possível. Esse universo fracionado ou disseminado em tantos pontos de vistas que há seres (uma infinidade) é coordenada pelo princípio de uma harmonia pré-estabelecida. Harmonia que reside em Deus que, sendo O ponto de vista de todos os pontos de vista, já não é um ponto de vista particular. Se a monada é na sua incondicionalidade sem portas nem « janelas (Monadologia § 7) - ela não tem relações laterais com as outras monadas - , ela tem uma relação vertical com a “origem radical” de todas as monadas, Deus. Cada monada “exprime” Deus, mas de uma certa maneira, de um certo ponto de vista (é a sua percepção clara e destinta). Cada monada « envelope » o infinito, é uma dobra do infinito (Le pli, Deleuze). A comunicação entre os diferentes

pontos de vistas, é assim assegurada e um mundo comum é possível »²⁶⁸

Patchwork : É uma técnica que coze uma infinidade de bocados de tecidos com tamanhos e formas diferentes. Em português: trabalho em retalho.

Rizoma/ árvore-raiz : Ver árvore-raiz/rizoma.

Spatial turn: O *spatial turn* designa um “movimento” ou uma propensão do uso de uma conceção especial e territorial nas várias disciplinas de ciências sociais. Por exemplo em história, essa propensão começa nos anos 1990, e é marcada « *pela maior propensão dos historiadores a prestar atenção a dimensão espacial no estudo do passado e a ligar relações cada vez mais estreitas com especialistas da geo-história e da geografia cultural* »²⁶⁹. O *spatial turn* aparece mais cedo nas ciências sociais – por volta dos anos 1970 – com aparição de pensadores influentes cujo pensamento é inseparável de uma conceção espacial. Pensamos sobretudo no Fernand Braudel em história; Michel Foucault, Gilles Deleuze e Henry Lefebvre em filosofia, Paul Virilio nas ciências da cultura e urbanismo; Pierre Bourdieu em sociologia...

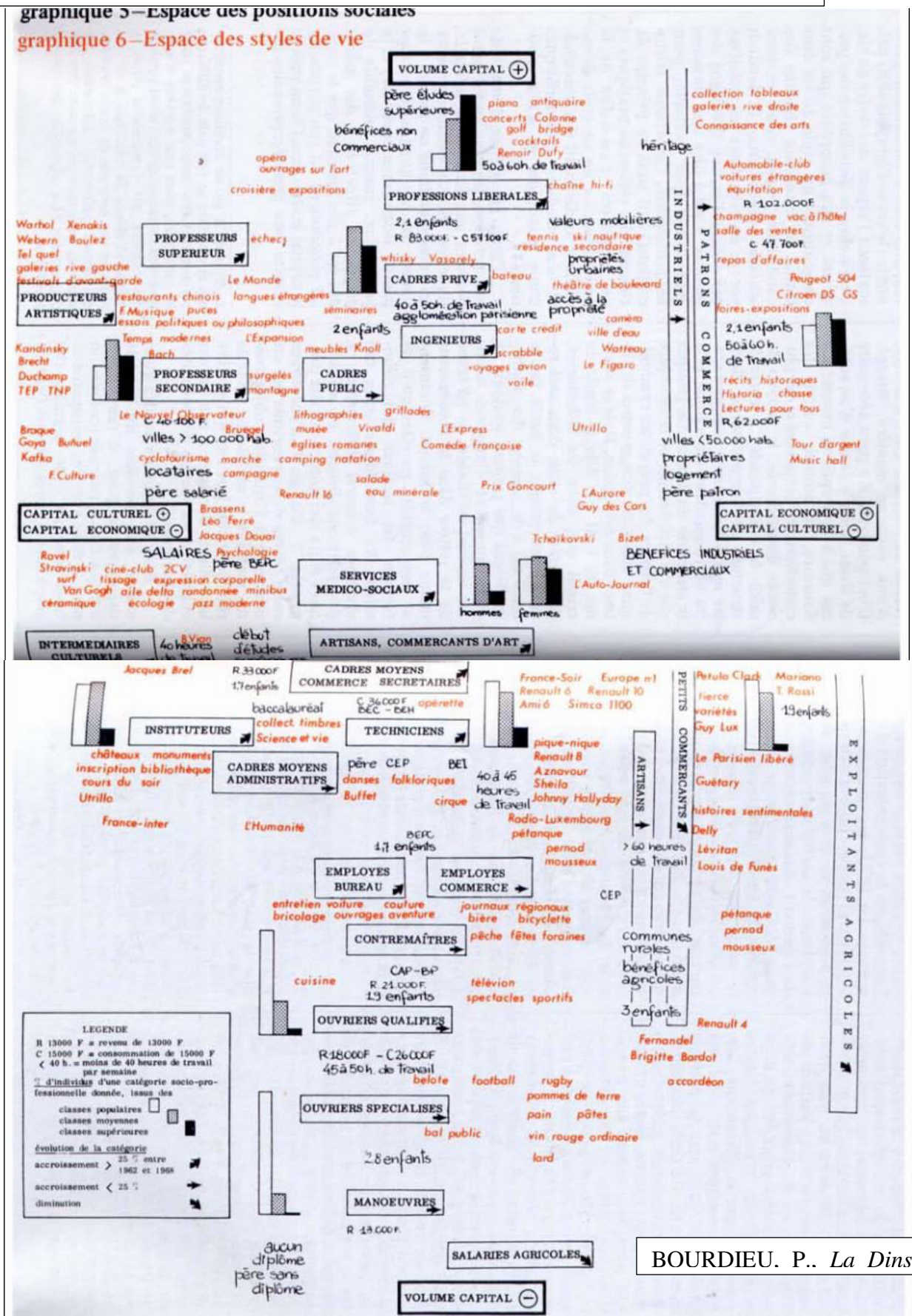
Vestefaliano: Os tratados de Vestefália – ou paz de Vestefália - põem fim à Guerra de 30 anos e à Guerra de Oitenta anos no dia 24 de

²⁶⁸ MENGUE Filipe, *Point de vue et espace politique, vers un espace lisse deleuzien*, conférence du 7 aout 2013, Bonnieux. : <http://www.cafe-philosophie.fr/tag/espace-lisse-et-strie/> (consultado dia 13/10/2014)

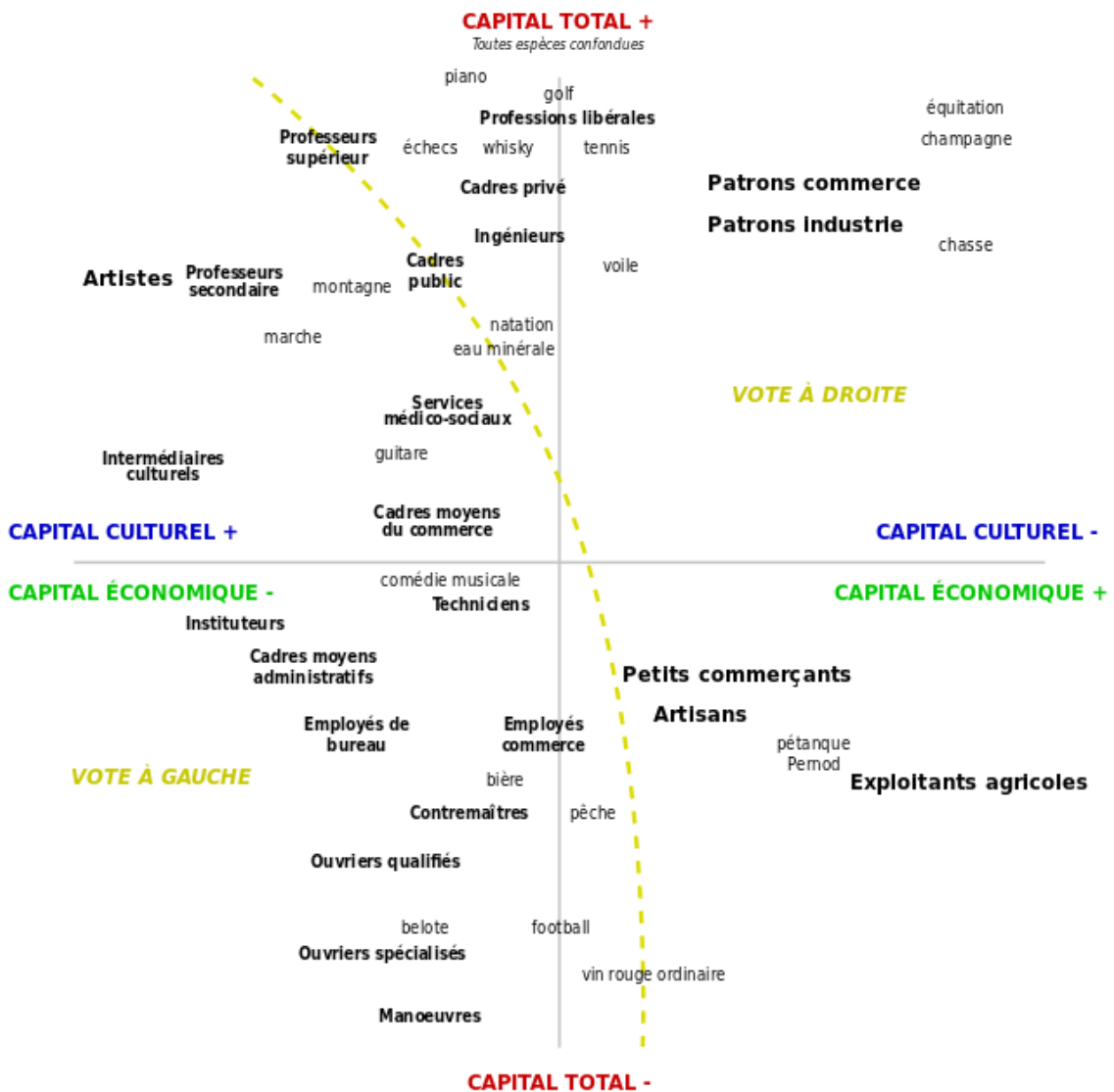
²⁶⁹ TORRE Angelo, *Un « tournant spatial » en histoire ? paysages, regards, ressources*, Annales, histoires, sciences sociales 2008/5, éditions de l'EHESS (Cairn.info) p. 1127-1144

outubro de 1648. Os tratados, assinados em Münster e Osnanbrück, marcam também o começo de uma paz internacional longa com base num sistema dito “*vestefaliano*”. Estes tratados acatam consensualmente uma soberania estatal como forma de organização das sociedades. Soberania que permite o chamado Estado-nação. Podemos destacar três princípios destes tratados: 1) o princípio de soberania externa: nenhum Estado reconhece uma autoridade supranacional, todos os Estados são considerados como iguais. 2) Princípio de soberania interna: Estado tem poder exclusivo no seu território e na população que se encontra nesse território (poder total no seu território e nulo fora desse território). 3) Equilíbrio das potências: nenhum Estado pode ter mais poder que os outros todos cumulados, os Estados têm de impedir um poder hegemónico (pela aliança por exemplo).

ANEXO N°1 : Espace Social de Bourdieu. *La Distinction* 1979



ANEXO N° 2 : Espaço Social de Bourdieu simplificado.

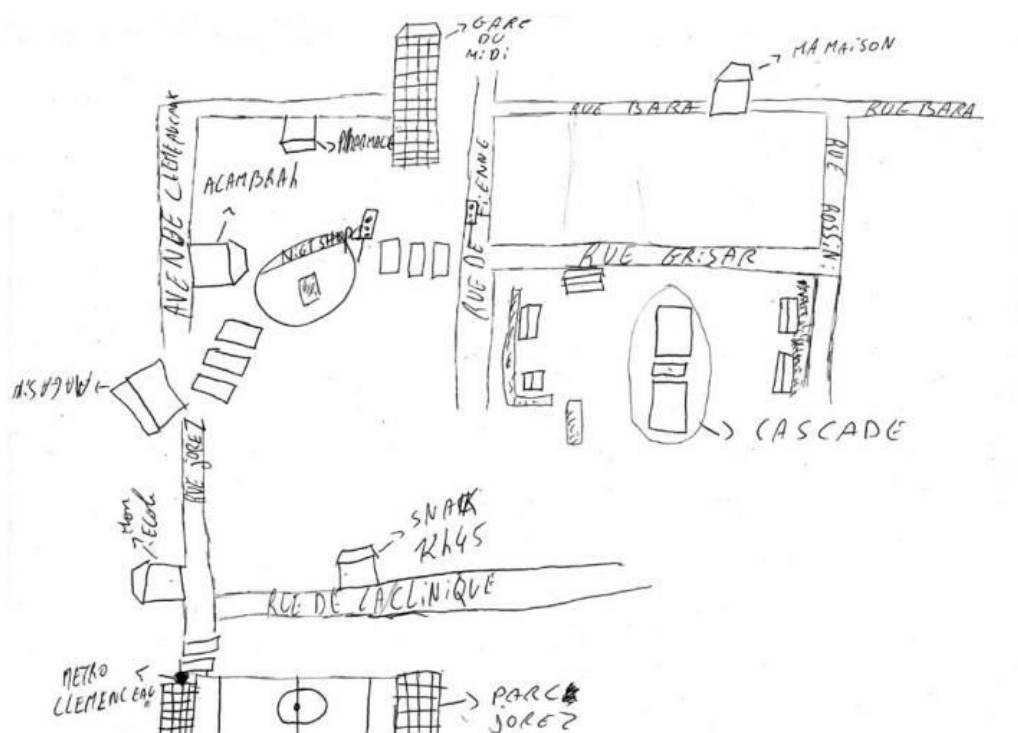


LARDOT Nicolas

ANEXOS DE N°3 a N°31 **proveem todos da mesma fonte** : INTER-ENVIONNEMENT BRUXELLES, *Jeunes en ville, Bruxelles à dos*. Patrocínios : Samarcande AMO (Aides aux jeunes en Milieu Ouvert), Inter-Environnement Bruxelles, asbl, SOS Jeunes- quartier Libre, 2008

ANEXO N°3

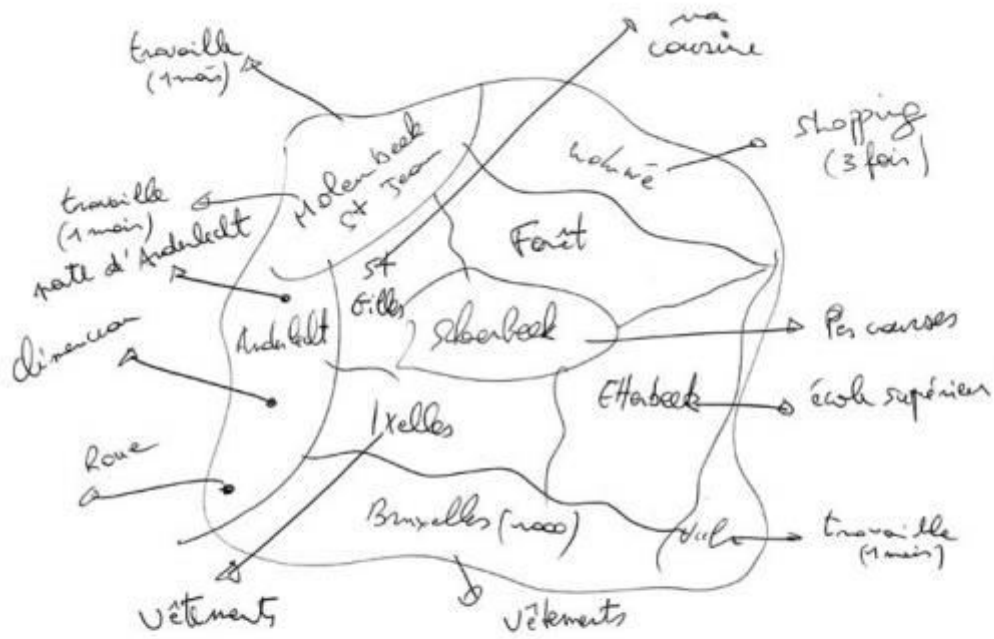
(Abdel : Anderlecht)



ABDEL

ANEXO N°4

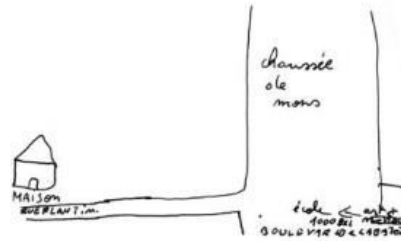
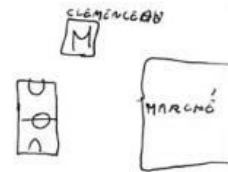
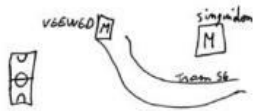
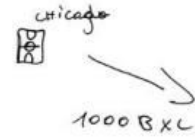
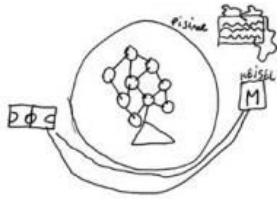
(Anderlecht)



UN JEUNE D'ANDERLECHT

ANEXO N°6

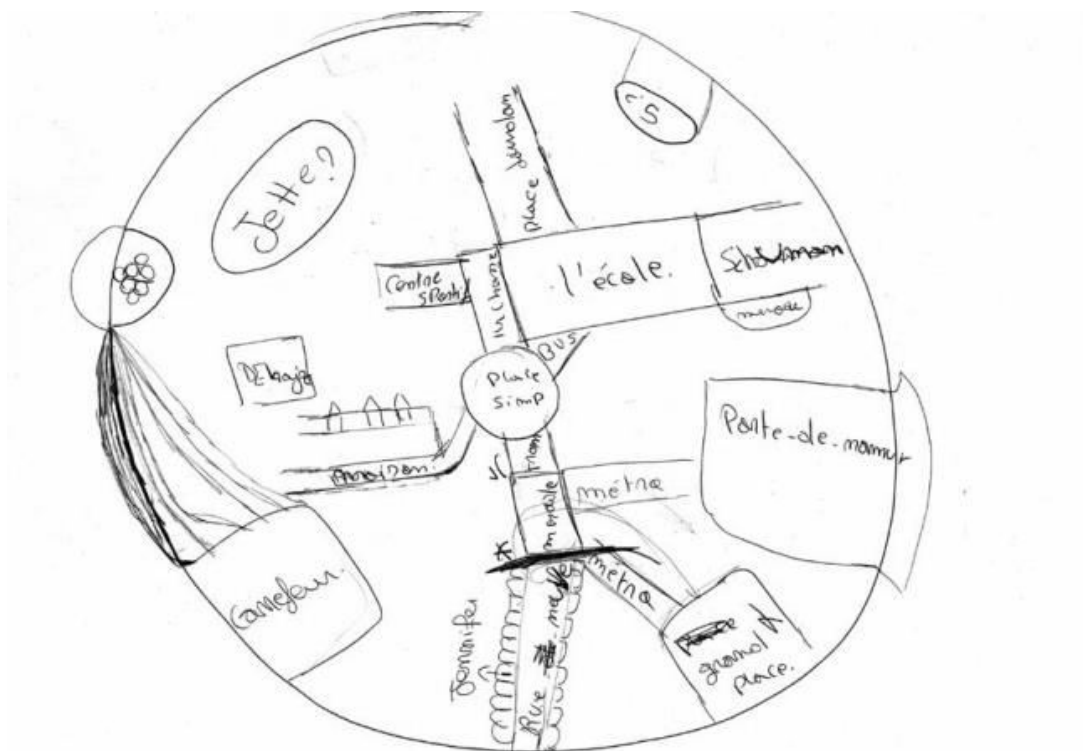
(Kader : Anderlecht)



KADER

ANEXO N°7

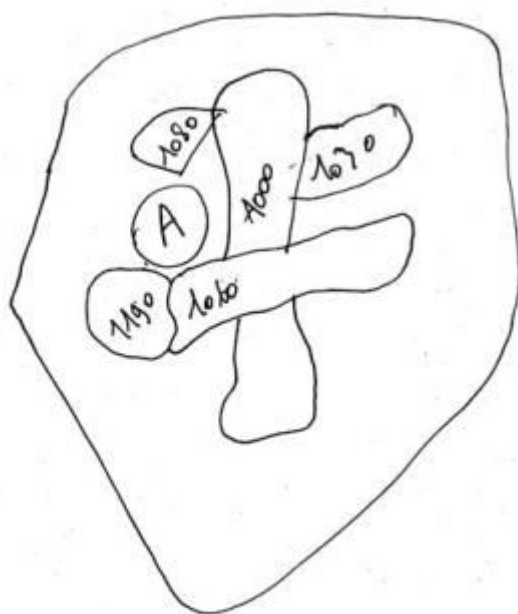
(Etterbeck)



UNE JEUNE D'ETTERBECK

ANEXO N°8

(SAIB : Anderlecht)

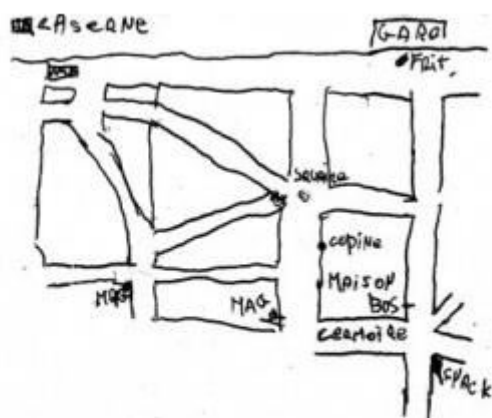


EVERE
SCHARBEEK
ST. JOSSE
Kockelbeek
Jette
r

SAIB

ANEXO N°9

(Andy : Etterbeck)



ANDY

ANEXO N°10

(Hassan : Etterbeck)

☐ walibi

AME
☐
Storck

somerf
☐

Hanche
☐
ABATON

☐
Oleg Noi
☐ ☐
Pacine GB

☐ TIETRE

☐ SAHACANDE

copine
☐ compte de Flaminio

ECOLE
☐
C.E.R.T.A

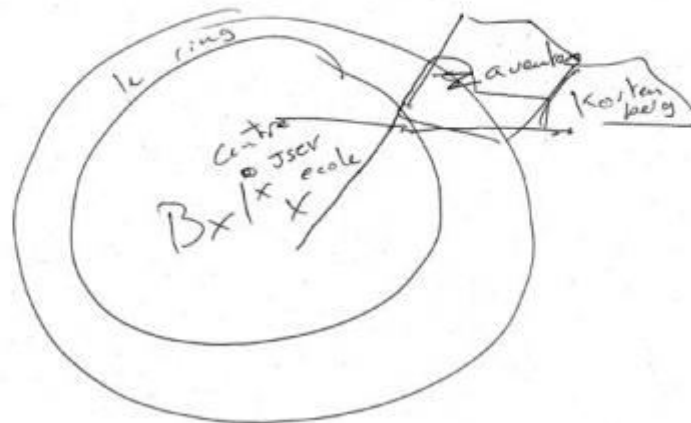
EVER
☐
BOSSI

HASSAN

ANEXO N°11

(Etienne : Woluwe-Saint-Lambert)

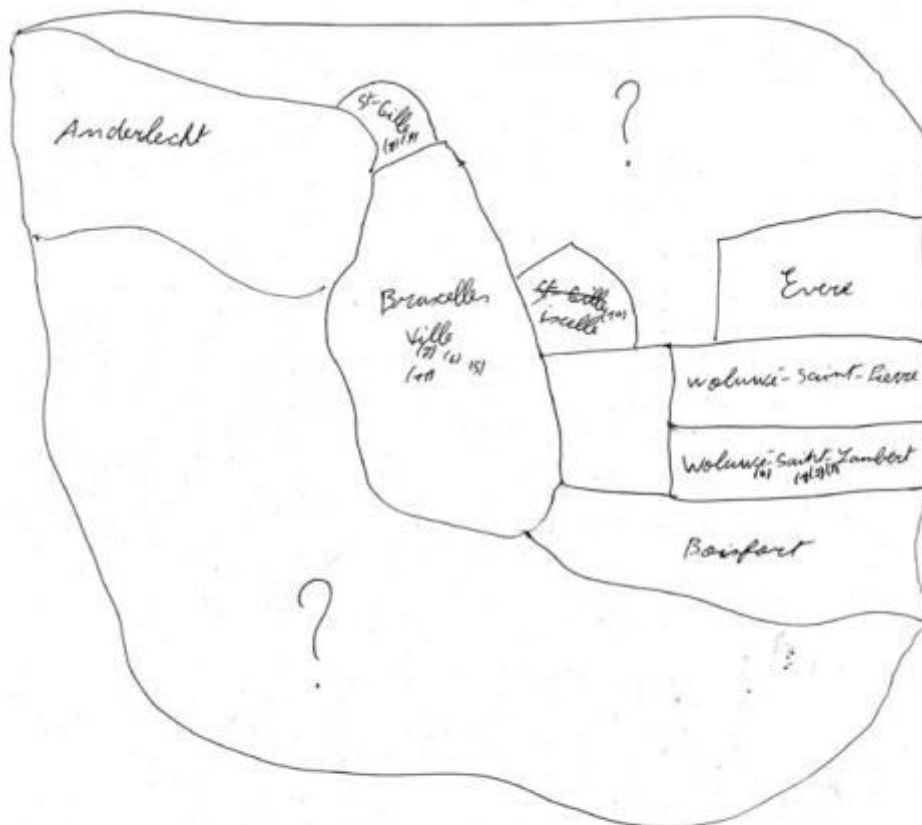
— deux trajet
à vélo



ETIENNE

ANEXO N°13

(Eric : Woluwe-Saint-Lambert)

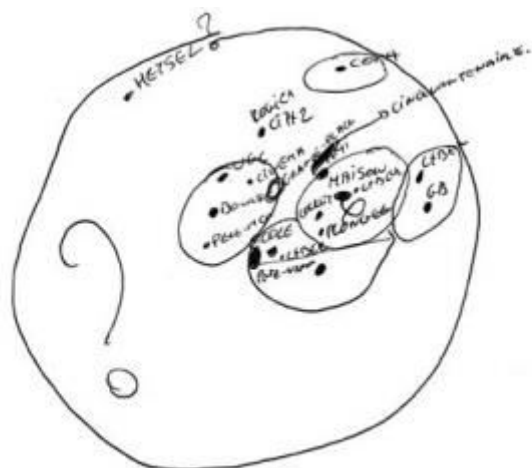


- | | |
|---------------------|--------------------------------------|
| (1) Meirton | (7) place de Beconchère / rue Neuve. |
| (2) Shopping-woluwe | (8) FUSE |
| (3) Alma / IPE | (9) E CAM (école supérieure) |
| (4) JSCV | (10) ULB / VUB |
| (5) park royal | (11) grand place |
| (6) gare central | |

Eric

ANEXO N°14

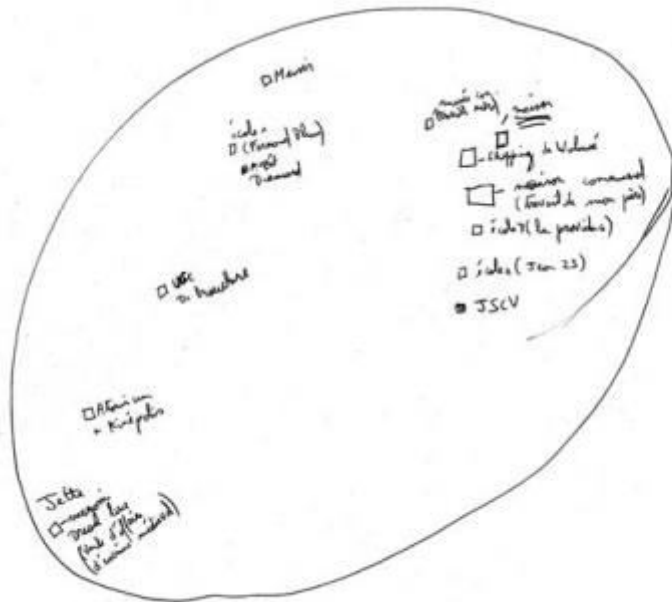
(Jeremy :Woluwe-Saint-Lambert)



JEREMY

ANEXO N°15

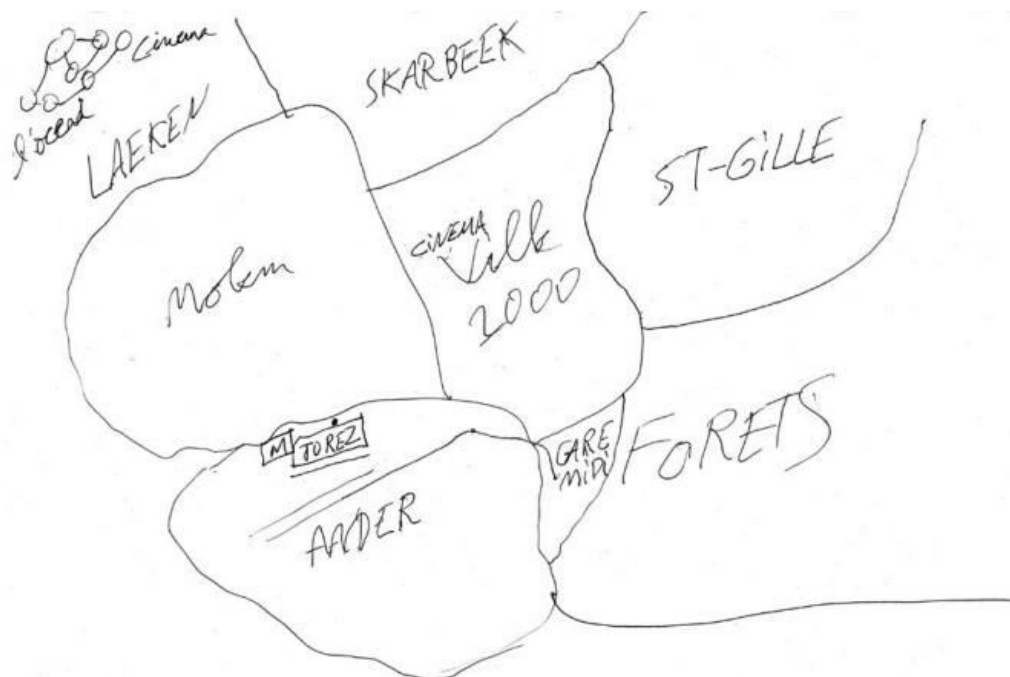
(Guillaume : Woluwe-Saint-Lambert)



GUILAUME

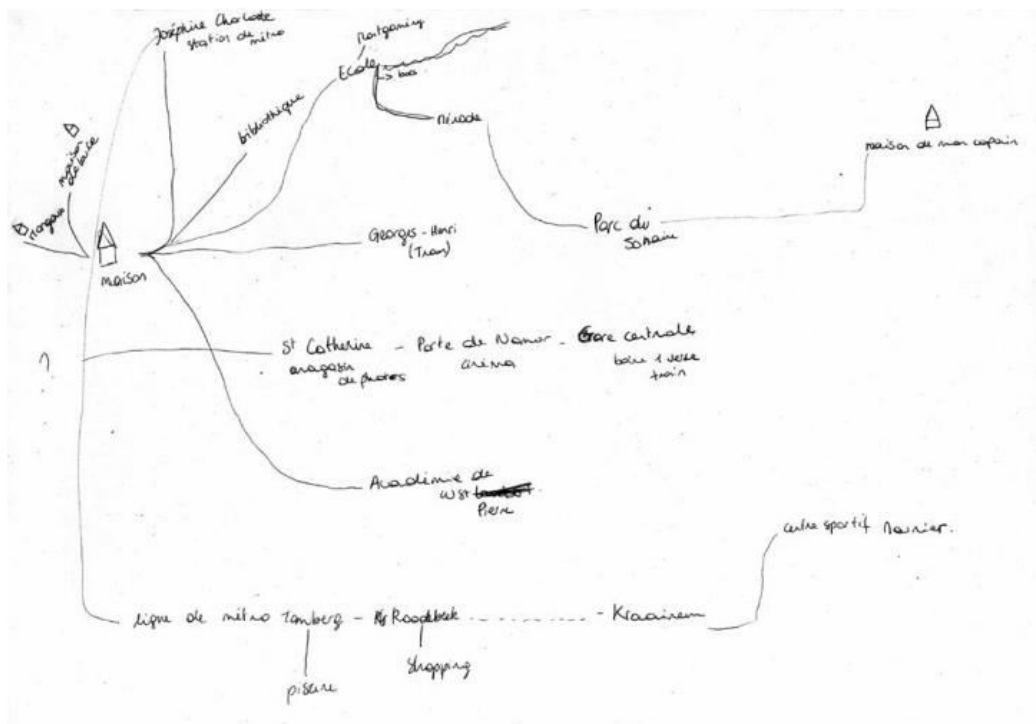
ANEXO N°16

(Imad : Anderlecht)



ANEXO N°17

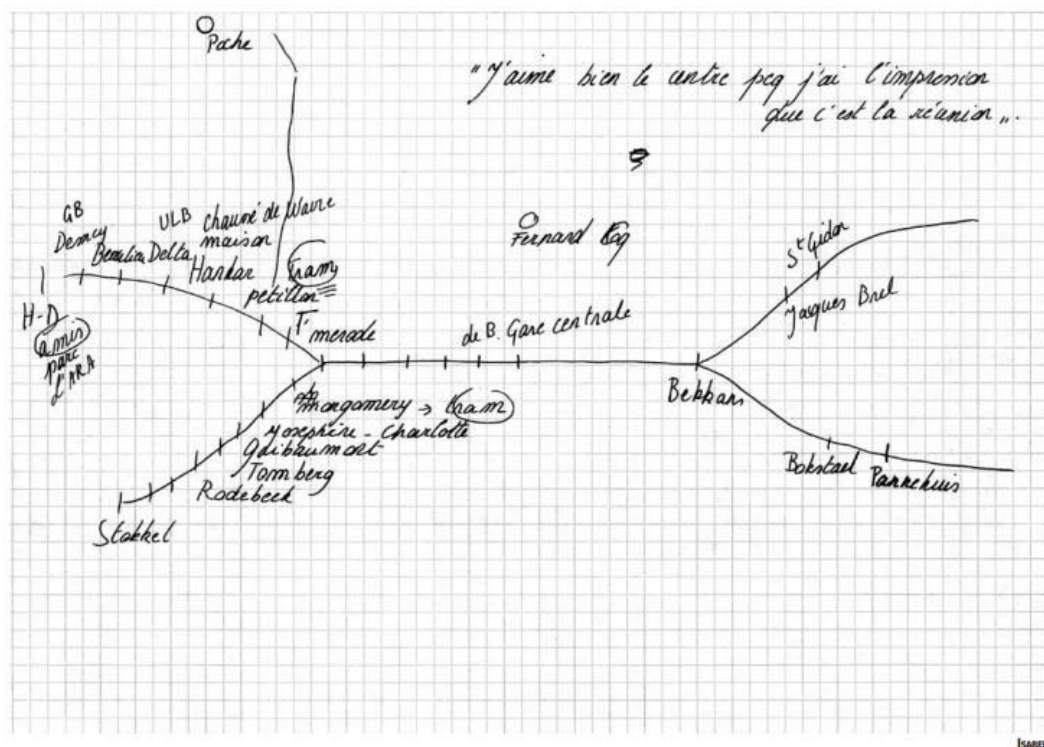
(Anne : Woluwe-Saint-Lambert)



ANNE

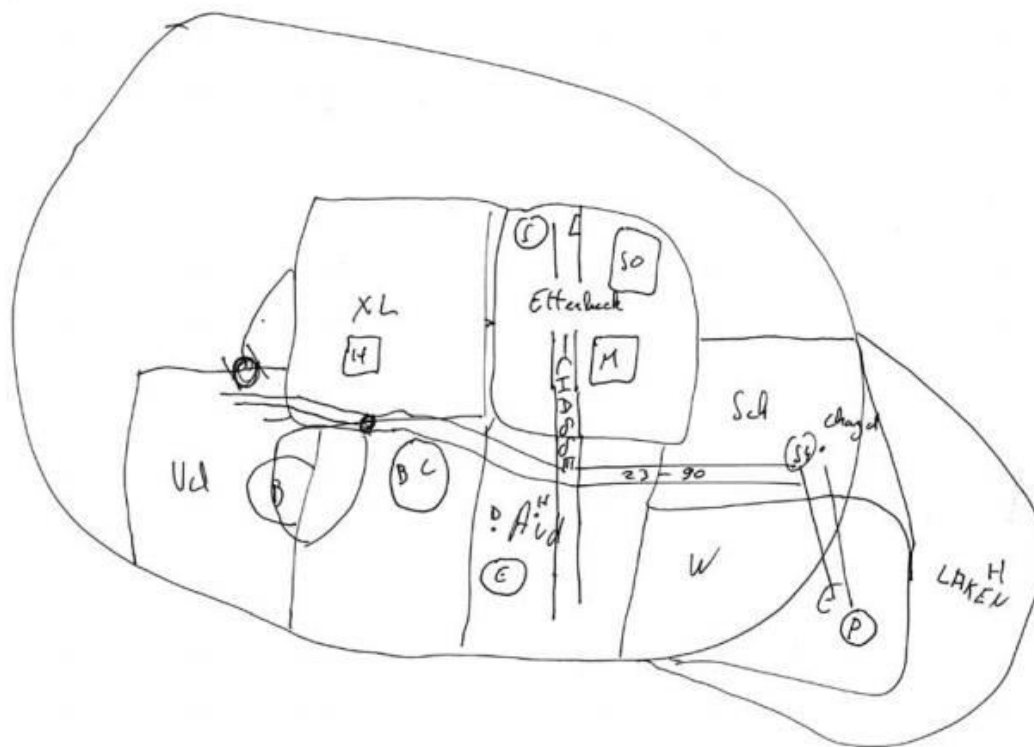
ANEXO N° 18

(Isabele : Woluwe-Saint-Lambert)



ANEXO N°20

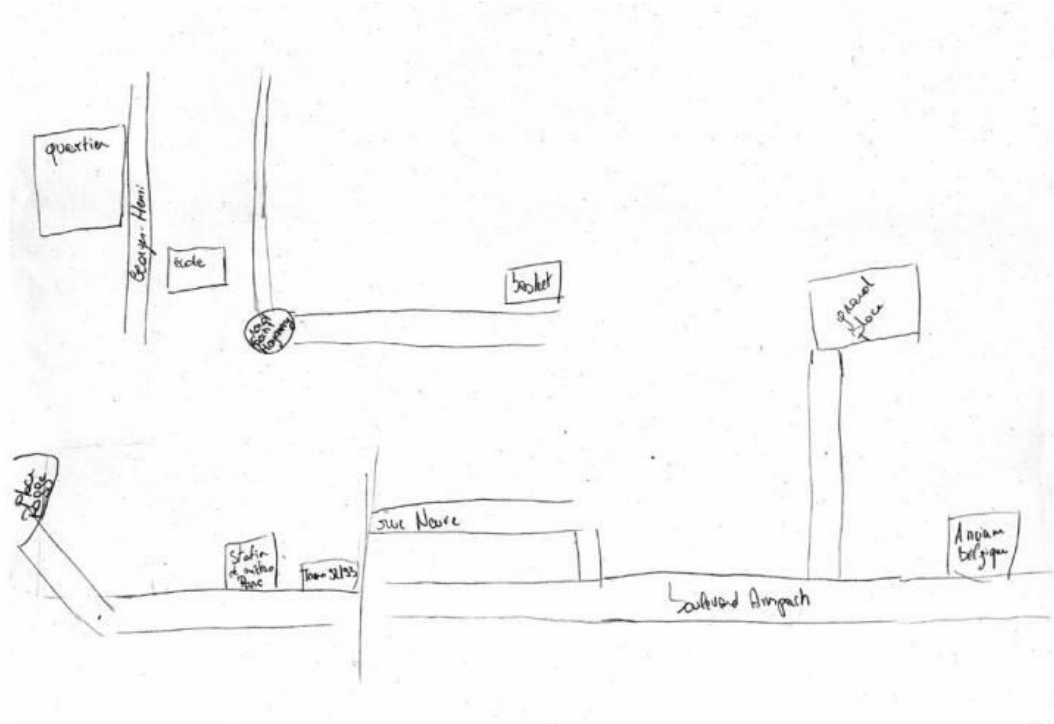
(ALI : Etterbek)



ALI
51

ANEXO N°21

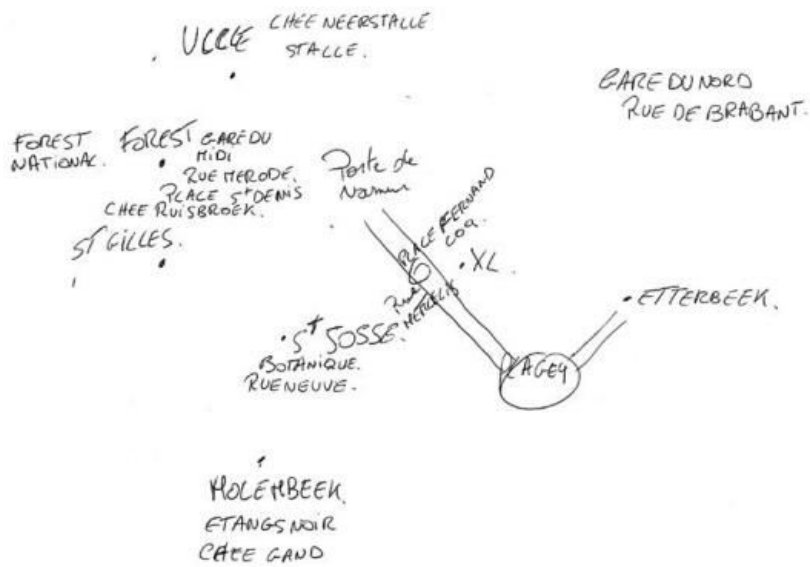
(Emma : Woluwe-Saint-Lambert)



EMMA

ANEXO N°23

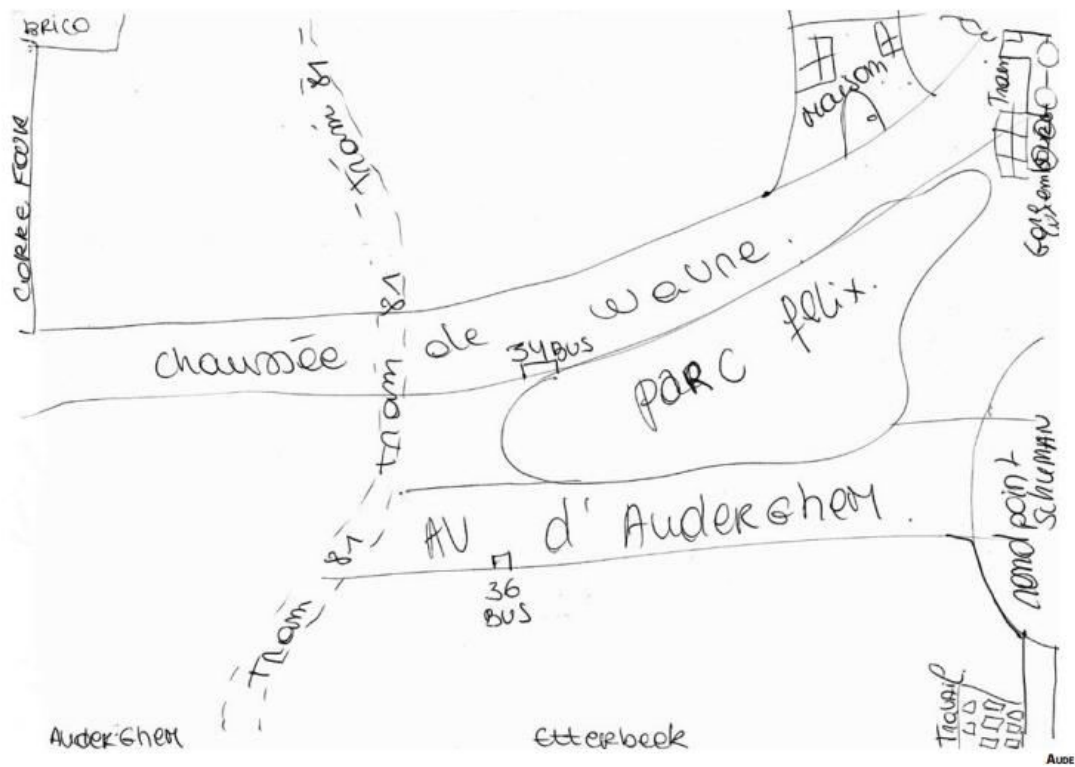
(Fatima : Etterbeck)



FATIMA

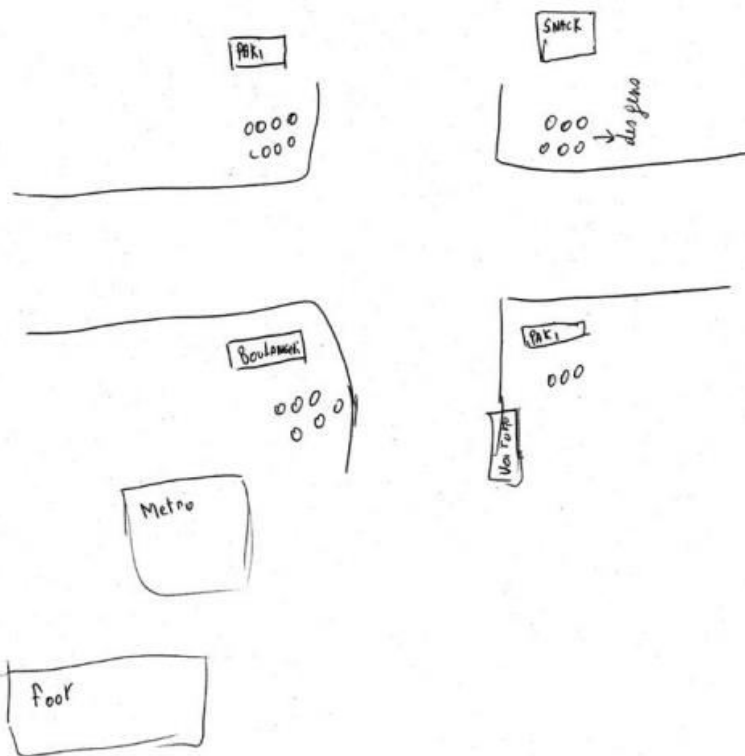
ANEXO N°24

(Aude : Etterbeck)



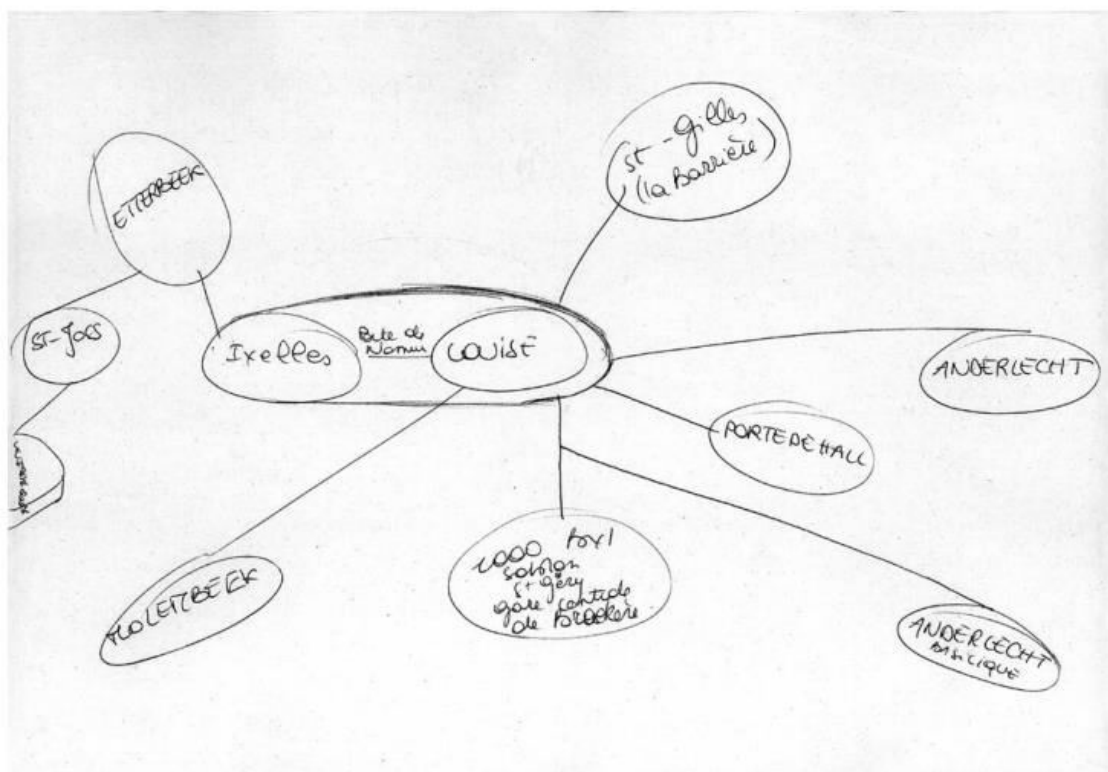
ANEXO N°26

(Abdel :Anderlecht)



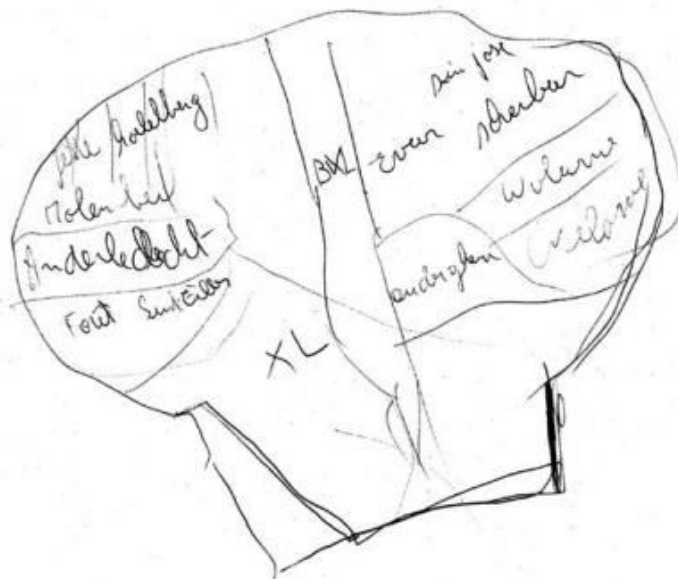
ANEXO N°27

(Aïcha : Etterbeck)



ANEXO N°28

(Ahmed :Anderlecht)

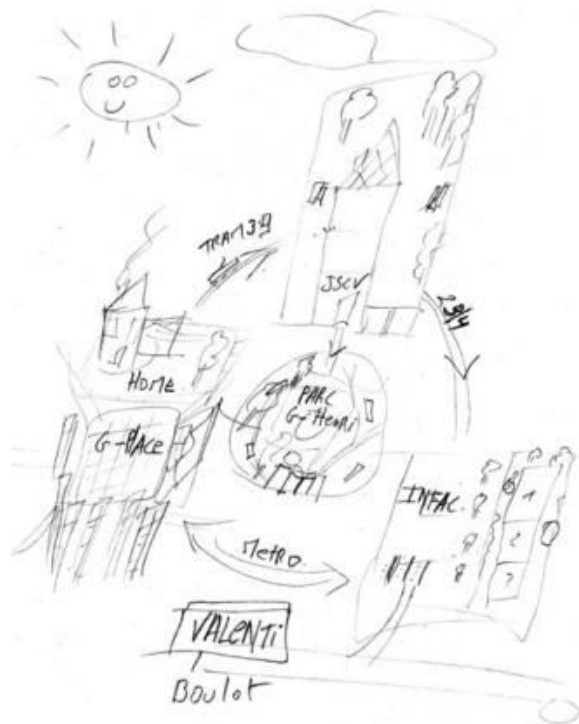


AHMED

29

ANEXO N°30

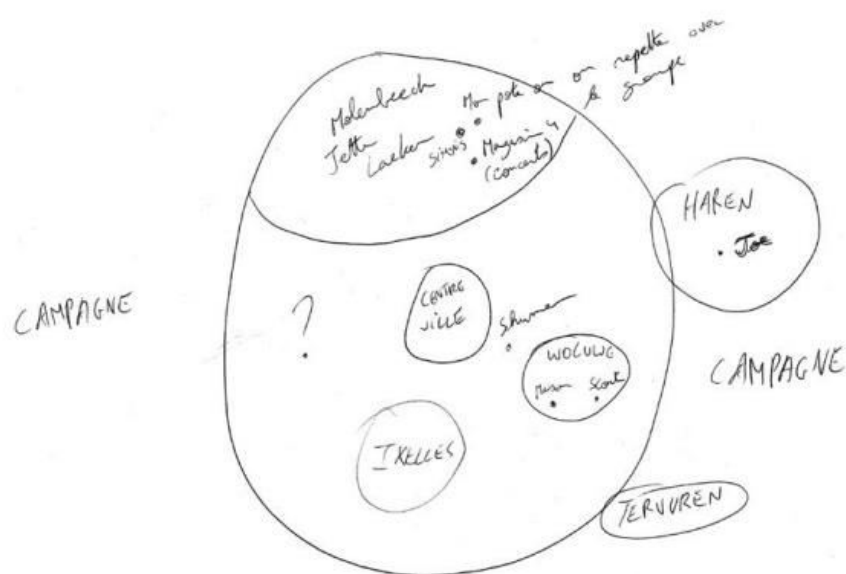
(Damien : Woluwe-Saint-Lambert)



DAMIEN

ANEXO N°31

(Pedro : Woluwe-saint-Lambert)



Pedro